

REVISTA DA SEMANA

N. 1 7-1-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil



AS DEZ "MAIS" DA
GENTE "BEM" CARIOCA

"O EXEMPLO VEM DA CHINA"

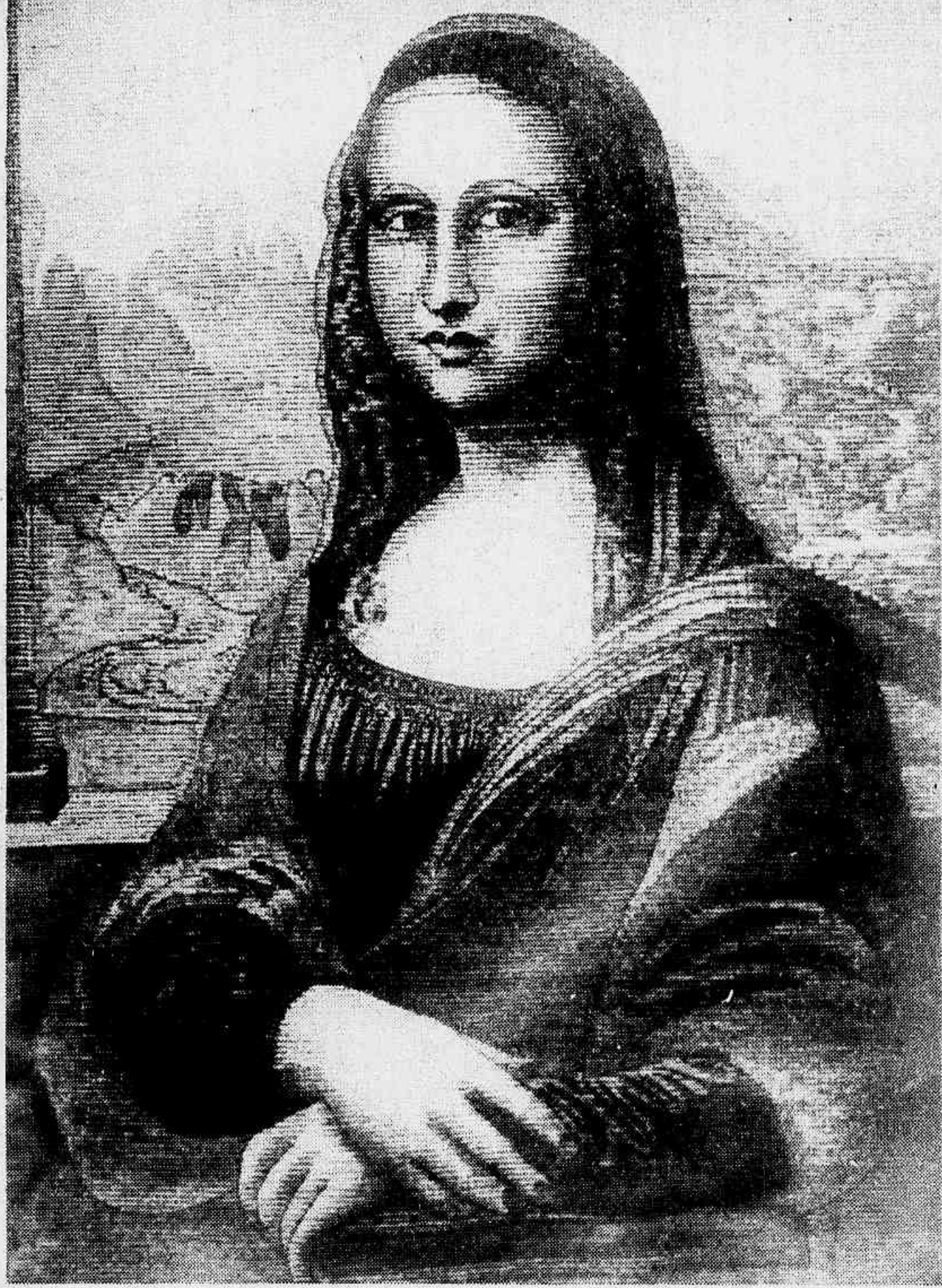


DONA ALBERICH é uma dactilógrafa sui-generis: ao invés de escrever cartas, copia telas célebres. Ei-la, na foto de cima, recriando uma obra de Gainsborough; na de baixo, quando era filmada, já nos Estados Unidos, para um grande programa de televisão. Dona é uma artista diferente.

DACTILÓGRAFA SUI-GENERIS



A TÉ BEM POUCO, a máquina de escrever era apenas um instrumento com que se escreviam documentos, artigos jornalísticos, simples cartas de amor ou comerciais, e tôda uma infinita série de coisas. Agora, porém, descobriu-se uma nova função para ela: a máquina de escrever serve igualmente para desenhar. Exemplo disso é a senhora Dona Alberich, natural de Barcelona, na Espanha. Bem verdade que sua máquina não é uma peça comum: possui o teclado maior, e a fita dispõe de sessenta côres. Com ela, um pouco de talento e muita paciência, Dona Alberich entrega-se ao difícil mister de copiar habilmente, à máquina, as obras primas da Pintura em todos os tempos.



TRÊS EXEMPLOS da arte de Dona: acima, a «Duquesa de Devonshire», do pintor inglês Gainsborough; logo abaixo, a celeberrima «Gioconda», de Leonardo Da Vinci — cujo enigmático sorriso, nota-se, a máquina não conseguiu reproduzir; enfim, o «Retrato» de Mme. Vigée Le Brun e sua filhinha.



OS NORTE-AMERICANOS, que não perdem oportunidade de apresentar pessoas e fatos que fujam ao comum, tomaram imediatamente conhecimento da existência de Dona Alberich, e resolveram explorar suas habilidades realmente notáveis. Assim, a senhora — pois que se trata de uma senhora de quase sessenta anos — já se encontra nos Estados Unidos, onde vem de ser, não faz muito tempo, filmada para a televisão. Um imenso programa da TV americana, encarre-



gou-se de apresentar a inúmeros espectadores, espalhados por todos os Estados Unidos, a arte de Dona Alberich. Pena é que ainda não exista a televisão em cores, de vez que tôdas as reproduções realizadas pela habilidosa artista conservam as cores dos originais. A «Gioconda», de Da Vinci, o «Retrato», de Madame Vigée Le Brun e sua filha, e a «Duquesa de Devonshire», de Gainsborough, aproximam-se, tanto quanto possível, da coloração original. Quanto ao desenho, basta observar as fotos que ornarn essas páginas para ver até que ponto consegue Dona Alberich aproximar-se do modelo escolhido. Dona, que há muitos e muitos anos se entrega à sua arte, já executou centenas e centenas de «pinturas dactilográfadas», que ornarn as paredes de sua modesta casa, em Barcelona — assim transformada em um verdadeiro museu de uma arte tão interessante quão inusitada.



MAGALI COSTA
Centro Alcofrense e da Região de Lafões.



STELLA MARIA S. DE BRITO
Casa do Minho.



IRENE RODRIGUES
Centro Alcofrense e da Região de Lafões

Rainha das Associações Portugêsas

ATÉ 31 DE JANEIRO AS INSCRIÇÕES DAS CANDIDATAS



HILDA RIBEIRO
Banda Lusitana



NILZA PEDREIRA
Casa do Minho.



RUTH ROCHA GOMES
Casa do Minho.

EM REUNIAO da Comissão Executiva do «certame», instituído pela REVISTA DA SEMANA, em combinação com a «Voz de Portugal» e o programa Revista de Portugal, da Rádio Globo, para eleger a Rainha das Associações Portuguesas, foi deliberado transferir para 31 de janeiro próximo, a data de encerramento das inscrições respectivas. Tal medida foi adotada para atender ao apêlo de várias associações locais, que alegaram ser o mês de dezembro menos próprio para a apresentação de suas representantes, quando as festividades natalinas programadas, iriam colidir com o outro objetivo. Tem, assim, as interessadas, mais algum tempo para se inscreverem.

NA CASA DO MINHO

Até agora, a associação que maior número de candidatas reuniu, é a veterana Casa do Minho. Mais de vinte jovens estão inscritas, e, dentre elas, uma será escolhida, pela própria entidade, para a representar junto a comissão julgadora. Sábado, 15 do corrente, foi ali realizada uma bonita festa para o desfile dessas interessantes e bonitas jovens, noite que marcou um ponto alto para o nosso certame. Destacou-se, nessa festividade, a participação do Grupo Folclórico Maria da Fonte, recentemente fundado pela Casa do Minho, que deu maior brilhantismo à «soirée», com o seu magnífico repertório regional.

OUTRAS INFORMAÇÕES

Ainda que transferida a data do encerramento das inscrições, isso não impedirá que a Rainha, já eleita, venha a apresentar-se em fevereiro, por ocasião dos festejos carnavalescos, com a sua faixa de vencedora. A coroação, terá lugar no sábado de Pascoela — o primeiro sábado depois do Carnaval — e desde então, a Rainha das Associações Portuguesas, com um (ou uma) acompanhante, poderá viajar para Portugal, onde será carinhosamente recebida, hospedando-se, ali, no Hotel Tivoli, um dos melhores estabelecimentos do gênero, na capital lisboeta.

Voltamos a solicitar das interessadas, a remessa de suas fotografias, de preferência nas dimensões 13x18 ou 18x24, para serem publicadas em nossas páginas, a exemplo do que vimos fazendo nestas últimas edições. Damos, hoje, as fotos de outras candidatas. Vale dizer que, até agora, nenhuma delas foi escolhida oficialmente pelas respectivas associações.

A COMISSÃO JULGADORA

Deliberou também a comissão executiva que os nomes componentes da comissão, incumbida de eleger a Rainha, não serão previamente co-



O GRUPO Folclórico Maria da Fonte, que abrilhantou a festa da Casa do Minho, em que desfilaram mais de vinte candidatas ao título de Rainha das Associações Portuguesas.

nhecidas. Podemos adiantar que da mesma participação ilustres figuras luso-brasileiras, da maior insuspeição. Mas nenhum elemento desta revista, da «Voz de Portugal» ou da Rádio Globo será incluído.

★

Tôdas as quartas-feiras, às 20,30 horas, vem se reunindo a Comissão Executiva, na sede do Liceu Literário Português, para providenciar as demarches do certame e atender a qualquer consulta. Além das bases já divulgadas, qualquer informação pode ali ser feita pelas associações ou pelas candidatas.



ISMENIA GOMES GONÇALVES
Casa do Minho.



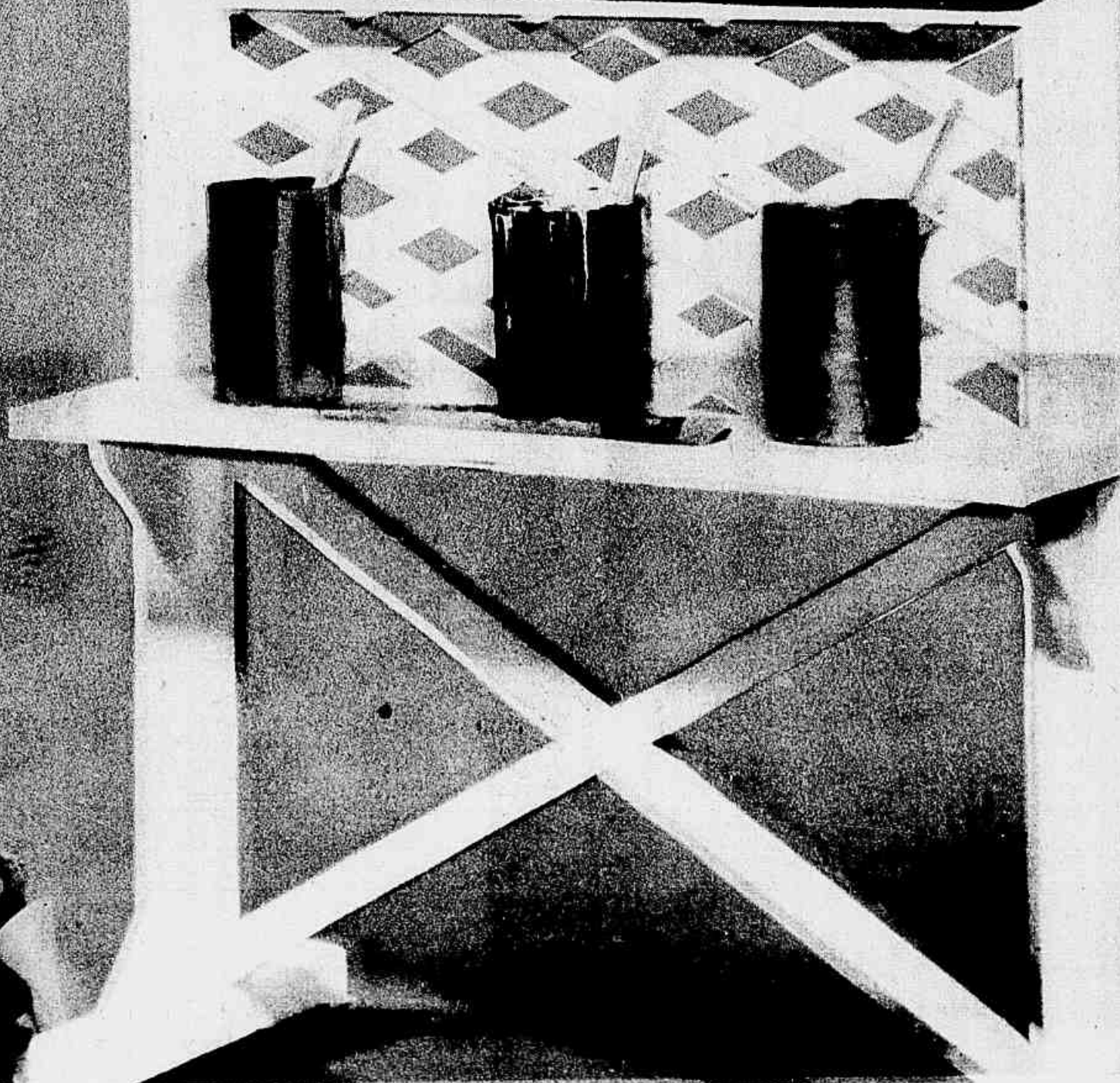
DELMA DA SILVA BARROS
Casa do Minho.



NAIR RAMOS SILVA
Casa do Minho.



ANN MILLER
(Metro-Goldwyn-Mayer)



REDATOR-CHEFE.....Celestino Silveira
ASSISTENTE....José Roberto Teixeira Leite
PAGINAÇÃO.....Victor Tapajós
COLABORADORES — Adalgisa Nery, Demóstenes Varela, Hynenny Gomes, Petrarca Maranhão, Milton Salles, Pedro Müller, Sérgio Silveira e Vinicius Lima.
ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón, Fortuna, Jeronymo Ribeiro e Maria Tereza.
FOTOGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Dactilógrafa Sui-Generis	2/3
As Dez Mais de 1955	8/10
A Fôlha de Parreira	16/17
Simeão Edita os Novos	24/25
1956? Pode Entrar	28/29
Quando a Noite Cai	32/33
Eles Jogam Futebol de Pijama	36/37
Iremos à Lua em 1956?	40/43
O Exemplo vem da China	47/49

SEÇÕES

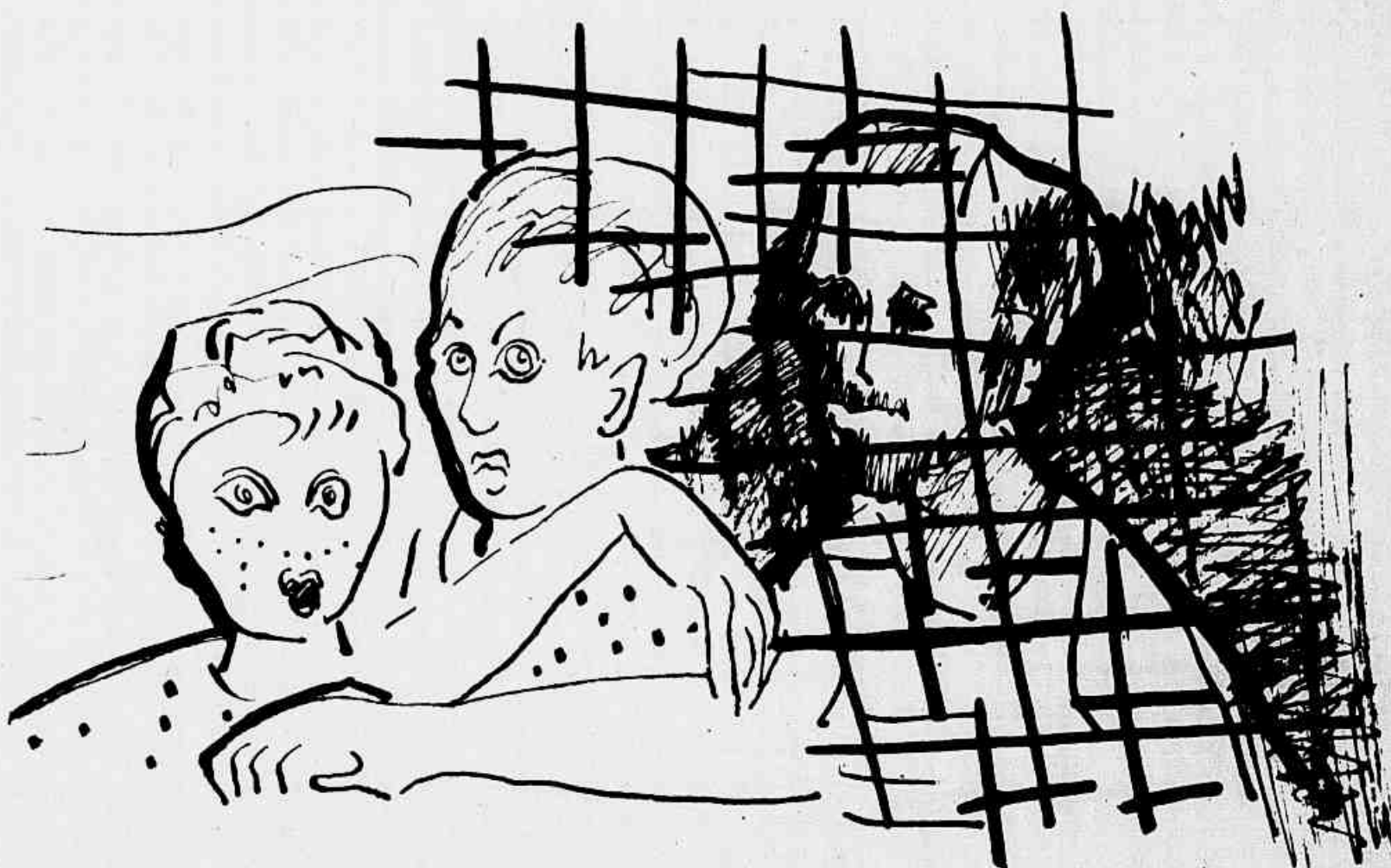
Champanhota	11
Puxe Pelo Cérebro	12
Semana em Revista	14/15
Artes	18
Pelas Esquinas da Noite	19
Por Esse Mundo de Deus	20/21
Palavras Cruzadas	22
Femininas	30/31
TV na Revista	39
Astrológica	44
Literária	45
Revista há 50 Anos	46
Último Flash	50
Figura em Foco (Silveira Sampaio) ..	51
Fortuna	54/55

LITERATURA

Escolas ou Penitenciárias? (Adalgisa Nery)	7
Um Homem no Hospital (José Louzeiro)	26/27
Nizia Figueira, sua Criada (Mário de Andrade)	34/35
O Machado de Prata (Conan Doyle) ..	38
A Tentação (G. Zapolska)	52/53

CAPA

Shirley McLaine (Kodachrome Paramount — «O Terceiro Tiro»).



Desenho de MARIA TEREZA

Escolas ou Penitenciárias?

NÃO conheço gente mais desmemoriada que o brasileiro. Acima de tudo, o brasileiro nomeado para qualquer setor administrativo. As providências para soluções rápidas dos problemas, são afirmadas de maneira peremptória no momento de entusiasmo porém, dias depois ficam inteiramente desligadas dos juramentos e das promessas. Na hora dos discursos de posse temos a impressão que é o representante de Deus quem fala. Jura que resolverá tudo, e nesse tudo coloca a sua honra, a sua dignidade e a sua consciência como garantia da sua eficiência e boa vontade. Mas depois?!

Estamos verificando agora o caso das vagas nas escolas. Há três ou quatro anos, a imprensa mostrou com justificada revolta, os primeiros sinais do problema. Exibiu filas de pais de alunos esperando desde as primeiras horas da madrugada, pela abertura dos portões das escolas, para efetuarem as matrículas dos seus filhos. Realmente havia razão para revoltas e protestos violentos. O número de crianças em idade escolar superava o de vagas nos estabelecimentos do governo. O natural seria, diante dessa amostra, que as autoridades providenciassem com antecedência sobre a questão e não deixá-la crescer como vemos hoje. Cumprissem as suas promessas e não teríamos o espetáculo deprimente estampado nos jornais, mostrando o resultado imperdoável da indiferença dos homens da administração responsáveis pela educação do povo. Nasceram brasileiros. E' coisa esperada e normal. Crescem e desejam aprender a ler e a escrever.

E' coisa também prevista sem dificuldade. Procuram escolas mas, o número delas é o mesmo que tínhamos há dez anos atrás, e em consequência, milhares de crianças perdem mais um período de ensinamentos preciosos. Isso não é natural, não é normal nem é correto.

A criança não tendo matrícula na escola, fica analfabeta e por permanecer analfabeta, paulatinamente vai se tornando marginal. Depois como não sabe ler nem escrever o essencial para um emprego modesto, ao chegar aos 14 ou 16 anos, desce para o ambiente da ociosidade, e da ociosidade para o crime. Nesta hora o SAM também não tem vagas e quando aparece uma, é bem preferível deixar o menor na liberdade das ruas e transformá-lo num técnico da depravação e da revolta, coisas intensificadas de maneira desumana por esse departamento governamental.

Isso, por que há quatro anos, quando a primeira fila surgiu na madrugada à porta das escolas primárias os homens da nossa administração preferiram ficar nas belas palavras de um discurso pronunciado entre uma floresta de microfones em vez de providenciarem construções de escolas modestas mas em número suficiente para atender aos brasileirinhos que aumentam a nossa população. Para Maracanãs de toda a espécie, há verbas e muita pressa em edificá-los. Quem sabe o programa de construir penitenciárias agrada mais aos homens da administração pública do que levantar escolas em profusão em todos os bairros da capital?

AS DEZ MULHERES DE SOCIEDADE

Uma noite, os Senhores Roberto Seabra, Sérgio Figueiredo e o autor desta reportagem estavam jantando com calma e vagar numa de nossas "boites", quando surgiu a idéia de se promover uma "enquete" entre os homens de Sociedade para saber-se qual era a mulher mais bonita. Tudo surgiu de uma discussão sobre beleza. No mesmo momento, alguém disse: "Já que se pergunta qual a mais bonita, por que não saber-se também qual a mais elegante?". O resultado é que, na altura da sobre-mesa, já havíamos resolvido que procuraríamos saber não só a mais bonita e elegante, como a de mais "charme", mais simpatia, mais esportiva, mais inteligente, de mais "sex-appeal", mais distinta, de mais personalidade e a que melhor recebe. E, ali mesmo, escolhemos (eu exigi a presença dos dois na "enquete" e, no momento, colhi os seus votos) os homens que integrariam a lista do júri e que foi a seguinte:

Dom João de Orleães e Bragança

Alfredo Tomé

Gilberto Marinho

Adolpho Claudio da Graça Couto

Aloysio Muniz Freire

Barão Marx Stuckart

Jorge Guinle

Sérgio Figueiredo

Nelson Seabra

Assis Chateaubriand

Roberto Seabra

Napoleão de Alencastro Guimarães

Murilo Moreira

Harry Stone

Antonio Maria

Alberto Faria

Luis Barroso

Alberto Proença de Faria

Joaquim Guilherme da Silveira

Carlos Eduardo de Souza Campos

Ary de Castro

Carlos Alberto Rocha Faria

Gilberto Rocha Faria

...E o resultado da votação é o que se segue:

MAIS "SEX-APPEAL"

Na verdade, a escolha seria apenas da mais «sex». Houve, porém, muita gente que achou a coisa apimentada demais. Uma senhora mais «sex» seria, realmente algo chocante. Antônio Maria, em crônica, levantou a lebre. Consultamos uma porção de gente. Uns a favor, outros contra. Até que nos lembramos de rebatizar a fórmula. Resolveu-se então que seria a mais «sex-appeal»... e tudo ficou em calma.

x x x

Dizem que a última poesia de Vinicius de Moraes sobre a mulher perfeita teve como fonte de inspiração a srta. Carmem Teresinha Solbiatti. Alta, falando bem e bastante, gesticulando um bocado, tem o dom de encantar todos os homens e causar um certo ciúme às mulheres. Sua personalidade é tão grande quanto o comprimento de seus longos cabelos que ela usa soltos e costuma pentear (para alegria dos homens de bom gosto) à beira da piscina do Copa. Já experimentou sucesso na Europa e, quando passa tempos no Rio, os cronistas paulistas começam a reclamar. Das poucas pessoas que pode usar cabelos compridos e soltos (há quem critique) foi eleita numa «enquete» promovida no Rio, ela que mora em São Paulo. Jacinto de Thormes disse que se ela se candidatasse à Miss Universo, dificilmente o Brasil perderia a parada. Além de todas as suas belezas, tem este dom que é um toque e que a fez escolhida entre tantas.



MAIS BONITAS



Nascida Sherwood, a sra. Dolores Guinle é hoje casada com um dos membros da tradicionalíssima família Guinle, o sr. Jorge Guinle. Vivendo há muitos anos no Brasil, dá-se com figuras do «society» internacional e tem hospedado as grandes personalidades que nos visitam. É curioso notar que seu gênero de beleza é completamente diferente do da senhora (Lurdes Faria) que lhe seguiu na votação. A senhora Dolores Guinle não pratica esportes, prefere viver à noite e acredita que o sol (em demasia) é das piores coisas para a pele. É loura e não é só beleza; eleita a mais simpática, já figurou na lista nacional de Jacinto de Thormes e internacional de Cholly Knickerbocker. É, realmente, uma mulher de beleza extraordinária.

x x x

A senhora Lurdes Faria que já figurou entre as que melhor praticam esportes em sociedade, pescadora de dois oceanos, beleza morena, quemadíssima de sol, faz um gênero que cultiva o ar livre. Mãe de um casal de belezas, casada com nosso particular amigo e homem de negócios, sr. Alberto Proença de Faria, tivemos com ela um «papo» sobre beleza. E convenhamos que ela encaminhou da maneira mais esportiva do mundo essa conversa, ao passo que nosso diálogo sobre esporte foi conduzido de maneira belíssima.

SELECIONADO GRUPO MASCULINO, ELEGE

QUE MAIS SE REALÇARAM EM 55

MAIS ELEGANTE



① Foi vitoriosa, nesse setor, a metade do casal vinte. Sim, a sra. Teresa de Souza Campos foi a mais votada. Desde 1952 é hóspede da lista das elegantes. O sr. Carlos Eduardo de Souza Campos, por seu lado, figurou na lista dos homens mais bem vestidos. Viajam todos os anos, recebem com perfeição, têm uma bela casa e gostam de sair. Já receberam personalidades de projeção internacional, entre elas, a Duquesa de Devonshire e o Príncipe Ali Khan. Acredita que uma mulher de posses médias pode e deve vestir-se bem e que pouca gente veste-se hoje, inteiramente, por Paris. Faz o elogio das nossas coisas, no reino da moda. Qualquer pessoa pode vestir qualquer «linha», tendo apenas o cuidado de escolher o modelo que lhe fica melhor. «Bom gosto, aprende-se, mas, elegância, é coisa espontânea».

x x x

Seguiu a sra. Teresa de Souza Campos, a sra. Nelson Caldeira que, desta forma, figura pela segunda vez nesta «enquete». Sua elegância é ponto pacífico em todas as reuniões e houve um cronista que já propôs que ela fosse «hors-concours», nas listas elegantes. Nascida francesa, é bem educada, natural, inteligente e tem uma das bonitas casas paulistas. E' casa com o eficientíssimo homem de negócios, o sr. Nelson Mendes Caldeira que preside formidáveis transações paulistas.

x x x

A sra. Angelo Sertório, nascida Maria Luisa Heitor de Mello, já apareceu várias vezes na lista das dez mais e é irmã de outra elegante, sra. Maria Cecília Fryman. Joga golfe, tem uma finura muito cultivada, já foi decoradora, é muito bonita e fala inglês e francês tão bem quanto o seu idioma. Sobre tudo, é pessoa de muito bom gosto em tudo que faz. E' casada há menos de um ano.

MAIS INTELIGENTE

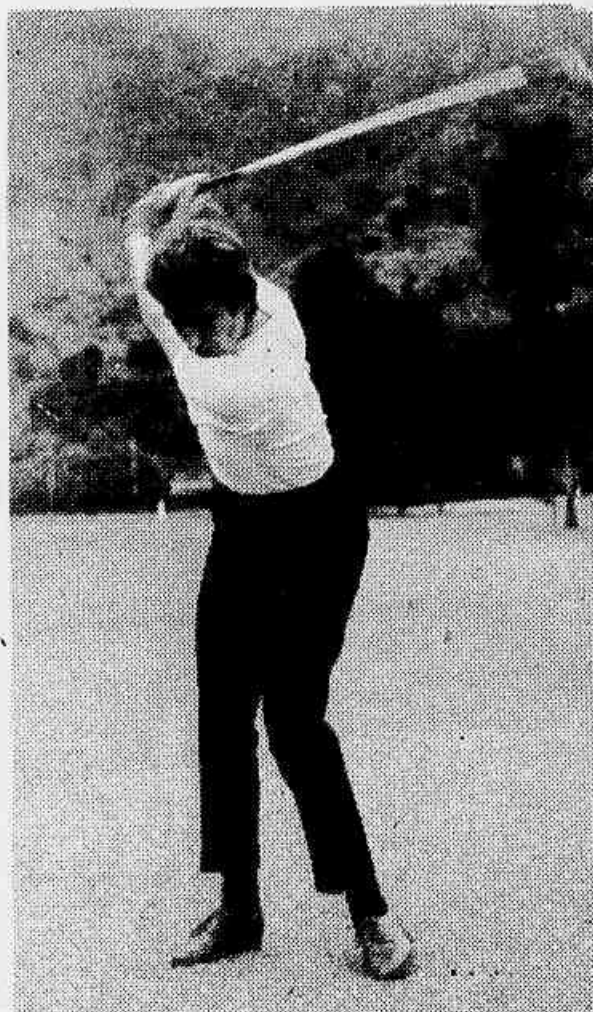
① A senhora Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti, casada com o grande dirigente de bancos e seguros, sr. Sanchez Larragoiti, é autora de «... A Seara de Caim», livro de muito sucesso e que dado o interesse despertado, foi passado para o francês. Um dos grandes valores das nossas letras, já teve a honra de representar o governo do Brasil em missões no exterior. Ela figura, pela segunda vez, nesta «enquete» escolhida que foi como a senhora de mais personalidade. Representa a cultura e o faz muito bem.

x x x

Charme e inteligência, eis duas grandes qualidades que fizeram a sra. Irene Guinle figurar igual número de vezes nesta «enquete». Talvez por ter nascido no Egito, de pais ingleses e criada na França, o fato é que essa descendente da família Harbib é uma poliglota. Já figurou, por diversas vezes, em listas de mais elegantes, além de ser das pessoas que bem recebem.



MAIS ESPORTIVA



① Escolhida pelos homens de sociedade como a senhora que melhor pratica esporte, ou melhor, que com mais afinco e perseverança se dedica ao golfe, a sra. Mário Oswald, nascida Elizabeth (Bety) de Castro Maia, é sobrinha do maior pescador do Brasil, sr. Raimundo de Castro Maia, famoso também pelo seu amor às árvores. Primeiro nadou. Há dez anos, iniciou-se no golfe, para acompanhar o marido que é excelente jogador. Joga no Itanhangá e no Gávea e seu principal triunfo foi ter ganho a semifinal do Campeonato Brasileiro de 1951. Acha o esporte fundamental para a saúde e que devia ser mais praticado. Prefere e recomenda o golfe, mas, sob o ponto de vista da elegância, acredita que a equitação é o primeiro.

x x x

Um bonito peixe com rodela de limão, numa travessa de prata, era tudo que a sra. Lurdes de Faria conhecia de pesca, até conhecer seu marido. O aprendizado começou com o noivado. A princípio, acreditamos, que o peixe mais visado fosse mesmo o sr. Alberto Proença de Faria. Hoje, ela é uma grande pescadora, com vitórias em dois oceanos. Quem quiser encontrar o casal Proença de Faria, aos domingos tem que se deslocar para Cabo Frio. Alguns meses por ano, com seus dois filhos (Alberto III e Adalgisa) passa na pequenina cidade fluminense. Foi péssima patinadora mas brilhou em Cabo Blanco, puxando um merlim listrado de 70 quilos, portanto, mais pesado que Lurdes. Mas, ela não é só uma grande pescadora. E' uma beleza também, pois foi escolhida na lista da mais bonita. Para nós é tudo isso e muito simpática também.

MELHOR "HOSTESS"

① E' possível que antes desta «enquete» alguém, por malícia, pusesse em dúvida o título que os cronistas sociais vêm conferindo à sra. Naná Winnans: a «hostess n° 1». Apurada, no entanto, a votação para a escolha da melhor «hostess», a sra. Naná Winnans teve uma votação tão extraordinária que não deixa margem à menor suspeita quanto aos méritos que os cronistas vêm apontando.

Não é carioca, nasceu em São Paulo, mas fez pelo Largo do Boticário o que Rubem Braga fez por Cachoeiro do Itapemirim. Já recebeu grandes personalidades, como Doris Duque, o duque de Alba, um dos filhos de Ford, Dean Acheson, e acrescenta que receber não deve ser um «acontecimento», mas um hábito de todos os dias.

Criada num ambiente de bom gosto, fez decoração com a sra. Fifi Assunção, formando o «H», casa de grande sucesso. Tem intensa vida social, mas acorda invariavelmente às sete horas da manhã e segue direto para o seu jardim, onde cuida pessoalmente de cada planta. Tem uma coleção de troféus ganhos em provas hípias. Herdou o amor pelos bichos e o resultado é que costuma ir às feiras, onde compra macaquinhos e solta no parque de sua casa. De tradicional família, foi a primeira senhora brasileira a voar a jacto, no trajeto de Bombaim à Roma. Viaja-díssima, conta com interesse suas viagens e traz preciosidades para sua coleção. Possui três estátuas chinesas que são cobiçadas por meio mundo. Na sua casa, detestando almoçar só em companhia do sr. Bob Winnans, tem sempre gente convidada.



AS DEZ MULHERES DE SOCIEDADE QUE MAIS SE REALÇARAM EM 1955

MAIS "CHARME"

3 Distinção e charme provocaram três senhoras empatadas no primeiro lugar. Curiosa coincidência, para chamar as três senhoras são: uma egípcia, uma brasileira e uma parisiense, todas três residentes no Brasil.



A sra. Fernando De Lamare, nascida Leite Garcia, tem a suavidade e agudeza dos Leite Garcia. É natural, gosta de falar de crianças, tem três: Maria Cristina (10), Fernando (8) e Antônio Carlos (1) e, segundo já foi noticiado, já tem outro encomendado. Não sabe o que é charme e, se sabe, não quer dizer. Carioca, do Alto da Boa Vista, adora praia, estudou no Sion, é casada com um atarefadíssimo homem de negócios que descansa praticando pólo. Não sabe o que é charme, repetimos, mas diz que a base dele é a espontaneidade e gostar de gente. Prefere jantares informais e de poucas pessoas. Responde às perguntas com presteza e malícia e acha essencial a mulher ser verdadeira e ter uma certa dose de sensibilidade. Ela tem as duas coisas em grande quantidade.

x x x

A sra. Cristiane Caldeira será citada, uma vez mais, na lista das mais elegantes. Aliás, não poderia haver lista de elegantes sem que ela figurasse. É extraordinário que uma senhora, residente em São Paulo, numa «enquête» promovida no Rio, entre homens do Rio, saia classificada e por duas vezes. Isso vem, uma vez mais, provar que a sra. Nelson Caldeira não só é das pessoas mais elegantes, como dona de um charme extraordinário. Casada com um dos generais dos empreendimentos financeiros de São Paulo, tem um filho que lhe herdou as tradições de elegância, o sr. Jean Louis Lacerda. Possui uma das casas de mais bom gosto em São Paulo e passa os verões em Guarujá. Quase todos os anos visita a Europa.

x x x

A sra. Irene Guinle nasceu no Egito, descendente de ingleses e foi educada na França. Mas, toda essa confusão de línguas fez da sra. Irene Harbib a excelente poliglota que é hoje a sra. Carlos Guinle Filho. Inteligente, já figurou por diversas vezes na lista das mais elegantes. Gosta de iatismo e lê muito. Encontra-se atualmente na Europa. É das melhores «hostess» do Rio.

MAIS PERSONALIDADE



3 A sra. Ivone Monteiro lidera, sem dúvida, e a seu modo, a sociedade, da mesma forma que o fazia, digamos, o sr. Henrique Liberal. Este é o conceito que sobre a citada senhora expendeu o cronista Jacinto de Thormes; com ele, estamos inteiramente de acordo. O resultado deste destaque que a elegante Ivone Monteiro goza foi a sua escolha como a de «mais personalidade».

Trata-se de uma das mais viajadas senhoras e, nesse viajar, por curiosa coincidência, ela persegue o verão da Europa e do Brasil. Resultado: está sempre muito morena. É bonita e das pessoas que mais freqüentam, dividindo o seu tempo com a casa, as reuniões sociais e os acontecimentos filantrópicos. Conta as coisas de maneira inteiramente pessoal e esta é a razão porque toma sempre conta dos

programas de rádio e televisão a que comparece. Gosta de Dior e Givenchy, se bem que tenha excelentes idéias próprias. É simpática e amável.

x x x

A sra. Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti teve igualmente o seu nome escolhido para representar a personalidade entre as senhoras do «society». Figura das mais representativas das nossas letras e da cultura brasileira, enfim, não nos foi possível entrevistá-la, pois encontra-se acompanhando sua mãe que está adoentada. Esperamos porém, dizer alguma coisa sobre ela, pois foi escolhida a «mais inteligente».

MAIS DISTINTA

3 Nada mais, nada menos que três senhoras tiveram o primeiro lugar na escolha da mais distinta.

Infanta da Casa Real de Bourgon, S.A.I. Dona Esperança de Orleães e Bragança foi escolhida pela «enquête» promovida por este colonista, como uma das 3 mais distintas senhoras de nossa sociedade. Educada na Europa, vive em Petrópolis, no Palácio Grão Pará, vindo muito raramente ao Rio. Casada com S.A.I. Dom Pedro de Orleães e Bragança, tem uma vida das mais ativas, dividindo o seu tempo com sua casa, seis filhos (o último nascido recentemente) e os compromissos com obras sociais. Monta com perfeição e cuida com carinho de seu grande jardim. Fica, desta forma, a Casa Imperial do Brasil representada e da melhor maneira.

x x x

Filha do grande jornalista Oliveira Rocha, a atual sra. Carlos Guinle, mãe de nossos amigos Jorge e Carlos, passa os verões na belíssima granja de Teresópolis, propriedade da família. Mudou-se da bonita mansão de Botafogo (atual Embaixada Argentina) para um formidável «triplex» no Flamengo, com andar de salas marmoradas e um lindo jardim suspenso. Nêle já desfilaram chefes de Estado, figuras de projeção em todo o mundo, jornalistas mais famosos, artistas de todas as procedências. Representa com grande categoria uma das mais tradicionais famílias brasileiras. Toca piano muito bem e, por dois anos consecutivos, figurou na lista das mais elegantes. É das pessoas que recebem no Rio com perfeição.

x x x

A sra. Heloísa Williamsens, que tem o apelido de Elô, é casada com o presidente da Bolsa de Valores, sr. José Williamsens. É elegante e deixou uma tradição neste sentido na família, pois tanto a sra. Williamsens, como sua filha, sra. Antônio Carlos Conceição, já figuraram na lista de Jacinto de Thormes. Seu «hobby» são as orquídeas e seu marido um excelente polista. Uma faixa de cabelos brancos a caracteriza.

MAIS SIMPÁTICA

3 Duas senhoras foram primeiras, na escolha da mais simpática. Trata-se realmente... de duas simpatias, se bem que tenham gênios completamente diferentes.

A sra. Dolores Guinle, brasileira há alguns anos e nascida norte-americana, mãe brasileira e gosta que a considerem brasileiríssima, aparece também como a mais bonita senhora de nossa sociedade. Já tem figurado em várias listas, tanto nacionais como estrangeiras, em elegância. Quando soube que havia sido escolhida para mais simpática, teve a seguinte frase: «Estou mais feliz de ter sido escolhida como a mais simpática, pois beleza é fator que a gente deve aos pais, ao passo que simpatia é mérito pessoal». Acha seu marido, o sr. Jorge Guinle, o homem mais simpático do mundo e acredita que a fórmula de simpatia seja gostar e se interessar sinceramente pelas outras pessoas. Neste momento, encontra-se nos Estados Unidos, onde foi passar o Natal na companhia de seus pais.

x x x

A sra. Vera Leite Garcia Goes, casada com o homem de negócio, sr. Gerardo Goes, foi eleita «mais simpática», é carioca, estudou no Sion, gosta de pintura, dedica-se com grande cuidado aos seus 3 filhos (Célia Maria, Maria Luísa e João Carlos), está casada há 8 anos, prefere os Estados Unidos à Europa, quando está no Rio vai à praia e, se o calor aumenta muito, transfere-se para a já tradicional mansão dos Leite Garcia, a «Samambaia», em Petrópolis. É muito natural e gosta de vida calma.





• Dentro de pouco tempo, ninguém em Sociedade falará em outra festa que não seja a que se está programando para a quarta-feira da semana de Carnaval e que conta com a imaginação diabólica do sr. João Dória e com a colaboração e apóio do dinâmico sr. Hélio Machado, prefeito de Salvador. Nada menos de cinco "convairs" da Cruzeiro, cedidos pelo sr. Bento Ribeiro Dantas (dos mais entusiasmados), levarão pessoas da Sociedade carioca. Outros aviões transportarão pessoas das Sociedades de São Paulo e Porto Alegre. Trata-se de fazer uma festa fechada (sòmente pessoas convidadas) e que se estenderá (para aquêles que quiserem e puderem permanecer em Salvador) por tóda a semana de Carnaval, até a quarta-feira de cinzas. Haverá outras coisas programadas, como candoblês e escolas de samba. A decoração será cuidada por Caribé e Mário Cravo. Marcará época o "Baile do Galo Vermelho" que invadirá as cidades com seu símbolo inconfundível.

Os dirigentes convidarão o sr. Jorge Guinle, considerando a posição privilegiada que tem em Sociedade e os serviços prestados ao turismo brasileiro, para coordenar a delegação carioca e tódas as providências necessárias a um pleno sucesso. Estamos torcendo, conhecedores como somos de seus trabalhos pró turismo, que êle aceite.

Na bonita residência da sra. Irene Guinle, a «hostes», a sra. Célia Singery e o sr. Ângelo Sertório.

CINCO "CONVAIRS" NUMA FESTA ELEGANTE E DOS DIABOS. — NATAL, NATAL, NATAL E ANO NOVO TAMBÉM.

A Associação das Senhoras Benéficas alegrou o Natal de 3.000 crianças com um espetáculo infantil. A sra. Nelson de Queiroz está de parabéns.

• O sr. Celmar Padilha está se mostrando um interessado e eficiente diretor social. Na Hípica, apresentou com sucesso, Elza Miranda.

Numa bonita e simpática cerimônia, o Country Club concedeu ao sr. Vicente Galliez (que, na presidência, tanto fez pela associação) o título de Presidente de Honra. Uma homenagem justa para quem muito trabalhou pelo mais aristocrático dos nossos clubes.

• A bonita sra. Dolores Guinle e seu filho Jorginho foram passar o Natal na companhia de

seus pais e avós. Na véspera do Natal, o sr. Jorge Guinle foi juntar-se à esposa.

• Corre a notícia de que Marta Rocha e o sr. Alvaro Piano iriam se casar em Buenos Aires, a fim de evitar a grande onda que se faria, caso o enlace fôsse no Brasil.

• O embaixador da Índia e Rani de Mandi darão uma festa, no dia primeiro do ano, cuja originalidade de acôrdo com os costumes de sua terra, terá início às quatro horas da manhã do primeiro dia de 1956.

• Estêve em São Paulo o embaixador da França, sr. Bernardo Hardion e sua esposa. A presença do diplomata liga-se ao fato de que de-

verá condecorar amigos da França, residentes em São Paulo.

• Os srs. Luís Bastian Pinto, Fernando Ferreira, Murilo Moreira, Henrique Tamm, Antônio Alberto Tôres, Oscar Simon, Herbert Quadros, Roberto Assunção e Walter Quadros, todos solteiros, organizaram uma grande ceia de Natal, retribuindo aos inúmeros convites recebidos durante o ano.

• Na semana que passou, tivemos a satisfação de comparecer ao jantar que o sr. e sra. Raul Pimenta ofereceram após o casamento de seu filho, Gil, com a srta. Nicéia Silva Cruz. A reunião, na bonita e fresquíssima «boite» das Canoas foi das mais alegres e reuniu um grupo enorme de amigos.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

• Um dos mais formidáveis bailes de Ano Novo foi o que o casal Kovarik organizou na Hípica paulista. Todo o mundo social esteve presente.

• O hotel Comodoro ficou cheio de gente de roupa completamente esportiva, coisa rara no hotel paulista. Eram os tenistas.

• Em São Paulo, Paulo Mendes Campos, Sacha Gordini e Vinicius de Moraes discutem detalhes do fabuloso e gigantesco "Orfeu Negro" e fazem uma movimentação enorme.

• Parece mesmo que o sr. Ricardinho Fazanelo anda com a onça, num autêntico caso de desespero. Não é para menos...

• O hábito de assinar discos e livros já vai se alastrando. Manuel Bandeira está na paulicéia com esta finalidade.

• Os meios noturnos paulistas estão esperando uma verdadeira invasão, para breve, de autênticos passistas do Recife.



A foto feita durante a recepção, mostra a sra. Marjorie da Silva Prado, sra. Hilda Carvalho, brigadeiro Newton Braga, brigadeiro Armando Arrigboia, coronel Faria Lima, tenente Taborda e sra. Klaus Muller Carioba

Filhos sadios

As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua boa disposição física lhes permite ser activas, esportivas e bem-humoradas.



É, de facto, uma verdade incontestável que a inteligência, o espírito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Todas as pessoas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é património precioso, é indiscutível factor de êxito. Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vítima da inexperience dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, Ventre-Livre é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais países onde penetrou.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante

CALÇADO



Máximo conforto
garantia absoluta



CABELOS BRANCOS
só tem quem quer

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

USA E NÃO MUDA,
quem os não quer

LEIAM

ESPORTE ILUSTRADO

PREÇO CR\$ 5,00

EM S. PAULO HOSPEDE-SE

NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—Tihahuanacu é um célebre parque arqueológico situado na:
 - Argentina?
 - Bolívia?
 - Guatemala?
- 2—Escreveu a «História dos Heterodoxos Espanhóis»:
 - Mendes Pinto?
 - Menendez y Pelaio?
 - Menendez y Pidal?
- 3—Viajou em Portugal, a fim de retratar uma princesa:
 - Margarita Van Eyck?
 - Hubert Van Eyck?
 - Jan Van Eyck?
- 4—A célebre Gruta de Maquiné foi explorada por:
 - Ameghino?
 - Harti?
 - Lund?
- 5—Qual foi a grande contribuição dos Romanos à civilização:
 - a Música?
 - a Filosofia?
 - o Direito?
- 6—«Dioptria» é um termo empregado em:
 - Cinemática?
 - Ótica?
 - Dinâmica?
- 7—Quem é o corifeu da Escola Surrealista:
 - André Gide?
 - André Salmon?
 - André Breton?
- 8—Escreveu uma ópera sobre a vida de Goya:
 - Turina?
 - Granados?
 - Obradors?
- 9—O primeiro grande poeta cristão se chamava:
 - Lucano?
 - Petrarca?
 - Estácio?
- 10—«Kulturkampf» é um termo geralmente associado ao nome de:
 - Bismarck?
 - Moltke?
 - Nietzsche?
- 11—Chamou-se Adeodato; era filho de:
 - Santo Agostinho?
 - Santo Anselmo?
 - Santo Apolônio?
- 12—A disciplina monástica deveu-se a:
 - São Bruno?
 - Santo Antônio?
 - São Paulo?
- 13—«Venceste, Galileu» — última frase de:
 - Julien Sorel?
 - Julian Gayarre?
 - Juliano o Apóstata?
- 14—Que herói wagneriano bebe um filtro de amor:
 - Parsifal?
 - Tristam?
 - Siegfried?
- 15—Como se diz «janela» em holandês:
 - fenetre?
 - venster?
 - window?

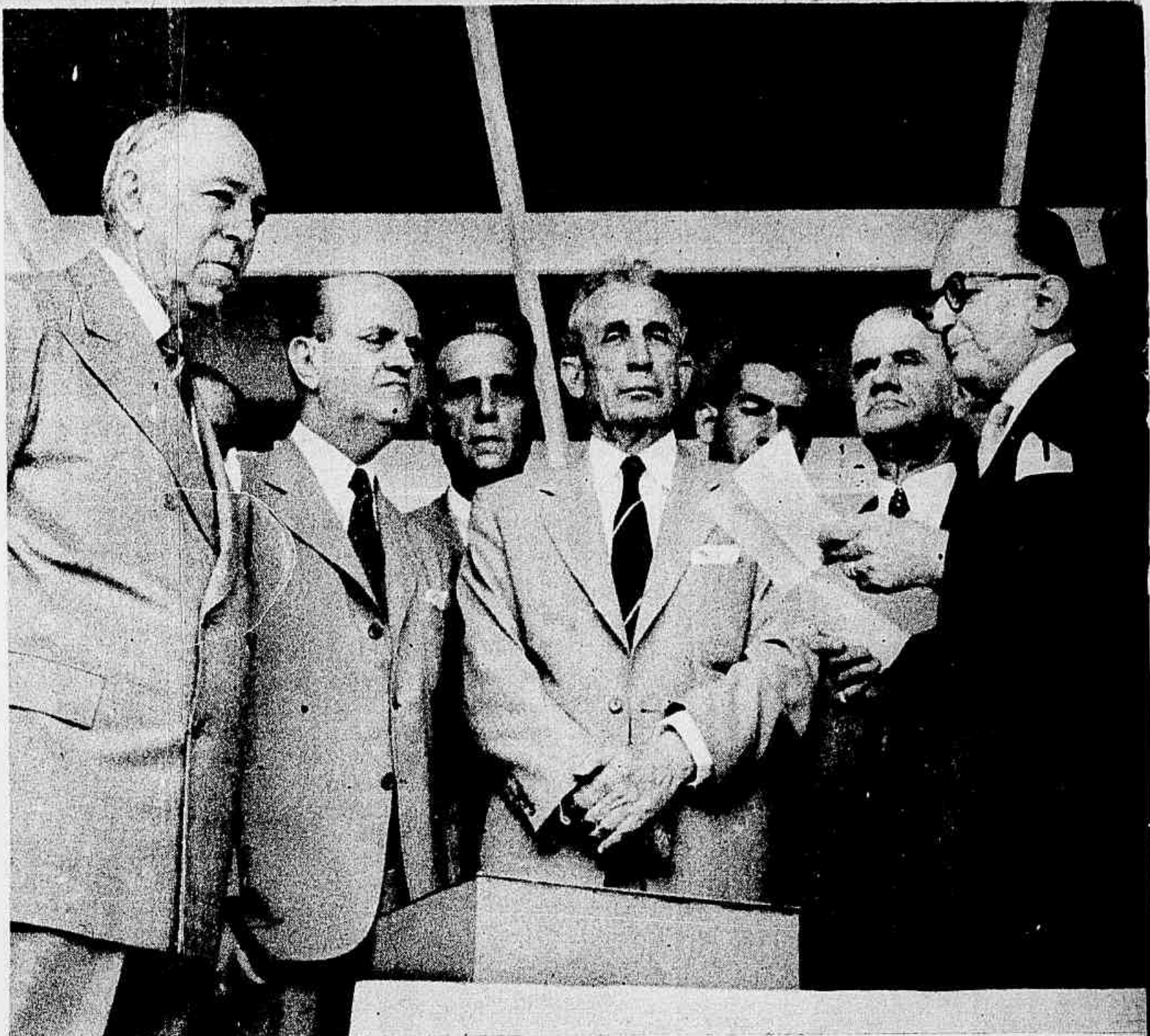
CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Bolívia; 2 — Menendez y Pelaio; 3 — Jan Van Eyck; 4 — Lund; 5 — O Direito; 6 — Ótica; 7 — André Breton; 8 — Granados; 9 — Estácio; 10 — Bismarck; 11 — Santo Agostinho; 12 — São Bruno; 13 — Juliano o Apóstata; 14 — Tristam; 15 — venster.

A antiga sede do Jockey Club Brasileiro, à Av. Rio Branco, esquina da Av. Almirante Barroso, embora magnificamente edificada de há muito não preenche as finalidades a que se dispõe. Daí a crescente necessidade da construção de uma outra sede que, satisfazendo os requisitos da maior organização turfista brasileira, traduza também o esplendor e técnica da arquitetura moderna. O projeto oficializado recentemente sinonimiza com as mais belas construções do nosso século e virá constituir um padrão de originalidade no que diz respeito aos clubes sociais do país.

Com a presença do sr. Presidente da República e demais autoridades ao local onde será erguida a nova sede deu-se início à solenidade da oficialização do novel projeto. Após calorosa salva de palmas, com a qual foi saudado o sr. Nereu Ramos, acompanhado do dr. Mário de Azevedo Ribeiro, s. exa. hasteou a bandeira brasileira, enquanto o presidente do Jockey Club, ao som do Hino Nacional cantado pelos alunos da Escola de Aprendizes procedia o hasteamento da bandeira do clube. Em seguida o professor Luís Pinheiro

Dr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club Brasileiro, discursando. Na mesma fotografia aparecem o Presidente da República, sr. Nereu Ramos, sr. Francisco de Sá Lessa, Prefeito do Distrito Federal e Ministros Luís Galloti e O. Dutra.



A NOVA SEDE DO JOCKEY CLUB

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA PRESIDIU O LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL



O Presidente da República, sr. Nereu Ramos, assinando a ata.

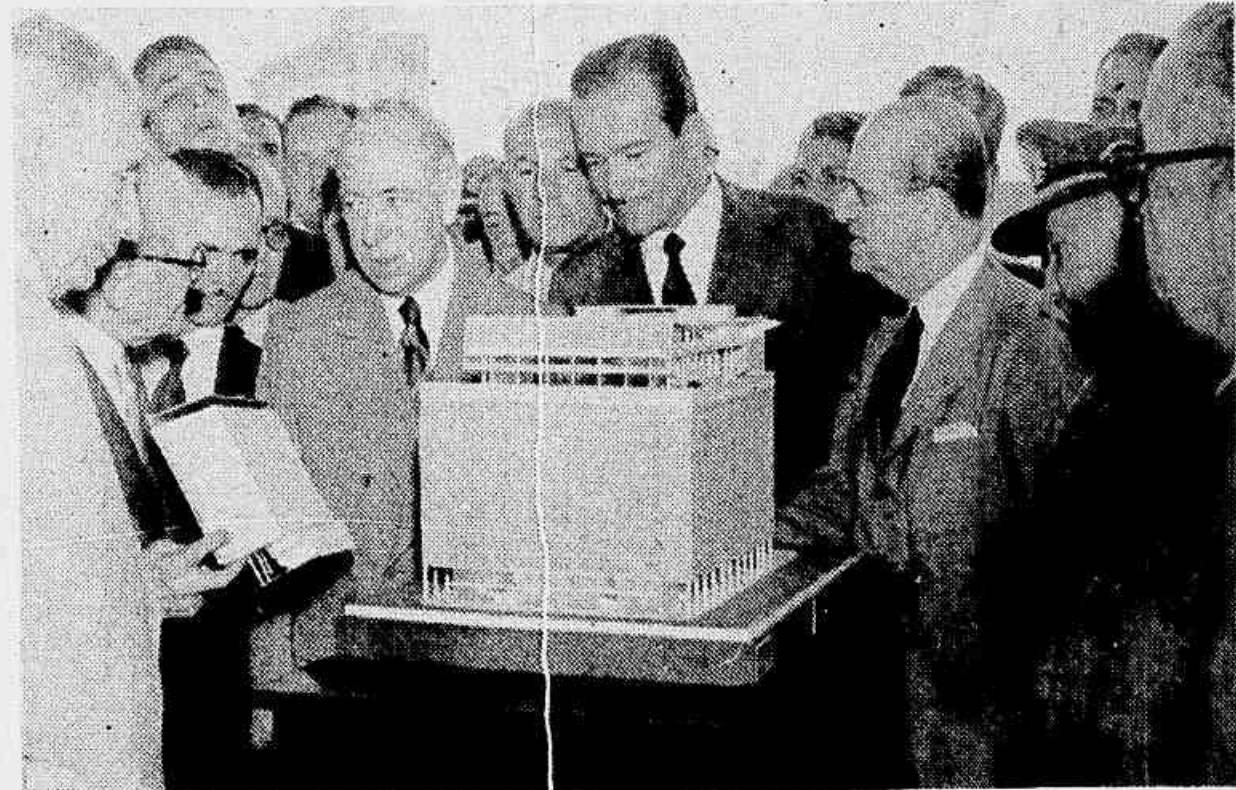
Guimarães, secretário do Jockey Club Brasileiro, procedeu à leitura da ata que foi assinada pelas pessoas gradas presentes, em duas vias, sendo uma colocada na urna especialmente construída, dentro de um cofre, do qual o dr. Mário de Azevedo Ribeiro guardou a chave.

Minutos depois, o dr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club procedia a leitura do seu expressivo discurso.

Antes de se retirar do recinto o sr. Presidente da República sob vibrante ovação, seguindo-se-lhe o senhor Prefeito do Distrito Federal e outras autoridades, passando a Diretoria do Jockey Club a receber os cumprimentos dos presentes.

O Presidente da República, o Prefeito do Distrito Federal, o Presidente do Supremo Tribunal Eleitoral, o dr. Mário de Azevedo Ribeiro, e, por nímia gentileza do sr. Presidente da República, a senhora d. Francisca Osório de Azevedo Ribeiro, esposa do presidente do Jockey, procedeu à colocação de argamassa na pedra fundamental, com uma pé de prata de lei, encerrando na urna os jornais do dia, moedas correntes juntamente com a ata.

O dr. Mário de Azevedo Ribeiro que disse de sua satisfação sobre a notável empresa que a Diretoria irá enfrentar, concluiu suas palavras agradecendo a honrosa presença do Presidente da República, sr. Nereu Ramos, do Prefeito do Distrito Federal, demais autoridades e pessoas gradas. O dr. Mário de Azevedo apresentou suas congratulações ao quadro social, dizendo com o mandato expirante, retirar-se com a consciência tranqüila de não ter traído a confiança recebida e satisfeito por lhe ter o destino proporcionado participar dos dois grandes feitos do Jockey Club Brasileiro, fazendo votos pela sua grandeza.



Professor Luís Pinheiro, 1º Secretário do Jockey Club Brasileiro, no momento em que lia a ata referente à futura sede. — À direita: O dr. Mário de Azevedo Ribeiro mostra a maquete da novel sede ao Presidente da República, sr. Nereu Ramos, ao Prefeito e ao Min. da Agricultura, sr. H. Catalão.

A SEMANA EM REVISTA

NACIONAIS

«Termo de um artigo de Camargo Guarnieri, grande compositor brasileiro, sobre a música no Brasil: «O panorama musical brasileiro, é em suma horroroso...»

O grande acontecimento, como não podia deixar de ser, foi o Natal. O Natal com suas castanhas caras e brinquedos a preços proibitivos. Com Missa do Galo rezada na Praia do Russel, e Árvore de Natal na Marechal Floriano. Com mensagem papal condenando a bomba atômica. Natal feliz para alguns, miserável para quase todos.

Chegou-se à conclusão, na Caixa de Amortização, de que os níqueis de tostão, que devido à desvalorização estão sendo usados pelas costureiras para forrar botões ou para fazer pêso na bainha das saias, custam, cada um, a importância de 39 centavos!

Dona Adelaide Caldas Barreto vem de completar cem anos de idade. Sabedora de que seus filhos e sua família tentavam dar publicidade ao fato, assustou-se e saiu-se com essa frase: «Não façam isso! Digam que vou fazer 85... E olhem que já não é pouco...»

Dona Yeda Dias Hinds, acusada de adultério pelo marido, obteve do juiz da 6ª Vara de Família sentença favorável, após a homologação do desquite. Alegou o juiz: «A ré é uma mulher jovem e saudável. O juiz não vive em uma torre, isolado de tudo, sem ter uma compreensão real dos problemas da vida». Se a moda pega...

Noticia-se que o Brasil possui apenas 7 habitantes por quilômetro quadrado. Não é pouco, é simplesmente irrisório.

Toda a imprensa noticiou o caso do submarino nazista naufragado nas costas baianas, e que agora estava com a torre a mostra. A Marinha, que andou tirando fotografias do local, vem porém de desmentir tudo: não se trata de um submarino, mas sim de destroços de um velho navio naufragado há alguns anos junto ao litoral baiano, e que as correntes marinhas lançaram agora sobre um banco de areia.



EDUARDA É POETA

● Eduarda Duvivier é uma criança igualzinha às outras, que gosta de bonecas e de brincar de roda. Numa coisa, porém, delas difere: com apenas oito anos, já publicou um livro de poemas. Poemas puros e belos como a própria infância. Olhem só:

Oh! minha botina
Você tapa o pé
Tão Boazinha.
Você gasta,
Meu pé cresce.
Você fica pequenina.

No prefácio que escreveu para o livro, Manuel Bandeira — um dos maiores amigos de Eduarda — salientou a extraordinária vocação poética da menina, a qual, aliás, é dotada de talento também para o desenho, de vez que são suas as ilustrações que ornaram o volume. Eduarda é uma menina estranha, que desejaria

ter a mão
tão grande para pegar
todas as conchas do mar.

mas que, sabendo que terá de crescer, para tornar-se um dia uma moça, dirige-se nesses termos a si mesma:

meu corpo, abaixa, meu corpo,
que eu gosto desta vida de criança.

Eduarda é poeta, ou é a própria poesia? De qualquer modo, ao ler seus poemas, uma onda de ternura e de alegria nos invade.

Mas era um gigante tão pequenininho,
Que eu atirei uma bola de gude em cima dele.
E ele caiu no chão.

Esse «gigante tão pequenininho», de que fala Eduarda em um de seus mais belos poemas, não será o mundo sofisticado dos adultos, derrubado quotidianamente pela bolinha de gude da Poesia?

SANSÃO CASTELO BRANCO ENFÊRMO

Começa a preocupar a seus amigos o estado de saúde de Sansão Castelo Branco, há mais de dois meses recolhido a um hospital, tendo já se submetido a duas operações. O magnífico decorador, contemplado há pouco com o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, no Salão de Arte Moderna, preparava-se para viajar para o Peru, quando a doença o prostrou. E — paradoxo incrível: — o artista, que no exterior receberia 500 dólares mensalmente, durante dois anos, encontra-se a braços com sérias dificuldades financeiras, para manter o tratamento, dispendiosíssimo, a que agora se entrega. Não seria o caso de se ir pagando o prêmio a partir de agora, aqui mesmo, no Rio? Dentro de um ou dois meses, Sansão poderia partir, já restabelecido, e tudo se normalizaria. De qualquer modo, esperamos saborear novamente, dentro em pouco, as feijoadas deliciosas que só Sansão Castelo Branco consegue preparar, com bastante habilidade, ao lado do artista, já restabelecido.



INTERNACIONAIS

Mistinguette, de 82 anos, outrora Rainha do Music-Hall, dona do mais belo par de pernas que já apareceu por esse mundo (não vimos, porém acreditamos), sofreu uma congestão cerebral, quando passava alguns dias em companhia de um seu irmão, em Paris. A velha atriz, que se afastara das atividades havia muitos anos, mas que, há coisa de uns cinco, ainda se exibia, com sucesso, esporadicamente, está entre a vida e a morte, num hospital parisiense.

Outra rebelião, de fundo peronista, foi agora descoberta e reprimida, em San Luiz, na Argentina. Será que os «muchachos» não aprendem?

Um prefeito inglês, Alfred Hall, de Doncaster, tem certa mania algo estranha, para um prefei-

to: a fotografia de nus artísticos. Isso mesmo foi o que pensou o vigário local, que, à testa de um número considerável de púlicos súditos de Sua Majestade Elizabeth II, resolveu reclamar contra o «hobby» do edil. Esse, não se conformando, botou explicação nos jornais, dizendo que «a fotografia é a distração de minha vida. Principalmente a de nus artísticos. Que é que vocês têm com isso?» Não sabemos se o vigário aceitou a explicação.

Os russos, que não perdem uma ocasião de fazer um pouco de propaganda (como aliás todo o mundo...), transmitiram com estardalhaço o discurso de Pio XII, por ocasião do Natal. E' que o Papa, como já noticiamos, condenou o emprego da bomba atômica e de outras bombas

A SEMANINHA

As moedas de 10, 20 e 50 centavos estão de tal forma desvalorizadas que as costureiras preferem utilizá-las como botões, forrando-as de fazenda, ou para servir de pêso nas rodas da saia. (Dos jornais).

Saia leve que voasse
Pequena seria a máguia;
Mas se um ladrão roubasse,
Senhorita, e lhe faltasse
Aquilo que chama anáguia?

«Por um quilo de alcatra, ela pagou 44 cruzeiros. O açougueiro pôs contrapêso de quase meio quilo de carne em más condições, enegrecida...»

Se fór esse o novo estilo
O freguês dirá, surpresa:
Qualquer dia compro «a quilo»
Trago dois de contra-pêso!

— O faquir Urbano, alcançando 110 dias de fome, bateu o «record» mundial de Silki!
— É boa! Mesmo que morasse no Flamengo, Silki passaria a ser subURBANO!

Santos Alves



NEUE ILLUSTRIERTE

da mesma família, tocando assim num dos pontos fundamentais da propaganda soviética. O que não sabemos é como foi recebida, em Moscou, a condenação papal ao comunismo, contida no mesmo discurso...

★

Na Europa nasceu um movimento, de parte dos intelectuais, no sentido de que o grande poeta Ezra Pound, preso num manicômio judiciário desde a guerra, como traidor, seja enfim libertado. Ezra, personalidade genial, colaborou com o Eixo durante a última conflagração. Giovanni Papini é o cabeça do movimento de liberação do autor dos «Cantos», hoje com 70 anos.

★

Um jornalista perguntou a Hemingway se não era mera propaganda do escritor o fato de ter escrito ele em «Adeus às Armas» que fôra ferido, na Itália, com um estilhaço de 203 milímetros. Respondeu o romancista: «Se fôsse apenas publicidade, eu diria ter sido atingido por um projétil de calibre muito maior...»

★

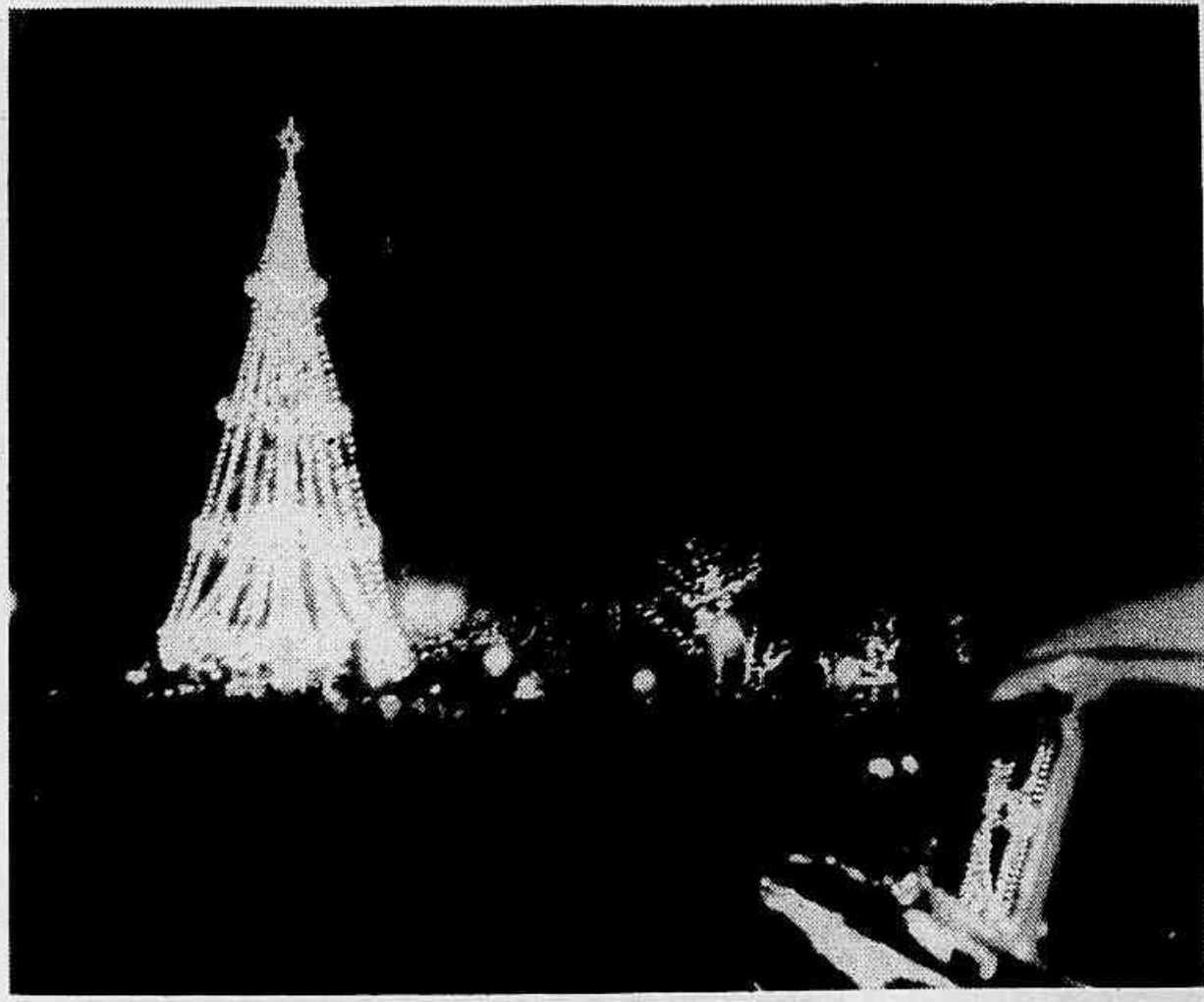
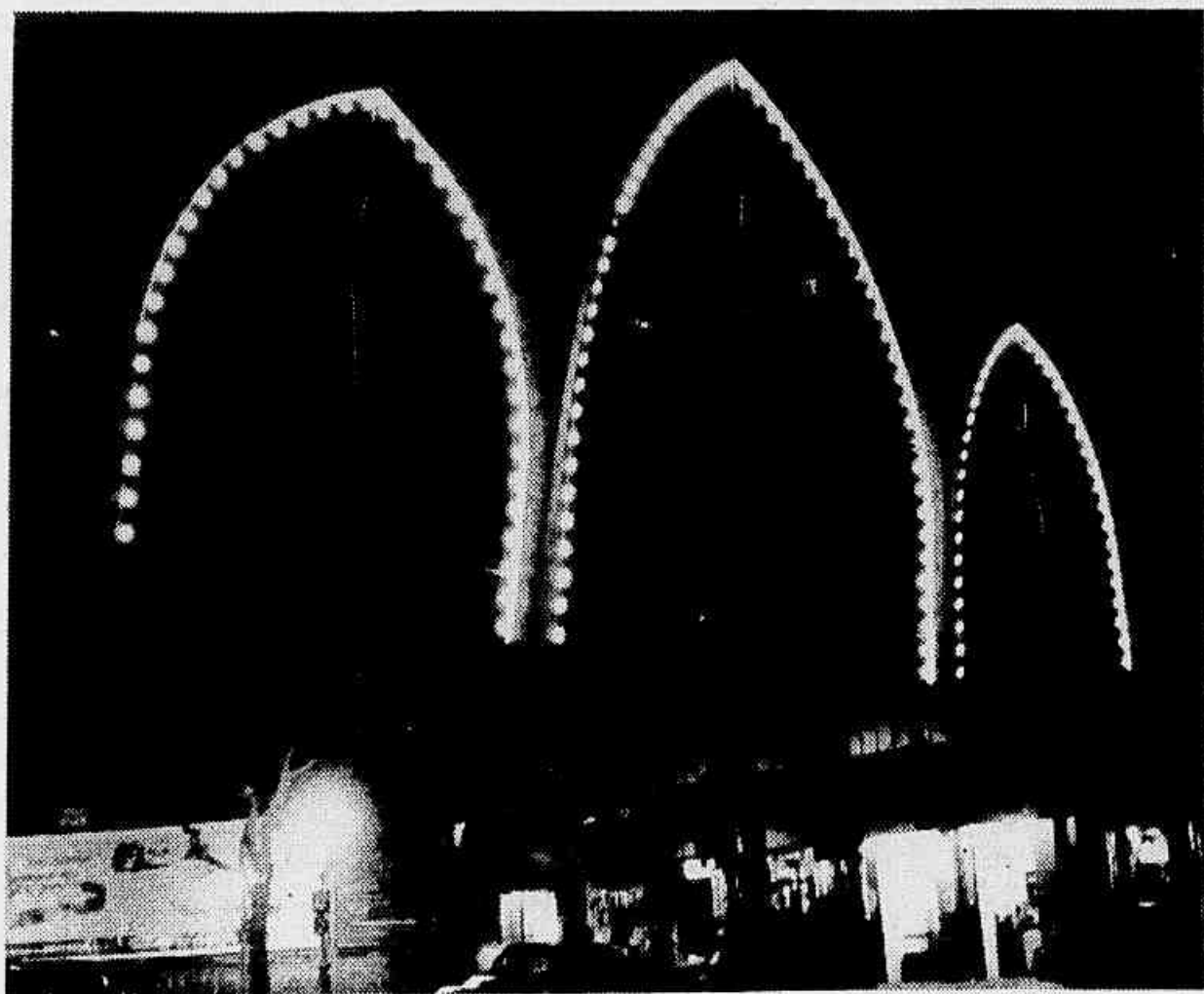
O detective que protegia Winston Churchill quando o velho estadista pintava, acaba de expor também as suas próprias telas, numa galeria londrina. Comentário de Churchill: «O mal é contagioso».

★

O último filme de Marlon Brando, «Guys and Dolls», custou a Samuel Goldwyn, seu produtor, um milhão de dólares. Brando, nele, aparece cantando e dançando. Os críticos cinematográficos não gostaram porém do filme, e escreveram a respeito: «O fato de «Guys and Dolls» ter custado tanto dinheiro apenas significa que um milhão de dólares pode estragar mesmo um talento indiscutível, como o de Marlon Brando».

DE SETE EM SETE

Engraçado foi o casco do submarino que não era de submarino mas de um velho navio afundado naquelas imediações, faz tempo.—Enquanto Sônia Mamed e Augusto César anunciaram seus propósitos de casar (de verdade) em cena aberta, na revista que ambos e muitos outros vão representar. Mas parece que o padre e o pretor não gostam de dar “show”. — “Show” é Leslie Caron, duas vezes aplaudida nesse fim de ano, em “Papai Pernilongo” e em “Sapatinho de Cristal”. — Por sua vez Watson Macêdo fechou bem o 55 com os duzentos pacotes da Prefeitura por ter feito o melhor filme do ano, “Sinfonia Carioca”. E mais cinquenta pela sua contribuição pessoal.—Só o “Rio 40” continuou na geladeira! — Não fala em gelo! Que o carioca não tem mais líquido para destilar... — E de Lisboa chegou o sr. António Pedro, superintendente da Transportes Aéreos Portugueses (TAP), anunciando a inauguração da linha Lisboa-Rio, para 20 de fevereiro. — Comentário do almirante Gago Coutinho: — “E dizer que eu e o falecido Sacadura gastamos meses e meses para vir aos saltinhos!” — Aos saltos ficou a população da Tijuca, recebendo de Papai Noel um novo cinema, o Skye, inaugurado no dia 1º, e um teatrinho, o Tijuca, a abrir, breve, no mesmo edifício. Vamos ter bons espetáculos na zona norte. — E houve o desfecho curioso para aquele outro espetáculo, o da mãe branca que conseguiu reaver seu filho legítimo, mas não perdeu o menino pardo. Com apoteose e tudo. — O governador Jânio Quadros anunciou seus propósitos de entrar em férias, mas sem deixar a governança, no que anda muito acertado.—E Mistinguette, a das pernas espirituais (82 anos e beirada), agüentou uma congestão cerebral com heroísmo. Pelo menos até redigirmos estas linhas. — Carnaval tá í com batalha de confetti (sem o dito) na Avenida, e a A. B. R. continua a eleger a Rainha do Rádio. Que até agora ninguém sabe quem seja.—A SBAT editou “O homem que volta”, de Berliet Junior e Celestino Silveira, já representada por Jaime Costa, e Juscelino Kubitschek declarou que vai à Europa e aos EE. UU. por conta própria, em avião da carreira. Pelo que, merece uma salva de palmas. — E palmas, também, para os maníacos do Clube Eça de Queiroz, que mereceram de um filho do romancista uma bonita carta de solidariedade.



É NATAL, E A CIDADE SE ENGALANA

Quando chega o Natal, um pouco mais de poesia se apossa das grandes cidades, e as ruas e os bairros se humanizam. Luzes de todas as cores dão à noite uma aparência mais alegre, enquanto árvores de Natal, erguidas nos pontos mais vistosos da metrópole, emprestam-lhe um pouco da suavidade que nos demais dias lhe falta. O Rio, em 1955, preparou-se condignamente para o Natal. Os poderes municipais não pouparam es-

forços para que a grande data cristã fosse convenientemente celebrada entre nós. Artistas foram convocados, operários reunidos, artesãos chamados. E o resultado pode ser apreciado nessas páginas, que resumem o que foi o Natal de 1955 nas ruas e praças do Rio de Janeiro — um mundo de luz e de cores.



LAURA SUAREZ, IRACEMA DE ALENCAR E PAULO PADILHA BRILHAM NOS TRÊS ATOS.

UMA SÁTIRA AO SEXO EM QUE O SENTIMENTO LEVA A MELHOR
★ TRÊS DIVERTIDOS ATOS DE BERNARD-LUC ★ ADOLFO CELI
TRIUNFA, COMO SEMPRE ★ REAPARECIMENTO DE MARIA SAM-
PAIO ★ LAURA SUAREZ COMPROVA MAIS UMA VEZ QUE NÃO
É TEXTO, MAS TALENTO, QUE FAZ UM PAPEL ★ PAULO
PADILHA DE VENTO EM POPA ★ IRACEMA DE ALENCAR A
VONTADE NA COMÉDIA ★ OS NOVOS TAMBÉM FAZEM FÉ
★ JACYRA E VICTOR, RESPONSÁVEIS PELO VESTUÁRIO ★ ELSIE
LESSA E O MÉRITO DA TRADUÇÃO ★ DECIDIDAMENTE
KINSEY NÃO CONTAVA COM A "FÔLHA DE PARREIRA"

Texto de VAN JAFÁ

A FÔLHA DE PARREIRA

«Os Artistas Unidos», nessa temporada no Teatro Copacabana caminham de sucesso em sucesso. Após os vitoriosos quatro meses de «Diálogos das Carmelitas», de Bernanos, peça de difícil montagem e ingrata para o público, e de «E' Preciso Viver», drama doméstico de Inge que permaneceu três meses em cartaz, temos agora uma comédia satírica no melhor espírito gaules, e que tem tudo para fazer a carreira que vem fazendo.

SÁTIRA, SEXO, SENTIMENTO. — O primeiro até é uma revolução. A sátira abrange tudo e as teorias do professor Alfred C. Kinsey, que deixaram os Estados Unidos de boca aberta, sobre a conduta sexual do homem e da mulher americanos, têm amplo ganho de causa. Assim ficou armada a trama da comédia. Mas, em tudo isso, o sentimento leva a melhor, pois Kinsey não contava com a «fôlha de parreira». A poesia inunda a peça de beleza, e mostra, e mais que isso, prova, que se a moral se enganou as estatísticas erraram mais, pois arrancam o sentimento mais puro e profundo do homem, o que não é possível, em se tratando de seres humanos.

CELI FIXOU A ATMOSFERA. — O mais difícil numa sátira, disse-nos Adolfo Celi: é captar o tom da sátira. E' uma coisa perigosa, que não pode ficar nem mais para cá nem mais para lá. E foi isso que Celi, com mestria, conseguiu de maneira admirável. Ele deu a medida justa da sátira, e colheu mais um triunfo para a sua carreira. O que poderia parecer grosseiro, tornou-se um prazer, e manejando os atores com precisão soube pôr os personagens nos seus devidos lugares. Resultado: «Fôlha de Parreira» é uma comédia que realmente diverte.

DE BERNARD-LUC A ELSIE LESSA. — E' um prazer verificar um texto bem traduzido, com propriedade, bom gosto e inteligência. O teatrólogo Jean Bernard-Luc, profundo conhecedor da carpintaria teatral, e, conseqüentemente, dominando com segurança seu «metier», consegue em três atos sugerir os problemas, espalhá-los, e, o que parece mais incrível, com perfeita noção de tempo teatral, dar naturalidade às soluções. Sua peça começa ameaçando os valores que vêm no final afirmá-los. Faz sátira ao eminente professor Kinsey (que é hoje tão famoso quanto Freud, pelos seus relatórios) sem desrespeito, e diz tudo que pensa, chamando — como na Bíblia — cada coisa pelo seu nome, com naturalidade. Teve Bernard-Luc em Elsie Lessa uma fiel intérprete em nosso vernáculo, fazendo valer em português escorreito aquilo que só em francês poderia ficar bem.

MARIA SAMPAIO, FIU-FIU. — Maria Sampaio retorna cem por cento. Suas aparições no palco brasileiro são revestidas de grande encantamento. Aplaudida nas ribaltas de Lisboa, no cinema, e muito querido também entre nós, é uma artista de classe, que empresta uma graça toda particular aos papéis como esse, de Madame Leroy-Belair. Merece, pois, pela sua excelente atuação, um *fiu-fiu* da platéia à sua elegância e classe.

PAULO PADILHA — SIM SENHORES: UM ATOR. — O moço Paulo Padilha, que há menos de um ano fazia teatro amador no famoso grupo

«O Tablado», entrou para o profissionalismo com o pé direito. Depois de sua estréia profissional, no memorável padre dos «Diálogos das Carmelitas», Padilha tinha uma pequena atuação no carteiro de «E' Preciso Viver». Por impedimento de doença do ator Graça Mello, substituiu-o no difícil papel de Doc da mesma peça, terminando a temporada com absoluto êxito. Agora mereceu dos «Artistas Unidos» mais uma vez a confiança de um dos papéis-chaves, que é o de Jerome Cazalis, e onde se aprimora cada vez mais sua arte de ator.

ESSA INCRÍVEL LAURA SUAREZ. — Laura Suarez, a nossa grande Laura, decididamente tem dado «shows» de talento, especializando-se em papéis cujo «drama» consiste em não ter papel. Assim, Laura Suarez que em «E' Preciso Viver» fazia um papel episódico, de uma alemã na América, faz agora o de uma americana na França. Dá gosto vê-la «roubar» as cenas, com sua presença feita de personalidade e exclamações. Laura Suarez comprova mais uma vez que não é texto, mas talento, o que faz um papel.

GRAÇA MELLO E IRACEMA DE ALENCAR, COMPLETAMENTE. — Graça Mello praticamente comanda o elenco de personagens, pois com ele todos contracenam, e diga-se de passagem que convence amplamente no papel e na difícil transição pela qual o seu personagem passa. Também Iracema de Aленcar está à vontade na comédia num papel leve e divertido, a que bem fazia jus, após sua dramática e exaustiva performance de Lola, em «E' Preciso Viver».

OS NOVOS MARCAM LUGARES. — «Os Artistas Unidos», visando sempre uma renovação de valores, têm movimentado seu elenco, onde não somente brilham elementos já conhecidos, como Paulo Serrado, Lídia Vani, Armando Braga, que emprestam sua experiência para valorizar seus papéis, como também a geração de brotissimos, encabeçada por Dália Palma, Roberto Viana, Glória Cometh, Aurimar Rocha (que substituiu Oscar Felipe), Fernando Luís e Gracinha Freire (substituta de Ana Edler), todos devidamente nos seus respectivos lugares.

VESTUÁRIO DE PRIMEIRA. — Jacira, com seu domínio da moda e bom gosto, vestiu a equipe feminina com acentuado encanto. Maria Sampaio, Iracema de Aленcar, Laura Suarez e todo o elenco apresenta-se primorosamente vestido. Assim como a equipe masculina, a cargo de Vitor, que soube vestir os personagens devidamente.

RESUMINDO:

«A Fôlha de Parreira» é uma comédia viva, brilhante e atualíssima, que conta ainda com cenário de Carlos Bastos, executado por Benet Domingo, e que remonta uma sala íntima (o que hoje se chamaria um «living-room») de um castelo medieval, onde reside uma família contemporânea. Carlos Bastos, conhecedor profundo desse estilo, e dentro de sua concepção de cenário, construiu o seu. «A Fôlha de Parreira» é uma peça que além de divertir, vale por sua mensagem humana: o sentimento, não as estatísticas dos sexologistas, rege a vida.



DÁLIA PALMA E ROBERTO VIANA SÃO OS ADOLESCENTES
EM ALTA VOLTAGEM SENTIMENTAL.



PAULO PADILHA E LAURA SUAREZ, A QUEM SE DEVE A
TRAMA E A COMICIDADE.



GRAÇA MELLO E MARIA SAMPAIO DIVIDEM AS HONRAS
ESTRELADES DA DECA



PAULO SERRADO, GRAÇA MELLO e LUÍS FERNANDO
SACUDINDO OS «TABUS».

AUTOMÁTICO
e preciso!



CYMA
Automático

- Automático
- Impermeável
- Inoxidável
- Para-choque
- Antimagnético
- Vidro Inquebrável
- Preciso
- Elegante

LEIAM

EU SEI TUDO

TODOS OS MESES À VENDA NOS
JORNALEIROS — PREÇO CR\$ 10,00

Academia de Acordeon MASCARENHAS

A mais ampla e moderna academia do Brasil. O mais completo sortimento de músicas para acordeão. Escreva pedindo a lista e encomende pelo Reembolso Postal. Vendas de acordeões Scandalli



RUA SENADOR DANTAS,
Nº 7-A, 12º ANDAR -- TELS.:
42-4615 e 42-5453
São Paulo -- Praça Júlio
Mesquita, 83, sobreloja
Tel.: 37-5679

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Vale Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 75,00

ARTES

JOSÉ ROBERTO

GOYA E A LIBERDADE

¶ Foi Otto Maria Carpeaux, em ensaio publicado em uma revista universitária, quem, há pouco mais de ano e meio, chamava a atenção para a base eminentemente popular da arte espanhola (1). Para o grande ensaísta austríaco, entre nós radicado, Velasquez era a exceção à observação; Goya, sua plena confirmação. Existem dois artistas em Goya, na opinião de Augusto L. Mayer (2): um, filho do já moribundo estilo rococó, outro, gerado pela Revolução. Esse é o que no momento nos interessa.

Já agora dispomos de dois elementos com que caracterizar a arte de Goya: sua base popular, seu caráter revolucionário. Tais elementos, porém, soube melhor traduzi-los o artista através de desenhos e gravuras, que por meio de pinturas. Goya, com efeito, e segundo inúmeros críticos (3), é um gravador que suporta um confronto com os maiores expoentes dessa difícil arte — os Dürer e os Rembrandt. E quanto à qualidade de seu desenho, e à sua quantidade (nada menos de 737 peças foram catalogadas por Mayer), garantem-lhe um lugar de destaque na história desse ramo um tanto desprezado das Artes Plásticas. Têm sido muito raros os artistas que, como Goya, de tal modo se sentissem revoltados contra o meio em que viviam. Homem por homem, objeto por objeto, tudo foi examinado pelo olhar severo de Goya, e mereceu de sua boca amarga uma palavra de escárnio ou de condenação.



«Divina Libertad» — Desenho de Goya

¶ A Justiça, a Monarquia, ministros e titulados, poetas e médicos, a Igreja — numa palavra: tudo aquilo de que se compunha a sociedade espanhola da época, mereceu de Goya um ataque feroz e destemido. E porque um artista que conheceu, em vida, a fama e a riqueza, de tal modo escarnecia de uma sociedade que o idolatrava? Seus desgostos íntimos, talvez; a surdez que o atacou depois dos 46 anos; um certo fundo neuropático, que os críticos atuais lhe surpreenderam; mas, sobretudo, o espetáculo do desmoronamento da Espanha, daquela Espanha que, no dizer de Menéndez y Pelayo, se encontrava então em pleno «achamento moral de seus governantes e governados». Com efeito, a Espanha dos tempos de Goya já não

é a Espanha de Felipe II: a decadência se manifesta na arte, na política, na economia. As forças espanholas são batidas em todos os encontros de que participam; as colônias sul-americanas tornam-se independentes. Com mais um pouco, as tropas francesas invadirão o país. Será a guerra, mais uma vez — essa guerra que, para Goya, nunca passou de uma bacanal sangrenta, destituída de qualquer heroísmo. A esse respeito, aliás, não é demais lembrar que a Goya, mais que a outro qualquer artista, se filiam, direta ou indiretamente, todos esses recriminadores de guerras, como por exemplo Rousseau, ou Picasso. Nesse sentido, como em tantos outros, a visão de Goya é moderníssima.

¶ O que, porém, verberou Goya com maior indignação, o que recebeu de seu cérebro as mais veementes condenações, foi o cerceamento da liberdade, levado a efeito sob o regime de Fernando VII, o soberano espanhol que restaurou, em todo o seu esplendor, o mais cruel e típico absolutismo Borbon. Em três água-fortes magistrais, «Sol de Justicia», «Lux ex Tenebris» e «Divina Libertad», Goya dá largas às suas tendências liberais. O crime ideológico, para ele — fôsse essa ideologia contra quem fôsse, contra a Igreja ou contra o Trono — não era senão uma criação monstruosa de fanáticos opressores. Não foi uma vez, nem foram duas, que verberou o procedimento das autoridades espanholas: foram algumas dezenas de vezes, e sempre da maneira mais violenta e mais irônica. Como Bruegel já fizera com os próprios espanhóis, em sua «Matança dos Inocentes», a obra de Goya metamorfoseia-se agora em um brado de revolta contra a tirania e a opressão. Os últimos acontecimentos, mormente a Guerra de 1939-1945, em que tantos artistas com a vida pagaram o preço de seus ideais, demonstram sobejamente que, hoje mais do que nunca, é Francisco de Goya y Lucientes um artista atual, e seu protesto pode ainda ser ouvido com a mesma oportunidade e com idêntico proveito.

(1) Otto Maria Carpeaux — «Provérbios», in revista *A Época*, da Faculdade Nacional de Direito, abril de 1954.

(2) Augusto L. Mayer — «La Pintura Española», Barcelona, 1923.

(3) Como por exemplo Ignacio Beries, «Goya», 1951.

O RESTO É PIU... PIU...

FERNANDO LÓBO

Tudo começa de forma muito simples. Na redação do jornal é preciso alguém para falar dessa gente bem que anda por aí, sem fazer nada, sem mais nada fazer que devorar noites, gastar horas, jogar bolinha de «golf», tirar muitos retratinhos, torcer para ser dos «mais dez» e nas horas confundir a cabeça do marido, isso tudo em troca da passagem do tempo. Era preciso alguém que pudesse conversar com essa gente, dentro do diapásão, no ritmo das coisas «khar», das coisas balôas, conversa que não paga nem recebe, conversa pra boi dormir. Era preciso alguém. Uma infinidade de tentativas foram feitas, mas de certo modo baldadas. Aquêlo moço escolhido como o que iria dar certo na festa em homenagem ao embaixador de um país mais ou menos amigo, abusou da bebida, dançou de pé pro ar e, de madrugada, foram encontrá-lo dormindo no banco do jardim, sonhando com o colo farto de certa senhora a quem dissera barbaridades impubescíveis. Bem que ela gostara das piadas de mólho forte do moço, que por sinal, era nortista. Bem que ela achara graça no seu sotaque, bem também que tudo parecia bem se o seu nome não tivesse sido sorridentemente anotado pelo anfitrião para que não acontecesse um novo convite, para outra festa. Era preciso que nascesse alguém para cumprir tão espinhosa missão! O jornalismo brasileiro precisava acompanhar o ritmo da imprensa do mundo e ter junto a alta sociedade o seu representante. Era essa a grande tragédia daquela redação. Outros jornais amigos já haviam acertado na escolha, mas, o vespertino de todos os olhos e a revista das sete cores, precisavam saltar na frente e lançar algo de sensacional. E foi assim que nasceu da noite para a noite o nosso Ibrahim Sued. Uma ascensão rápida, uma vida resolvida em fração de segundos, um corpo que de dois ternos pula para duas dúzias dêles, veste casaca, usa «smoking», vira cartaz de propaganda da camisa, usa chapéu Oxford, dança com a americana do cinema, com a senhora embaixatriz, com a senhora do milionário, com a milionária daquele senhor e finalmente dorme um sonho feliz, de prosperidade bem alimentada entre um uísque à noite, um «dry martini» de dia, no «terrace» do apartamento grandão, ou espiciando o verde dos campos do Itanhangá. Pois é. Falaram muito no começo, torceram as coisas de início, mas a grande verdade é que a onda foi pequena para o corpo do bom nadador das praias de Copacabana do nosso Sued. Foi passando, foi lutando e acabou ganhando a parada, definitivamente, fazendo com que muitos o imitassem, muitos quisessem seu pôsto, seu lugar nas cadeiras macias das casas da gente bem. Ibrahim Sued era o moço a quem a imprensa tanto procurava, muito embora tão perto dela êle sempre estivesse. Agora fica o sr. Santos Vahlis a mandar matéria paga para outras revistas para desmoralizar o rapaz! Isso não está legal. Numa festa elegante entre Sued, Ali Khan e Vahlis, jogo no braço do primeiro quanto a elegância, pois para êle a única parada forte é a do sr. Didu!

PISCINA DO COPACABANA

Depois da saída de Caribé do Copacabana Palace a coisa anda de cabeça para baixo. Como toda gente sabe, menino pra tomar banho naquela piscina tem que fazer a sua «assinatura». Foi o que fez o jovem Ricardo Queiroz — por sinal meu sobrinho. No primeiro dia que mergulhou nas águas azuis da tal piscina deu com a mão num vastíssimo prego que o obrigou a levar alguns pontos no pronto socorro. Impossibilitado de banhar-se metódicamente naquelas águas, pediu que lhe adiassem o tempo em que está parado, para não gastar sem banho a sua assinatura. A direção daquela casa vetou a pretensão de Ricardo,

que, vai ter que «assinar» outra vez. Piscina com prego e a preço muito alto, não acha Oscar Orstein?

JIRAU

Num sábado bom e ventilado a casa dos Autuori nos entregou uma «mariscada» sob a regência do mestre «China». Muita gente. Todos os sábados, acontece um almoço assim a base de pratos que dificilmente encontramos nos restaurantes.

CASABLANCA

Ainda fechadinho o «Casablanca». Zé Caetano acabou assistindo do alto ao grande final de uma casa que foi e poderia ter



© CARLOS MACHADO

Está regendo o sucesso do «Banzo Aiê» que na última hora deixou de ser da parceria de Haroldo Barbosa. Houve desentendimentos entre o produtor da Mayrink e o produtor do «Night-And-Day». O «show» estreou e é de boa marca, embora bem à base do escurinho. Nessa altura dos trabalhos Sérgio Porto ficou do lado do Haroldo que é seu do peito. Está baixando o salário no dono do «Sacha's». Ai está uma fotografia das antigas, vendo-se Machado em primeiro plano, e Sérgio Stanislaw Ponte Preta Porto, ao fundo. Tenho certeza que vem coquetel à imprensa por aí...

sido uma das melhores coisas desta cidade. Mas mancou no final da corrida e agora para ganhar aquilo de graça só se Mendes de Moraes voltar a ser prefeito. Vamos ver o bicho que vai dar.



NOITE PAULISTA

Naquela noite Dorival Caymmi ainda era sócio do «Michel's» e conseqüentemente das suas noites. Ai está êle com o jornalista Carlão Mesquita, o pintor Clóvis Graciano e o grã-fino Eduardo Monteiro. E as águas rolaram, não resta a menor dúvida, como dizia apertando os queixos o nosso Ari.



ARI E INEZITA

O aquarelista Ari Barroso numa pose ao lado de Inezita Barroso, isso lá em São Paulo. Ari está firmando contrato para trabalhar em «boites» de Montevideu e Inezita recebeu convite para participar das festas do 1 de maio em Moscou.

ROTEIRINHO

Vale ver a «Brasilliana» no primeiro «show» do «Night and Day» — Quem tem juízo vai passar o «reveillon» em casa. Os preços estão de amargar — Com boa frequência e boa música a «boite» «Arpege» — Também o «Drink» do Djalma Ferrelira mantém o seu ritmo de sempre: boa bebida, boa música — Num sábado no «Sacha's», noite grande e chela. A refrigeração dá gosto. Muita gente de fora e sempre em bom plano a música de Sacha, Cipó e seus meninos. Murilinho canta e quando a madrugada vem chegando Jorge Green canta mais — SÃO PAULO — Vale ir provar o uísque do «Comodoro» no seu «Captain Bar» — Também é gostoso o ambiente do bar do Othon Palace Hotel — O sucesso de São Paulo é o afastado restaurante «Bon Voyage» — Herivelto Martins vai mesmo com o seu «Trío de Ouro» para o «African Boite».

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



MEG MILES é a dona desse rosto, com os respectivos acessórios que aqui aparecem. Cantora de músicas ligeiras, tem aparecido em filmes. Um psicanalista diz que Meg faz «cantar o sub-consciente».

OS DIRIGENTES soviéticos puseram agora os olhos sôbre a Índia. Dois dos mais importantes chefes russos — Chruschtchow e Bulganin — aqui aparecem com Nehru, quando de sua visita àquele país.



A BAILARINA É DE BORRACHA E PÁSSARO

«ONDE HEI DE DANÇAR nessa manhã tão bela?» — pensou, certo dia, ao levantar-se, Mademoiselle Tyrenne, primeira bailarina da Ópera Comique. Depois, vestindo-se convenientemente, encaminhou-se para a Place de la Concorde e para o Bois de Boulogne, onde se pôs a dançar com tóda a alegria da juventude, ante os transeuntes encantados com sua arte e beleza.



JOAN CRAWFORD (que aparece à direita) em 1940 adotou quatro garotinhas que hoje são moças feitas. Ainda há pouco, em Roma, a atriz compareceu a um espetáculo de variedades em companhia de uma delas, Christine. Os romanos não sabiam se Christine era filha adotiva de Joan, ou se Miss Crawford era filha daquela. Vejam se os curiosos tinham ou não razão da dúvida.



HÁ POUCO NASCEU EM LONDRES a criança mais minúsculo de que até hoje se tem notícia: pesava a recém-nascida apenas 650 gramas, e viera ao mundo ao fim do sexto mês de gravidez. Todos os cuidados foram tomados, pelos médicos britânicos, e hoje, ao que parece, David (esse seu nome) está fora de perigo, e subsistirá.



RIO DE JANEIRO

HORÁRIOS

(ida e volta)

0,40 - 1,10 - 5,40
6,40 - 7,40 - 8,40
9,40 - 10,40 - 11,40
12,40 - 13,40 - 14,40
15,10 - 16,10 - 18,40
21,40 - 22,40 - 23,10
23,40

2 paradas para lanches
e refeições.

AGÊNCIAS DE EMBARQUE:

SÃO PAULO

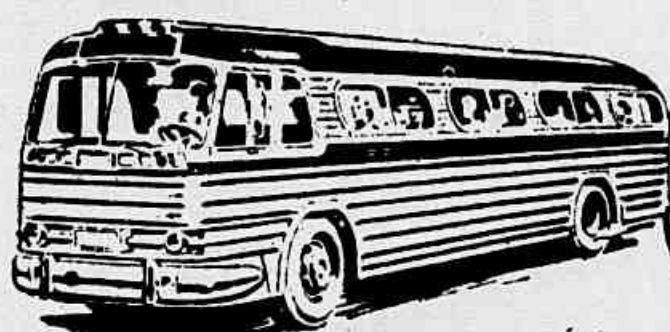
Av. Ipiranga, 885 - Fone 36-9456 (guichê do Rio)

RIO DE JANEIRO

Estação Rodoviária (Praça Mauá) - Fone 23-3912



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Lda.

SAZASO - EB-1

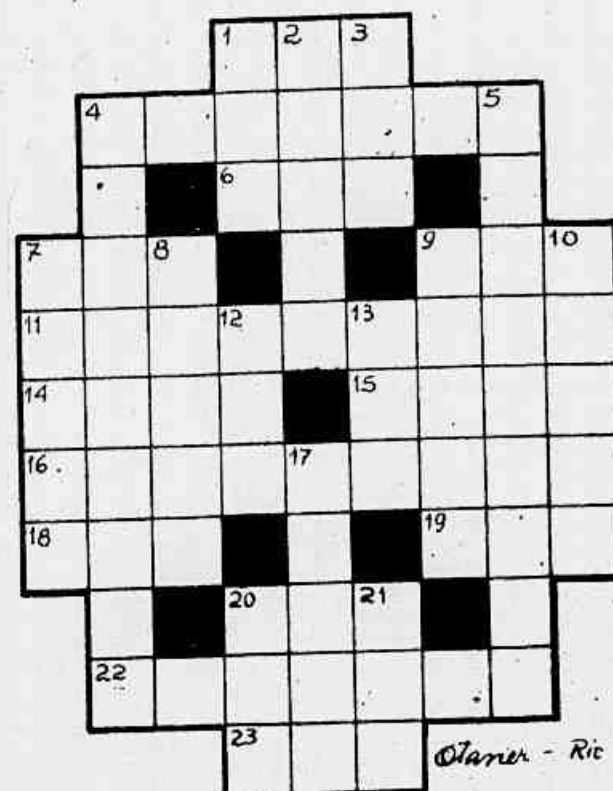
PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 191

PARA VETERANOS

HORIZONTALIS: — 1. Tecido de algodão do Levante — 4. Pessoa atoleimada — 6. Espécie de conchas bivalves — 7. Insignia militar da ordem de S. Miguel — 9. Numerosos — 11. Consequência — 14. Comprar bezerras de um ano para criação e engorda — 15. Pus de permeio — 16. Enfeites exagerados — 18. Fandango — 19. Arrabalde mineiro de Liege — 20. Residência habitual do indivíduo — 22. Relativo a bacanal — 23. Antiga medida holandesa de capacidade para líquidos.

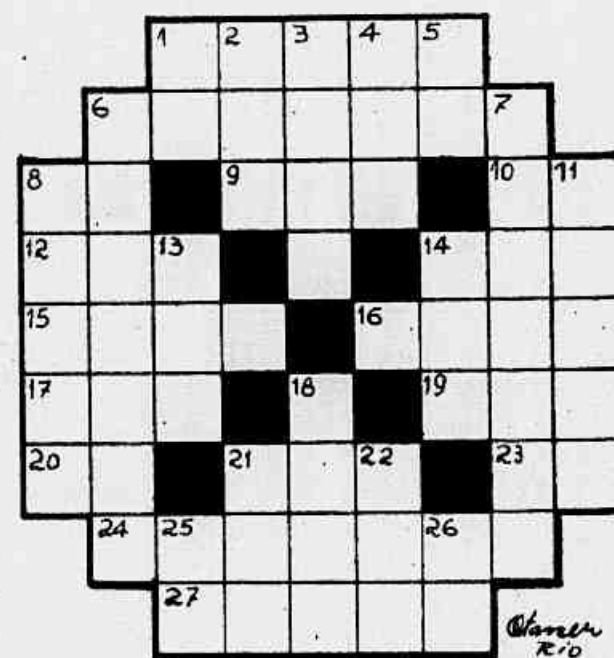
VERTICAIS: — 1. Em certo tempo — 2. Timbre de voz — 3. Mulher cuvilheira — 4. Velho decadente — 5. Óleo de ricino — 7. Acentua — 8. Comida feita com ovos de tartaruga, farinha e açúcar — 9. Supusera — 10. Importunavas — 12. Radical grego que significa montanha — 13. Planta da família das Acantáceas de flores vermelhas — 17. Relicário — 20. Para frente! — 21. Partiam.



PARA NOVATOS

HORIZONTALIS: — 1. Pesquisai, procurai — 6. Que arde — 8. Sigla automobilística do Amazonas — 9. Camareira — 10. Ali — 12. Semelhante — 14. Um dos produtos das abelhas — 15. Pais do pai ou da mãe — 16. Concedia — 17. Enxergas — 19. A casa — 20. Nesse lugar — 21. Certa planta da Índia — 23. Entrega — 24. Militar sem graduação — 27. Tombara.

VERTICAIS: — 1. Símbolo do cromo — 2. Nome de mulher — 2. Tecido, trama — 4. Nome de mulher — 5. Donaire — 6. Dignos de serem amados — 7. Alto — 8. Ligava — 11. Içara — 13. Tecido finíssimo (pl.) — 14. Moléstia — 18. Juiz entre os muçulmanos — 21. Fileira — 22. A pátria — 25. Flecha usada pelos antigos turcos — 26. Contração: de + a.



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 100

PARA VETERANOS

HORIZONTALIS: mel — ota — aperceber — uéua — isca — ecoante — dei — arca — MCVI — ema — afamado — atar — rada — coloridos — aro — era.

VERTICAIS: — mau — Épeé — leucocéfalo — obsticidade — tece — Ara — Rao — Einem — ad — cal — pia — amaro — A.M. — ator — Ari — odor — aca — asa.

PARA NOVATOS

HORIZONTALIS: par — sal — orem — aoto — aumentara — Sé — iabá — na — sr — adia — ir — alargaram — gare — rima — asa — Aar.

VERTICAIS: poa — arus — remendara — soabriria — atra — loa — mé — atas — Ni — aire — alas — Ag — rama — agá — ar — mar.



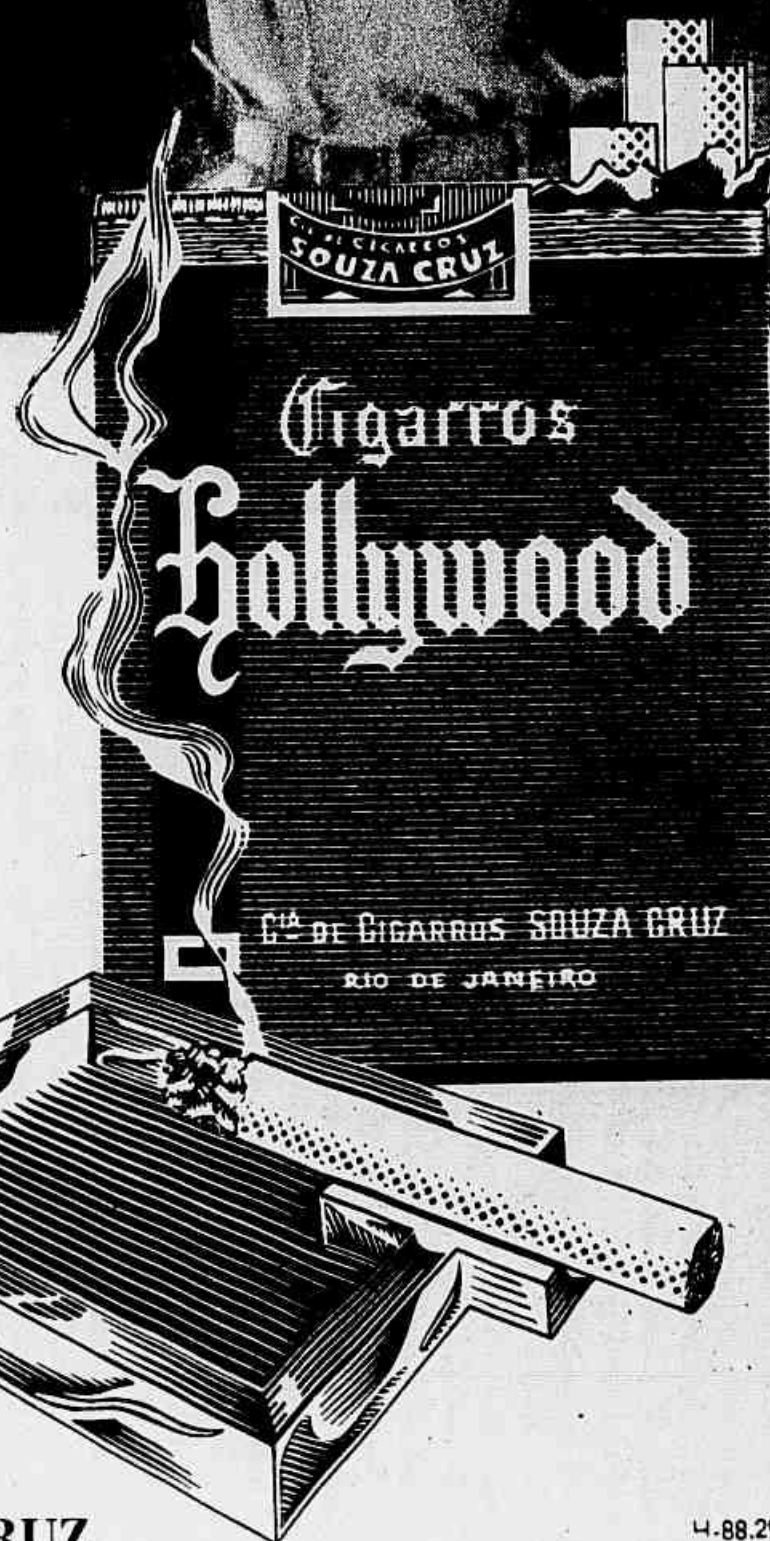
Agora, encontrei o meu cigarro...

hollywood

uma tradição de bom gosto

Cada vez mais pessoas estão mudando para Hollywood

UM PRODUTO SOUZA CRUZ



4.88.294

REVISTA DA SEMANA 23



EDITAR UM livro, numa terra como a nossa, em que as coisas do espírito são sistematicamente relegadas a um segundo plano, se para um nome consagrado constitui enigma de difícil solução, para quem apenas se inicia na carreira literária é praticamente insolúvel. Por isso é que não podemos poupar aplausos a iniciativas como a que vem de ser tomada por Simeão Leal, Diretor do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, editando, em bela apresentação, em tiragem considerável e papel excelente, nove livros de jovens intelectuais brasileiros.

A Coleção "Os Novos", cujos nove primeiros volumes acabam de aparecer conjuntamente, apresentados em uma das já tradicionais "tardes de autógrafos" da Livraria de Carlos Ribeiro, nasceu de uma troca de idéias entre Simeão Leal e alguns moços escritores. Queixavam-se os rapazes, através do programa "Clube da Crítica", de Paschoal Longo, irradiado pela Ministério da Educação, justamente das dificuldades que tem de vencer o escritor moço para ser editado. Já no dia seguinte, Simeão, que hoje em dia é o maior editor do Brasil (centenas de publicações, mais de um milhão de volumes, tudo em apenas sete anos e pouco) ofereceu-se para lançar alguns livros de novos. Organizou-se então uma Comissão de Seleção, destinada a opinar sobre os livros inéditos recebidos. Tal Comissão, de início, julgou dignos de publicação nove originais: dois de poesia, um ensaio, um diário, um de novelas e quatro de contos. Foram justamente êsses os trabalhos apresentados há algumas semanas ao público, devidamente assinados pelos autores, na presença do Ministro da Educação, o grande poeta Abguar Renault; do próprio Simeão Leal, alma do empreendimento; de Carlos Ribeiro, dono da casa; de Augusto Meyer, diretor do Instituto Nacional do Livro; enfim, de algumas dezenas de intelectuais e de "caçadores de autógrafos literários" — espécie que vem se tornando cada vez mais freqüente entre nós.

Para dentro de mais alguns meses, aparecerão mais alguns volumes da coleção. Nesse segundo lote, predominará a poesia — tal como no primeiro predominara o conto. Os livros apresentarão, como sempre, formato uniforme, e capa especialmente desenhada por Santa Rosa. Que fiquem, portanto, de sobreaviso os novos do Rio de Janeiro e do Brasil, enviando com a máxima presteza, para o Serviço de Documentação, seus livros inéditos. Quem sabe encontrarão, na figura de Simeão Leal, o editor ideal para êles?

SIMEÃO EDITA OS NOVOS



O POETA ABGUAR RENAULT. MIN. DA EDUCAÇÃO, QUANDO DISCURSAVA.

QUEM SÃO OS NOVOS

Entre os autores que figuram na coleção «Os Novos», encontram-se aqueles que já publicaram um, dois ou mais livros; os que jamais publicaram; os que já venceram, inclusive, concursos literários de repercussão nacional; enfim, até mesmo um jovem intelectual já falecido. O vocábulo novo, pois, não significa, aqui, inédito, nem imaturo, e sim o ainda pouco conhecido, o que desponta.

WALDIR RIBEIRO DO VAL — Paulista de Ariranha. Dois livros de poesia publicados. «Raimundo Correia Estudante» é o primeiro de uma série de estudos que pretende publicar sobre o poeta maranhense. Para 1959, quando do centenário raimundiano, deseja publicar-lhe a biografia definitiva. Bacharel em Direito, reside em Vitória.

BERREDO DE MENEZES — Maranhense, de Caxias. Antes de «Catedral dos Vácuos», escreveu, e rasgou, dois outros livros de poemas. Em 1952 foi para a França, onde passou dois anos. Em Paris conheceu Andrea Catti, que foi quem o amparou, nos momentos difíceis, juntamente com Paulo Emílio Salles Gomes. Quintanista de Direito.

JONES ROCHA — Já falecido (em 1953). Filho do político udenista Jones Rocha, também falecido, o jovem autor de «A Décima Praga» foi contista, ensaísta, novelista, teatrólogo, e sobretudo poeta — segundo suas próprias palavras. Dêle existem ainda vários livros por publicar. Nasceu em Petrópolis, em 1928.

GASPARINO DAMATA — Pernambucano. Em 1951 estreou com «Queda em Ascensão». Agora, publica «A Sombra do Mar». Quase ao mesmo tempo, «Caminhos da Danação», em tiragem limitada. Publicará «Seis Histórias Marítimas», breve. Com essa série de novelas, encerrará seu ciclo do mar. Marinheiro dos Estados Unidos durante a guerra, fez toda a campanha do Atlântico. Jornalista.

CARLOS DAVID — Veio do Rio Grande do Sul, onde nasceu, em Cruz Alta. Bacharel em Direito, mas não exerce a profissão. Trabalha no Instituto Nacional do Livro, sob a eficiente orientação de Augusto Meyer. É «Diário de Segismundo» o seu primeiro livro. Primo do romancista Érico Veríssimo, sim senhor.

FRED PINHEIRO — Piauiense, de Teresina. No Pedro II, onde completou o curso de humanidades, conheceu Fernando Fagundes de Loanda, Elyseu César Lima e Bernardo Gersen, com quem posteriormente fundaria «Orfeu». Além de «Prisma», tem «Latitude Azul», livro de poemas, e ainda uma peça, a publicar. Estuda na Faculdade Nacional de Filosofia.

WALDEMIRO AUTRAN DOURADO — Mineiro. Bacharel em Direito. Há cerca de três anos, conquistou o «Prêmio Mário Sette», do Jornal de Letras, com seu livro «Sombra e Exílio». Tem ainda outro livro publicado, pela José Olympio: «Tempo de Amar». «Três Histórias na Praia» é, pois, o seu terceiro volume.

BEATRIZ ROCHA — Ainda muito jovem, participou do corpo redatorial de uma revista literária que infelizmente teve vida efêmera: «Movimento Cultural». Antes, já publicara contos e ensaios em «Revista Branca». É irmão do poeta Rocha Filho. «O Parque de Diversões» é seu primeiro livro editado.



WALDIR RIBEIRO DO VAL
«Raimundo Correia Estudante».



CARLOS DAVID
«Diário de Segismundo».



BERREDO DE MENEZES
«Catedral dos Vácuos».



FRED PINHEIRO
«O Prisma».



GASPARINO DAMATA
«A Sombra do Mar».



WALDOMIRO AUTRAN DOURADO
«Três Histórias na Praia».



DIZEM que sou louco mas não é verdade. Apenas tenho pretendido saber o que se passa comigo. Desejo de invadir-me, pisar caminhos que meu espírito inventou, desaparecer em mim próprio. E os caminhos foram inventados por meu espírito ou já existiam quando eu nasci? Coisa complicada: se o que não é real, perceptível ou audível, aceitamos como existente por meio de concepções, por que é que meu espírito modelou realidades, obrigando-me a vagar campos detestáveis? Espírito existe? Estarei maluco por ter o meu modo natural de pensar? Claro que não. Infelizmente fui obrigado a submeter-me a um exame médico e depois vim parar neste hospital. Também meus livros foram substituídos por revistas. Por que?

Mundo de parvos! onde todo sujeito diferente dos demais é tido como idiota. Estou louco ou apenas os meus pensamentos são contraditórios à normalidade dos princípios constituídos e aceitos por todos como verdadeiros e incontestáveis?

E, que é que podem fazer comigo além de me prenderem neste hospital? Colocar-me-ão num cubículo escuro e infeto, derramarão cal para que eu morra asfixiado e depois de morto e cuidadosamente banhado digam que foi colapso cardíaco? Pouco me importa a vida, as pretensões dos homens estupidamente normais; os homens e tudo o mais que com eles sinonimize. É certo que fui pôsto para fora do emprego por ter perguntado aos meus colegas de trabalho se eles não sentiam vontade de caminhar por trás das tardes, respirando o ar dos desejos realizados. Basbaques! Uma simples expressão metafórica e eles ficaram olhando-me atentamente, desconfiados. No dia seguinte apareceu o médico, maneiroso, auscultou-me o corpo, a cabeça, surgiu a licença de três meses, trouxeram-me para o hospital.

Os cérebros talhados para as razões comuns são incapazes de um passo no domínio do raciocínio livre. Agora vejo que deveria estar maluco, quando tentei tirar argumentos para o meu livro, da cabeça de homens práticos, simples máquinas, nada mais.

Impossibilitado de locomover-me nas ruas, andar, olhar vitrinas, divertir-me com as cores dos anúncios comerciais, vestir-me como cidadão honesto, embrenhar-me na leitura dos meus livros, aqui estou, sentado numa cadeira-prêguiçosa, de chambre branco, cabelos cortados rente ao casco, num quarto horrivelmente claro.

O relógio na parede toca a música das horas, uma réstia de luz baila vagarosamente no soalho, interrompida de quando em quando pela cor-

— Pro diabo que a carregue, ela e o médico — muito bem dito. A resposta atrevida ainda ressoa na minha consciência. O ódio satura-me as entranhas, estampa-se nos meus olhos.

— Hora da injeção.

Injeção tem hora? Dou um pontapé na cadeira, jogo a revista de contos balofos pela janela a fora. Tenho vontade de gritar e grito:

— Pro diabo, todos!

Silêncio. Olho a cadeira revirada, a revista no saguão acimentado. Ninguém aparece para me repreender. Porém o desabafo deixa-me calmo. O canto dos pardais continua entrando pela janela.

• Será que em Portugal há tantos pardais como no Brasil?

A pergunta adoece a sôzinha no vazio da minha imaginação, perde-se sem nenhuma ressonância. De novo debruço-me à janela. Houve uma modificação na paisagem comum — o guarda branco, que estava no portão do edifício foi substituído por um guarda preto. Modificação mesquinha, digna de consideração apenas pela cor: a guarda branca ficou preta. O menino do papagaio desapareceu: foi almoçar, com certeza. Enquanto penso no garoto, penso no médico que me examinou. À tarde, depois das 3, irei procurá-lo na enfermaria. Tenho de ser ouvido, estou perdendo o meu tempo num quarto, isolado. Entretanto, se pudesse mandar alguém a casa de onde me trouxeram, conseguiria alguns livros para ler, papel e lápis para escrever, a vida ficaria normal, acomodada. Será que o guarda preto fará isso para mim, ou a enfermeira quando sair do serviço? Tentarei falar com a enfermeira. Se não tivesse escondido a minha roupa e os meus sapatos, uma noite qualquer fugiria, pularia o muro baixo, sairia da cidade. Mas, de chambre, cabeça pelada, atrairia a atenção do primeiro sujeito que encontrasse. Ele gritaria:

— Socorro! um louco na rua...

Haveria confusão, mulheres correndo, policiais, buzinas de carros, tocando. Todos malucos e o louco seria eu, apenas eu.

É melhor mandar buscar alguns livros, arranjar lápis e papel, resignar-me com os acontecimentos.

Quando chega a hora do almoço, aproveito a oportunidade para falar com a enfermeira. Peço um lápis emprestado, escrevo num pedaço de papel o endereço da casa, os títulos dos livros. Agradeço, a mulher sorri, desaparece na extremidade do corredor escuro. Ela trará os livros ou pensará que os nomes escritos são idiotices, asneiras de alienado? Aguardarei que a mulher volte no dia seguinte.

No restaurante, vigiados por homenzarrões, homenzinhos mirrados falam, gesticulam, comem.

UM HOMEM NO HOSPITAL

Conto de JOSÉ LOUZEIRO

Desenho de MARIUS

tina da janela. Não posso continuar imóvel, sentindo o cheiro agudo de clorofórmio, ruídos de ferros e bacias, odor de álcool queimado.

Mundo de parvos!

A manhã não passa. Se estivesse em casa, deitado na minha cama, os pensamentos recolhidos, completamente ôco, a manhã se assanharia com a minha imobilidade, voaria, terminaria num abrir e fechar de olhos.

Felizmente eu não recebo visitas. Detesto-as. Ninguém me visita porque não tenho parentes; nasci só, e só continuo a viver. Mas, as mulheres que passam para ver outros internados, mascaradas de ruge e baton já têm expressado os seus sentimentos de tristeza para comigo.

— Coitado! — dizem elas — a loucura... tão jovem...

Acho graça de toda essa pantomina, rebolo-me na cadeira, pego uma revista, abro-a, procuro ler. Não consigo. O conto derramado em letrinhas miúdas sobre cinco páginas é horizontal e mole como tocinho. Besteira.

Fecho a revista. O ponteiro grande do relógio na parede andou dez minutos. O meu itinerário dentro do quarto é único: da cadeira para a janela e vice-versa. Contudo, através da grade de ferro a vida se modifica. O panorama vertical enterra-se na minha imaginação, arranca recordações perdidas.

Numa rua próxima um garoto empina papagaio de papel de seda. O papagaio sobe, perde-se por sobre os telhados, os meus olhos vêem apenas a linha oblíqua e o garoto. Homens e mulheres de roupas coloridas sobem e descem nas calçadas. O menino não se preocupa com os pedestres; está sôzinho no mundo — ele e o papagaio de papel de seda. De repente, com naturalidade desconcertante, parecida com minhas idéias, curva-se um pouco, levanta uma das pernas da calcinha curta, urina. O menino é maluco? Os homens e mulheres continuam passando — o menino urina. É bom urinar no tempo. A minha infância regressa na urina do garoto que não conheço.

Minha vista enfada-se do menino, fixa-me na rua que não passeio, volta, equilibra-se num beija-flor que se balança no espaço, entre o mamoeiro e a laura-rosa florida. Alguém toca-me no ombro.

— Hora da injeção.

Não respondo, aborreço-me, continuo na janela sem olhar quem me chama. Novamente o dedo fino de mulher faz contato no meu ombro.

— É ordem do médico...

Viro-me, embrutecido: — Vá pro diabo que a carregue, você e o seu médico. Não tomo injeção nenhuma.

Caminho para a cadeira. Os ponteiros do relógio andaram consideravelmente. São quase 11 horas. Os trinados de alguns pardais entram pela janela. Continuo sentado, amorfo, enraivecido.

A tarde, enquanto durmo, abrem-se parêntesis no tempo; parêntesis brancos ou pretos, em que a vida se anula e eu próprio me perco. Ao levantar-me da cama não existe mais sol, começa a escurecer, e o cri... cri... das cigarras substitui a cantiga dos pardais.

As cigarras da minha terra cantavam diferente.

Penso em consultar o relógio, mas contenho-me. De que adianta saber as horas?

A janela do quarto continua aberta para o tempo porque existe a grade de ferro. Na rua tudo é calma insondável. A rua está parecida comigo.

Uma preta-velha, que trabalha na enfermaria, aproxima-se do guarda, fala qualquer coisa, sai.

Onde moraria a preta-velha?

As lâmpadas que se acendem nos postes talham figuras geométricas no princípio da noite. Belos desenhos, para mim que me acostumei às coisas simples, espontâneas.

Picasso poderia igualar as tonalidades que me deslumbram. Igualaria? Por que duvidar do artista? Imbecilidade minha.

Volto a admirar as luzes e a noite, ligo o presente ao passado com uma ponte, ando por ela. A casa dos meus pais numa rua de subúrbio, insignificante, coberta de palhas. A chama indecisa da lamparina refletindo-se no espelho, cheiro de peixe frito derivando da cozinha, pintinhos piando na varanda, crianças brincando na rua descalçada.

— Já... já... já...

A ponte desmantela-se com o grito de um louco. Regresso da minha infância diretamente para o manicômio, integro-me à realidade. Continuo na janela até enjoar-me. Depois aperto o comutador, a lâmpada deliro de claridade, fica boiando na luz.

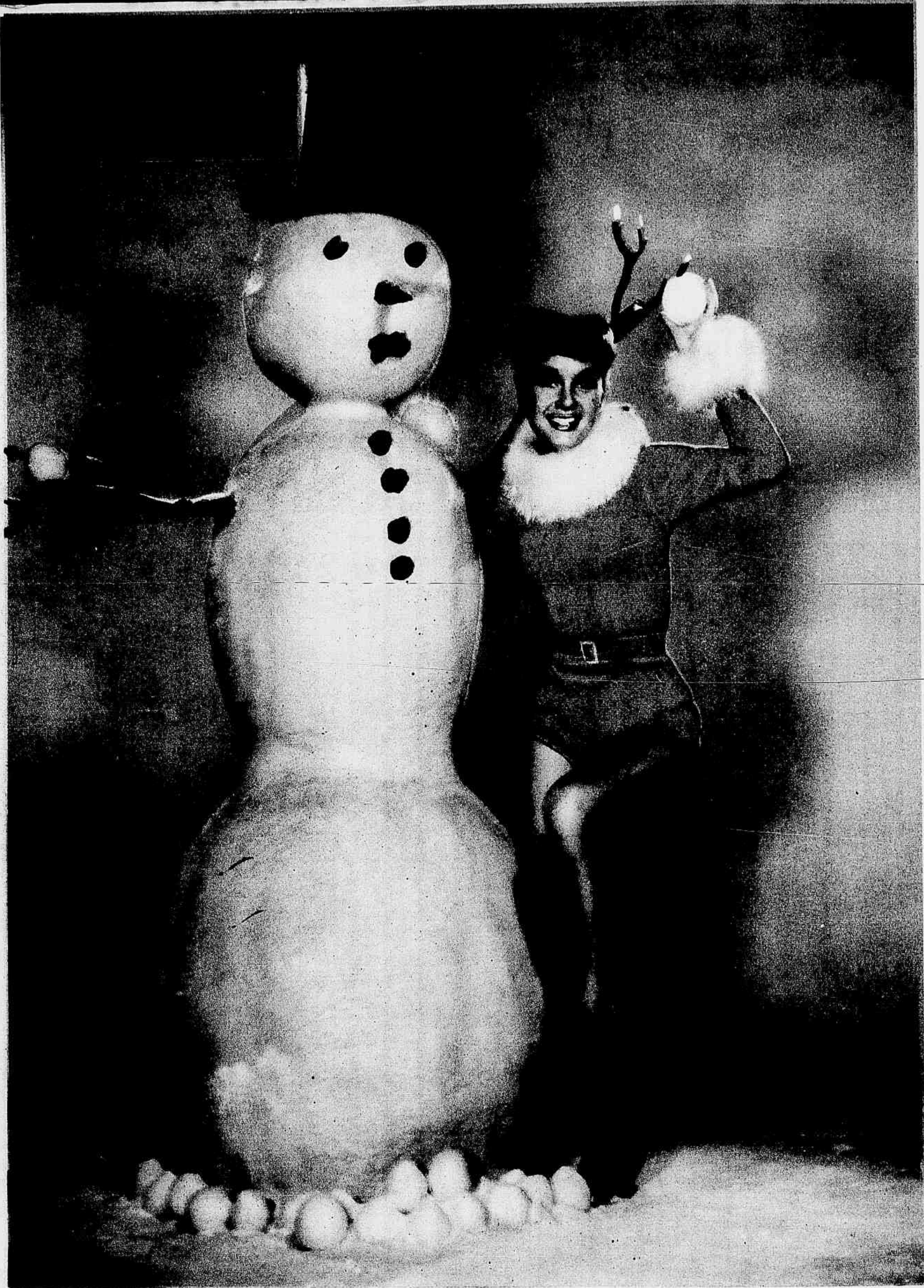
Um apito liga meu ouvido à boca que o apita. Dispensável explicação: sei o significado do apito. Rotina. Homens de chambre branco obedecem ao apito, entram em fila indiana, marcham a caminho dos cubículos, no enorme salão. Eu e outros pacientes, tidos como doidos passivos, dormimos em quartos independentes, não obedecemos ao apito.

O silêncio diluiu-se no ar, domina o ambiente. O tique-taque do relógio eleva-se na esperança de obrigar-me a ouvi-lo. Engano — viro-o com o pêndulo para cima, destruo a canção metálica, sem nenhum prejuízo para o tempo que passa, com relógio ou sem ele.

Para chegar mais depressa ao dia seguinte desligo a luz, ilimito o quarto, faço-o desaparecer num gesto — trevas!

Dormirei tranqüilamente outra vez. A enfermeira regressará com os livros, lápis e papel que eu pedi. Ela e a manhã virão juntas, acordar-me.





1956? PODE ENTRAR... A CASA É SUA...

● Nunca é demais nem inoportuno oferecer a casa a quem bate. A quem pede hospitalidade. A quem chega cansado, ávido de uma pousada para refazer as forças. Neste caso, quem chega não cansou, porque acaba de nascer: é o Ano Novo, novinho em folha, que traz ao homem um mundo também novo de esperanças e de coisas boas. Boas e bonitas. Se porventura os doze meses passarem e as promessas ficarem no ora

veja, que mal tem? O homem, esse ilustre desconhecido, já se acostumou às promessas que não se cumprem. E outros Anos Novos virão, sempre novinhos em folha, estalantes, risonhos e prometedores... REVISTA DA SEMANA augura aos seus leitores, anunciantes e a todos os seus amigos, um 56 dos bons. Melhor do que se pode esperar. E Boas Festas, amigos! (Nas fotos Debbie Reynolds e Jane Powell, da Metro Goldwyn Mayer).





SUGESTÃO PARA O LAR

Que importa se seu apartamento dá para uma área interna do edifício, mostrando uma paisagem pouco estética? Para tudo nesse mundo se encontra uma solução. A decoradora Edith Gecker sugere que se abram nichos redondos numa das paredes e nêles se pintem murais com a paisagem dos seus sonhos: mar, montanha, lago... o que mais lhe

falar à vista e ao sentimento. O resultado é uma decoração bem interessante para a sala. Completando-a: o linóleo é vermelho e cinza; cinza é o estofamento das cadeiras rústicas; e o grupo, ao fundo, todo verde e branco. As paredes foram pintadas de forma a imitar grandes blocos de pedra, e dão ao ambiente um bonito toque de originalidade.



JANE WYMAN (Paramount)

VOCÊ QUER TRABALHAR...

O ano começou e você, que acha ter estudado já bastante, resolve arranjar um emprego, quer trabalhar. Não de aparecer muitas oportunidades se é uma jovem com alguma habilidade específica: línguas, taquigrafia; ou se tem algum diploma profissional. Escolha aquela que mais oportunidades lhe possibilita de desenvolver o seu espírito ou aperfeiçoar suas aptidões.

Depois do trabalho contratado e de você ter feito sua estréia não pensa que tudo foi resolvido. Não. Não é hora de descansar numa rotina que só pode ser desinteressante e monótona. Inicialmente terá que desenvolver bastante esforço para tomar conhecimento das convenções e do linguajar próprio da firma onde ingressou. Abra os olhos e os ouvidos e procure se adaptar rapidamente para não ser alvo de comentários como este: — «É uma ótima auxiliar, conhece o trabalho, mas parece não ter se adaptado aos NOSSOS métodos».

Em cada emprego você terá que aprender um novo vocabulário. Para dar um exemplo dos mais simples: o que num escritório se chama papel de cópia no outro pode ser designado como papel amarelo (ou de outra cor) ou papel

de 2ª via. Aparentemente é sem importância, mas se você continuar chamando as coisas por nomes diferentes do que usam parecerá sempre uma estranha no ambiente.

Também procure saber logo: se pode usar o telefone para assuntos particulares; se a firma fornece «vales» antes do fim do mês; a quem deve pedir material novo quando o velho acabou; a quem deve telefonar quando não puder ir trabalhar (às vezes é ao gerente, outras ao superior direto), etc., etc. Enfim, em ponto menor, equivale a aprender a viver numa outra cidade ou num outro país.

Depois de bem ambientada, continue aprendendo muito e mais, se quer progredir e ter sucesso. Planeje sua vida de tal forma que, sobre alguns momentos, todos os dias, para estudar ou ler algo sobre sua profissão: um processo mais aperfeiçoado de taquigrafia, se é secretária; novos sistemas de arquivo, etc., etc. Mais ainda se você é professora, advogada, médica, ou desempenha profissão mais específica. Procure cultivar a amizade dos colegas que, devido à maior experiência podem lhe ensinar alguma coisa. Faça-lhe perguntas. Não se isole.

E, no fim de dois ou três meses, faça esse teste para saber se está cem por cento integrada em seu trabalho:

1 — É pontual em entregar as tarefas a que está obrigada em seu trabalho, não deixando nada atrasado?

2 — Ainda conserva o entusiasmo inicial pelo trabalho que escolheu?

3 — Sabe se controlar quando tem necessidade disso?

4 — Julga os outros com espírito largo?

5 — Procura cooperar para tornar o ambiente em que trabalha mais agradável?

6 — Procura não ofender os outros sem necessidade?

7 — Aceita críticas sem se amargurar?

8 — Critica os outros com complacência?

9 — Sabe tomar uma decisão quando é preciso, responsabilizando-se pelas consequências que possam advir?

10 — O altruísmo é uma de suas qualidades, procura ser cortês para com todos, superiores inferiores?

Marque 10 pontos para cada resposta afirmativa.

Obtendo 70 pontos, você pode estar certa de que está progredindo em seu ambiente profissional.

SE O CAFÉ envelheceu no fundo da lata e pó, e você não quer pô-lo fora, coloque-o em um tabuleiro e leve ao forno quente por alguns minutos. O resultado é surpreendente.

★

OS TECIDOS de rayon que imitam linho devem ser passados secos e com ferro bem quente, pelo lado avesso. Use uma tábua e passe muito lisa, limpa e bem acolchoada, para melhor resultado.

UM POUCO DE BELEZA

SOB O SOL DO VERÃO



Está aí o verão e o sol fortíssimo. Deixe sua pele ficar bem tostada, se gosta disso. Não use, porém, em seus vestidos, cores berrantes,

que não combinam com a pele queimada. Escolha para suas tualetes tonalidades suaves: rosa, azul pálido, limão, champagne, etc. Evite sistematicamente o vermelho vivo, grená e púrpura.

Quando o moreno que se adquiriu nas praias começa a desaparecer, a pele fica com aspecto embaçado muito pouco atraente. O melhor tratamento será o de limão. Ponha um pouco de caldo de limão no pote de seu creme de limpeza e use este no rosto, colo e braços. A pele irá clareando sem aquele horrível aspecto de desbotada quando o verão chegar ao fim.

Aquelas que têm a pele seca, sofrem muito com o sol forte, e têm mais tendência ao aparecimento de rugas. O uso de um bom óleo a base de lanolina é o único tratamento recomendado. Para que o óleo atue mais profundamente é bom usá-lo um pouco quente (mesmo no verão). Faça assim: ponha uma quantidade do óleo que vai usar numa colher de sopa. Esquente na chama de uma vela e aplique com um algodão. Passe-o no rosto, no pescoço e, antes do xampu, também na cabeça.

NOTINHAS ÚTEIS

SE AS CRIANÇAS sujam tudo de barro não se apresse em limpar as manchas. Espere que sequem muito bem e, só então, passe uma escova grossa para retirar o barro.

★

UNTE OS CANTOS dos tapetes com um pouco de goma arábica. Assim eles não enrolarão nunca mais.

ACONDICIONE OS ALIMENTOS que quer conservar por muito tempo na geladeira, assim: embrulhe-os em um pedaço de plástico fino, e prenda o embrulho com fita gomada.

★

SE A CASA foi pintada de novo e está com forte cheiro de tinta, coloque no centro da sala e dos quartos um prato cheio de sal. O cheiro desaparecerá rapidamente.

WEEK-END NA COZINHA

UMA TORTA GELADA, ÓTIMA PORTANTO PARA OS DIAS DE CANÍCULA. TAMBÉM NÃO É DIFÍCIL DE SER PREPARADA, NEM REQUER MUITO TEMPO.

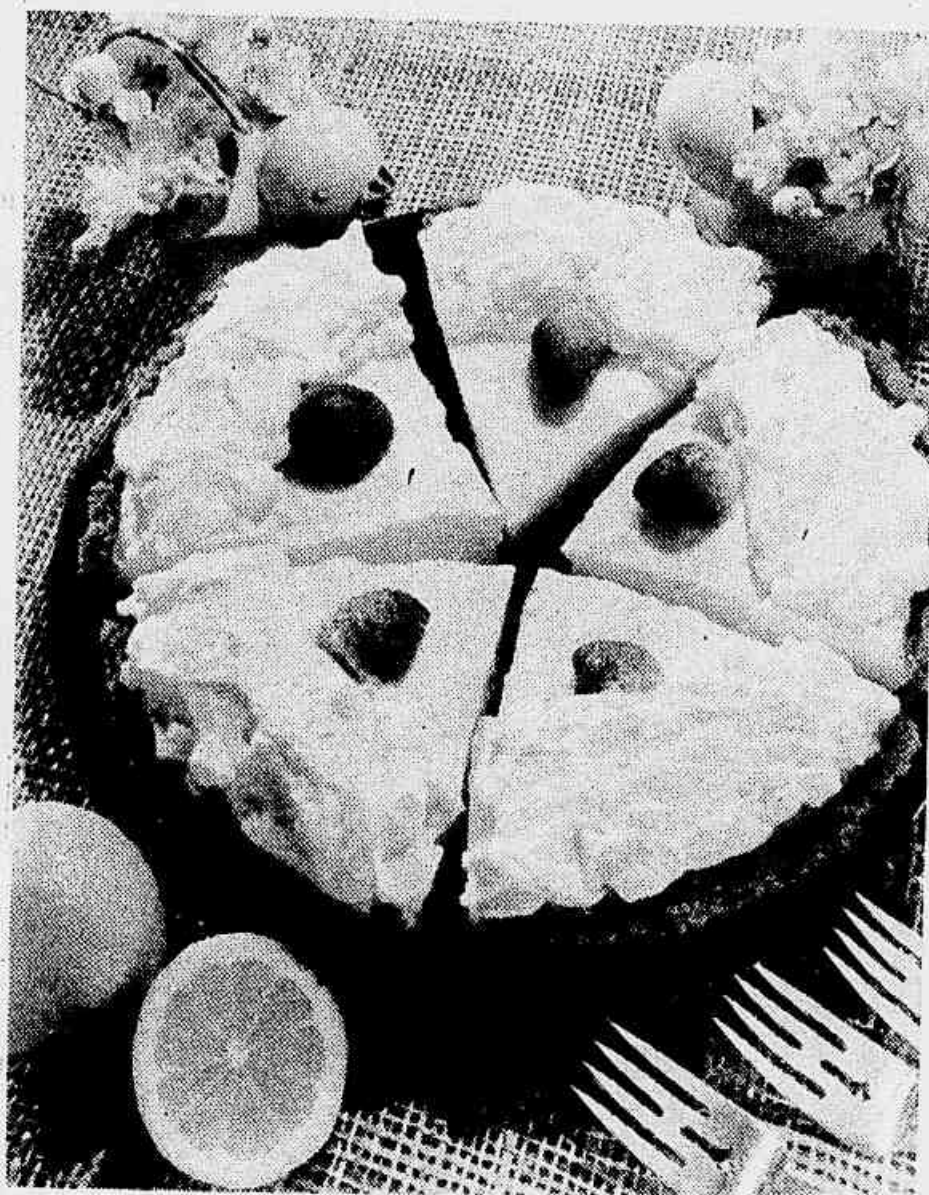
1 — Primeiro prepare a «crosta», com uma xícara de biscoitos «cream-crackers» moídos e uma colher das de sopa de manteiga. Aperte bem dos lados da fôrma.

2 — Bata 4 gemas até ficarem esbranquiçadas. Junte uma pitadinha de sal, 2 colheres das de chá de casca ralada de limão, 1/2 xícara de suco de limão e 1/2 de açúcar. Ponha essa mistura para cozinhar em fogo muito brando, até engrossar. Não deixe ferver. Tire do fogo.

3 — Junte uma colher das de sopa de gelatina em pó (préviamente dissolvida em um quarto de xícara d'água). Misture até a gelatina se desmanchar bem. Deixe esfriar.

4 — Bata as 4 claras restantes em ponto de neve. Junte, aos poucos, 1/2 xícara de açúcar e bata mais um pouco. Acrescente a mistura com gelatina. Finalmente acrescente 1/2 xícara de creme de leite.

5 — Ponha a mistura acima na crosta da torta (essa não vai ao forno). Enfeite com mais creme de leite e alguns moranguinhos ou outra fruta.





Três moços do trabalho: Fernando Sampaio — o homem dos zebus — Jean Louis Lacerda Soares e Jorge Alves Lima que está na África caçando. Lá ele inaugurou uma filial do «Michel's»

QUANDO A NOITE CAI...

UM BOM UÍSQUE CAI MUITO BEM

F. LÓBO

EU sabia bem que quando o jovem Valter Silva voltasse da guerra eu estaria desempregado. Nova York está diante dos meus olhos, olhos mais moços naquele 1945. Lá se vão dez anos! Não sou de esquecer coisas, nem pessoas e sou capaz de repetir sem errar, todos os recantos do Departamento Brasileiro da «National Broadcasting Company», onde, com outros brasileiros, passei algum tempo trabalhando. Tempo de guerra, duro tempo em que cooperação é uma palavra que tem que existir mesmo; sacrifício e luta em cada um ser que pisasse as calçadas daquela cidade enorme. As manchetes dos jornais contam coisas do Pacífico, da Europa, da guerra espalhada querendo queimar a todos. Lá fora luta de armas e em cada cidade norte-americana uma luta a favor daquela outra luta na supressão do filé mignon, dos cigarros, do açúcar, de tudo que fôsse mais preciso na boca dos homens fardados. As cidades estão

cheias de homens de uniformes, que enchem os bares e os «night-clubs» em dias rápidos de licença. A N.B.C. faz sua guerra para o mundo e aquele punhado de brasileiros pelas antenas daquela emissora, mandam para o Brasil as últimas notícias. Eu sabia bem, apenas, que quando Valter Silva voltasse, eu estaria desempregado.

A NOTÍCIA

Quando fui chamado para saber do que já sabia, estava de pé um moço côr de manga rosa, envergando o uniforme da Marinha, trazendo ao peito aquelas tirinhas coloridas que querem dizer «comandos». Era Mário Cardoso o mesmo Jimmie Chris, que deixando o navio, pisava em terra para assumir a direção do departamento brasileiro. E isto aconte-



O piano de Jimmie toca sonoro. Um violão repete sambas com suavidade. Dany Delmain conta de Paris na sua voz. Um grupo: Dany D'Auberson, Dany Delmain e Jimmie, o antigo marinheiro que ancorou na «boite» da capital paulista, de onde não pretende nunca mais levantar ferros.



Nem só de uísque vivem os homens do «Michel's». Eles aí estão com o uniforme da casa para uma disputa de futebol contra outro bar rival. A moça bonita, é Marjorie Gemmel, madrinha do time. No grupo, a paisana, também Caymmi — Caymmi, que partiu para S. Paulo, mas que voltará.

ceu também à minha saída. Mas, nos três dias que me restaram para desarrumar as gavetas, para rasgar papéis e matar lembranças, o moço fardado passou a mão no meu ombro e sem voz de chefe, sem jeito de chefe, sem cara de chefe, levou-me para o bar de frente para um «drink» e uma conversa. Ficamos assim amigos e mais um ano e tanto que vivi em Nova York, raro o dia sem o bom papo sem sotaque do moço Jimmie, já a paisana, desajeitado no nó da gravata nova.

O MEU BARCO

Um dia, num mês de janeiro, um navio me arrancou da terra americana. Era que eu tinha sonhos grandes de cobiça, de enriquecer como aventureiro descobridor de terra. Nova York ficou lá longe e pequenos aos meus olhos os seus arranha-céus, as suas calçadas que meus pés boêmios tantas vezes pisaram, em noites de todos os climas. Lá ficaram lembranças, amigos ali ficaram. Depois foram chegando um a um: Tito Leite, Nogueira, Cavalcanti, Inocêncio Rodrigues, Hélio Pereira, e outros e outros. A primeira vez que encontrei meu chefe amigo foi no «Ma-

xim's», ali em Copacabana. Trocamos uma noite por uma palestra longa. Recordamos fatos e coisas do trabalho deixado. Jimmie era o mesmo, o boa conversa que acabara dizendo que viera trabalhar na «Sear's», mas que a rigidez daquele horário não combinava com a sua boemia ganha depois da guerra. Mas queria ficar e mal sabia como iria ficar. Esse Brasil que era dele, tinha tudo o que lhe faltava às vezes em Nova York; tinha um bando de amigos que eram roda, que representavam matar bem o tempo que não pára. E para juntá-los sempre e tê-los sempre na alça de mira, Jimmie Chris, o chefe de ontem, o marinheiro de outrora abriu em São Paulo o «Michel's» e é dentro dele que ele tem seu mundo. Solteirão por falta de tempo, faz de seu negócio mais um meio de fazer amigos, do que dinheiro. E é por isso que toda a gente paulista quer bem ao moço e por isso também que os seus velhos amigos de outras partes quando lá vão, sabem que um uísque cai sempre bem, ao som de uma conversa em bom ritmo e com boa música em «background». Este o segredo que Jimmie Chris, o Mário Cardoso, revelou com o seu «Michel's», ponto de boa gente, com um «ballet» de peixes coloridos nos quatro cantos das salas.

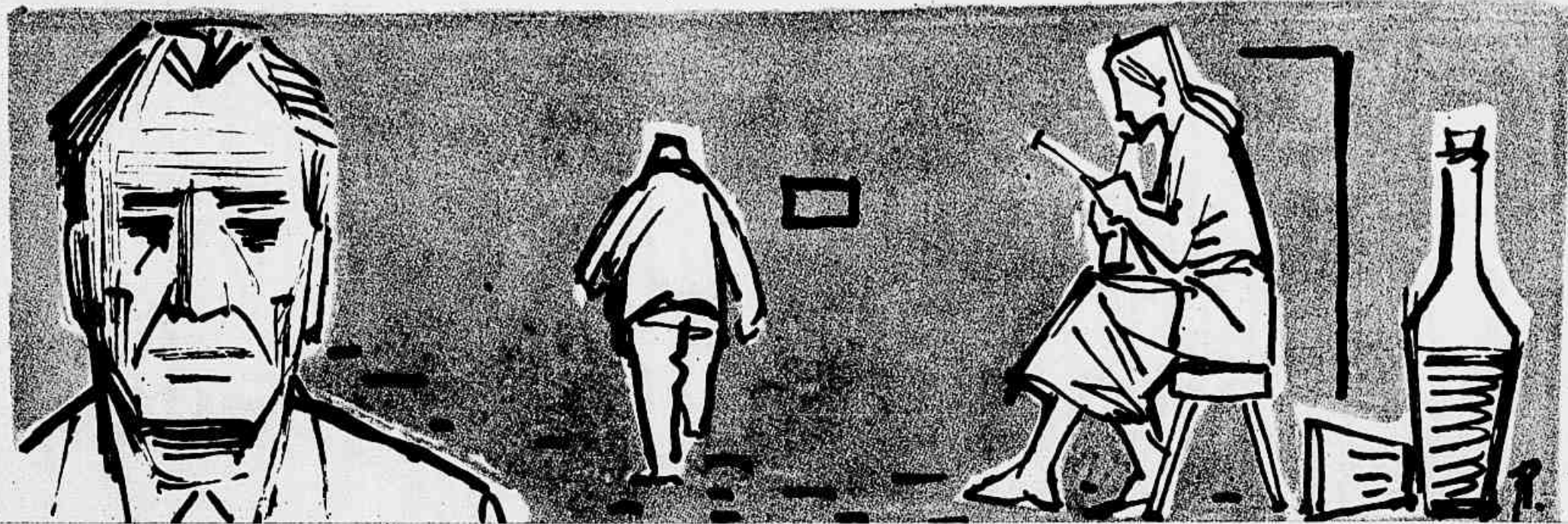


Com um grupo dêsse a noite vai longe: Aloísio de Oliveira conta histórias de Hollywood, Araci de Almeida canta, Haroldo Barbosa fala de peixes, Flávio Pôrto anota para o seu jornal, Eduardo e Marcelo escutam coisas. — À direita: Todos os anos o «Michel's» concede um prêmio ao melhor consumidor de uísque. Eis aqui o flagrante quando um jovem recebia o seu «diploma». Agora é só registrá-lo na repartição competente e sair em frente

Nízia Figueira, sua criada

Conto de MÁRIO DE ANDRADE

Desenho de RAMÓN



(Conclusão do número anterior)

A CABAVA rezando a missa das almas do outro mundo, de que ela tinha um bruto dum pavor. Vela também se acabava. Era um despesão de vela naquela casa, porém São Paulo nunca pegou fogo, ninguém não teve esbarro-de-estômago na família, e seu Lemos nunca foi mordido de cobra quando ia na rua do Carmo, rua de Santa Teresa, por ali, entregando carta. Filho bom ele não era não... Respeitar a mãe respeitava nisso da gente tomar a bênção, não fumar na frente dela, falar bom-dia, boa-noite, levar ela ver Senhor Morto na noite de Sexta-Feira Santa. Mas a pobre que cozinhava, inda lavava e engomava toda a roupa do filho, etc. Nem conversa. Aliás seu Lemos não conversava mesmo com ninguém. E quando a mãe morreu de repente, o que sentiu foi o vazio inquieto de quem nunca lidara com pensão nem lavadeira.

E foi então que, palitando dente, ele afinal principiou reparando naquela moça do portão. No dia seguinte, francamente, foi até lá só pra ver que tinha mesmo moça no portão daquela chakra. Nízia estava lá meia lânguida, mui mansa, não pedindo nada, só por costume duma esquecida que não esperava mais ninguém. Quando palitou de novo a barulhada dos sapos nessa noite, seu Lemos começou a pensar que ali estava uma boa moça pra casar com ele. Não refletiu, não comparou, não julgou, não resolveu nem nada, seu Lemos pensava por decretos espaçados. Pois um decreto apareceu em letras vagarentas no bestunto d'ele: Ali está uma boa moça pra casar com você. Na palitação do dia, estava escrito na cabeça d'ele: você vai casar com a moça do portão. Então seu Lemos foi visitar o Anastácio e, passando cumprimentou a moça do portão. Nízia estava já tão esquecida de si mesma que nem se assustou com o cumprimento, respondeu. Seu Lemos, que não via razão pra visita todo dia na chakra do padrinho, passava, cumprimentava, andava mais meio quilômetro pra disfarçar, ficava por ali dando com o pé na tirrica poeirenta, olhava qualquer pé-de-agarra-compadre do caminho, voltava, e cumprimentava de novo, rumo do Anhangabaú.

Depois de mês e meio de tanto bate-perna, seu Lemos, palitando, soletrou o decreto novo aparecido de repente na cachola: Amanhã é domingo pé-de-cachimbo, e você vai pedir a mão da moça da chakra. Note bem a graça d'esses decretos: de primeiro só falava em moça do portão, mas agora vinha falando em moça da chakra, mais útil pra casar.

Ali pelo meio-dia, prima Rufina muito espavorida veio ver quem estava batendo. Era seu Lemos. Prima Rufina quase que dá o suite no indivíduo, mas enfim dona Nízia devia de saber o que era aquilo. De certo encomenda.

— Mecê entre!

Seu Lemos não esperou nem dois minutos no copiar, veio Nízia, assim como estava, com o trabalhinho no colo. Ele falou que vinha pedir a mão dela em casamento. Ela respondeu que estava bom. Foi lá dentro dizer que prima Rufina preparasse também uns bolinhos pro café e voltou. Entraram na varanda. Nízia continuando o sapatinho principiado.

— Como é sua graça?

Olhou pra ele espantada. Perguntar como era a graça dela... De certo que ela é que não sabia! Seu Lemos esclareceu:

— Me chamo Lemos, José Lemos, seu criado. Quería também saber o nome da senhora.

— Nízia Figueira, sua criada.

— Sim senhora.

Seu Lemos parou de brincar com os dedos em cima das pernas.

— A senhora gosta muito de fazer sapatinhos, dona Nízia?

— Já estou muito acostumada.

— Muito bonito esse que a senhora está fazendo, é presente?

— Não senhor, eu vendo.

— Ahn...

— Quantos faço, prima Rufina vende nas casas.

— Sei... Quem é prima Rufina?

Seu Lemos recomeçou brincando com os dedos em cima das pernas.

— A preta que recolheu o senhor.

— Ah... Mas ela não é prima da senhora, não?

— É minha criada. Me acostumei chamando ela de prima Rufina desde criança. E ficou.

— Engraçado.

Trinta e seis, trinta e nove, quarenta e oito, pronto, acabava mais uma carreira.

— Está um dia bonito hoje, não?

— Está mesmo.

— Que sol mais claro, não?

— Quem sabe se está incomodando o senhor? eu fecho a janela...

— Não senhora, até nem me incomoda.

Veio o café com leite e bolinhos. Tomaram café com leite e comeram dois bolinhos cada um. Fazia uma tarde sublime lá fora. Claro, claro, com o sol quente despencado sobre os campos. E por este instinto de domingo que a natureza parece ter, aquela baixada estava tão sossegada, tomava um ar de repouso largado, imensamente largado, esparramado no chão. Eles ficaram ali fechados na varanda, seu Lemos palitava, Nízia tricotava, até que enxergaram os primeiros rumores longe no horizonte, entardecendo o dia.

— Bom, já vou indo.

Então Nízia percebeu a ventura inconcebível que lhe trazia aquele seu Lemos. Olhou. Viu na frente o bigode e o topete simpático. Sorriu pra eles. O vestido de cassa recortava as redondezas do corpo dela, feito como era costume naquele tempo, quase gordo, mais gordo que magro, peitos enchumagados, pernas grossas, curtas, mãos parando no meio. Na cara, os olhos castanhos esbaçavam o rubor liso que vinha empalidando até um queixo feito barrete frágil. Nariz simples, com as narinas quase grandes, ondulando nas mesmas curvas dos bandós castanhos. A boca sorrindo era pálida, com dentes cerrados e monótonos. Falou um «Já Vai» meio pergunta, meio aceitação duma calma dominical.

— Já vou sim, dona Nízia, são horas. Tive muito prazer em conhecê-la.

— O senhor volta!

— Volto. Não volto sempre porque creio que vou mudar de emprego. Trabalho no Correio, é. Meu padrinho parece que vai arranjar qualquer coisa pra mim na Secretaria do Tesouro, mas volto. Passe bem.

Ela entregou-lhe a mão e a vida:

— Passe bem.

Acompanhou-o até o portão. Ficou ali, enquanto ele partiu pelo caminho ruim. Tomando a estrada larga, seu Lemos nem disse outro adeus. Nízia entrou. Andava meia sem serviço pela casa.

— Essas toalhinhas de crochê estão carecendo lavar, prima Rufina.

— Antão num lavei elas na semana retrasada memo!

— Mas olhe como estão!

— Num inxergo nada não, porém, mecê qué eu lavo! Tou vendo mas é que seu Lemos veio trapaia toda a vida desta casa! Mecê inté parece que nem num sabe adonde assentá! Cadêra num farta! Sente, fique sussegada que é mió!

— Você não gostou de eu ficar noiva, é?

— Até que gostei bem. Mecê carece dum home nesta casa que lhe proteja mas porém assim! Premêro que aparece, vai ficando noiva! Nem sabe si seu Lemos quem é, arre, credo! Será que anda de bem com os pulica! Isso é que num posso assigurar pra mecê!

— Como você está braba comigo, prima Rufina! Ele é empregado no Correio!

— Isso antão é imprego que se tenha! Gente boa num carece di andá iscrevendo carta não! Véve que nem nois memo, bem assussegado no seu canto! Mia fia, vassuncê num cunhece nada d'este mundo, mundo é mais ruim que bôo... Essa história di sê impregado no Correio, num mi parece que seja coisa direita não, infim...

Foram deitar. A felicidade de Nízia fizera dela uma desgraçada. Do passado e esquecimento de dantes não se lembrava, mas o agora é que fazia ela sofrer. Noivo, seu Lemos achou que não carecia mais de passar todo santo dia pela casa tão longe da noiva. Tarde veio e seu Lemos não veio. Nízia vivia num deslumbramento simultâneo de felicidade e amargura. Que amasse não digo, mas tinha alguém que se lembrava da existência dela. Isso lhe dava um gosto inquieto, gosto de comparação, gosto de mais de um, não sei se explico bem. De repente ficara desinfeliz. «Vem amanhã», murmurou sofrendo de prazer. E repetiu «Vem amanhã» até na quinta-feira.

Seu Lemos chegou não era bem seis horas, jantado. Entregou pra ela o brochincho de ouro escrito LEMBRANÇA.

— Muito obrigado, seu Lemos!

— A senhora tem passado bem?

Etc...

Ficou lá até oito, creio. Nízia trabalhando, sob o lampião de querosene. Ele assustando as assombrações do teto. Falavam de vez em quando aquelas frases de companheiro que não esperavam resposta, só pra certidão de existência junta. Um pouco de Corrio, um pouco de trabalhinho de lá. Prima Rufina pitando na cozinha. Seu Lemos afirmou que voltava no domingo e então haviam de combinar o casório.

Não veio no domingo, veio na terça-feira. Que andara muito atrapalhado por causa duma visita que fôra obrigado a fazer. Depois tivera de levar uma carta do tal para um gráudo, estava quase arranjado o lugar na Secretaria. Trazia aquela meia-dúzia de lencinhos, desculpasse. Nízia foi lá dentro e voltou, feliz duma vez, com o cachê feito por ela na mão. Seu Lemos agradeceu e achou que estava muito bonito. Estava. Era pardo, todo com listas pretas, barra de lá com sêda.

Seu Lemos levou uma semana para aparecer. Só na outra terça-feira estourou na chacinha, muito afobado, só tivera tempo pra arrancar aquelas cravinas, de tão atrapalhado que andava, desculpasse. Saíra a nomeação e no dia seguinte tomava posse.

— Custou mas enfim!...

— Quem espera sempre alcança.

— E' mesmo mas custou. Já ia desanimando.

Seu Lemos estava mais tagarela. Nesse dia sapatinho de lá não entrou na conversa, era só serviço ruim do Correio, serviço bom da Secretaria, ordenado bem melhor, seu chefe de seção, «me disseram» e outras coisas nessa toada. Nízia escutando. As palavras caíam dentro dela tal qualmente flor de paina, roseando a alma devagar. Foi-se embora mais cedo? Não fazia mal! Nem soube que eram nove horas, que eram dez e muito mais, ficou sôzinha no trabalho, sem saber que trabalhava, acabando carreira numa conta, acabando sapatinho, acabando outro sapatinho, escutando. Não tinha nem bulha na noite fora. Os homens estavam dormindo em São Paulo. Nem poeira, nem grilo, nem vento, que nada. Um silêncio de matar gesto do braço. Nízia tricofando sem saber. A luz do lampião mariposava em volta da cabeça dela e, no calor sêco da sala, as palavras de seu Lemos se pronunciavam ainda, sonoras de verdade, como afago doce de companheiro. Nízia sofreu que você não imagina. Sofreu aquele sapatinho de lá; sofreu por causa de prima Rufina que estava envelhecendo muito depressa; sofreu aqueles vestidos de cassa eternamente os mesmos, carecia fazer outros; as toalhinhas de crochê não ficaram bem lavadas; ela era um poucadinho bem mais gorda que seu Lemos; também prima Rufina nunca trouxera uns pés de cravina para plantar no jardim! flor tão bonita...

Tôdas essas infelicidades que nunca sentira, e que doem tanto pra quem não pode ter outras: era a voz de seu Lemos que trazia, pondo como espelho diante dela, o corpo do companheiro. Foi pro quarto e pela primeira vez depois do antraz da preta, não dormiu logo. Pensar não pensou, era também do gênero dos decretos. Como decreto não vinha, ficou espalhada na escuridão, sentindo apenas que vivia feliz, encostada na vida do companheiro.

Seu Lemos levou duas semanas sem aparecer.

— Pois é! si mecê já tivesse priguntado pra ele adonde que ele mora, eu ia até lá sabê si é duença...

Numa quarta-feira seu Lemos apareceu. Vinha com barba por fazer e de mãos vazias, puxa! que serviceira! estava arrependido. Depois, tanta responsabilidade!... Entregar carta, a gente entrega e ponto, agora? escreve número aqui, escreve número noutra parte, e não se pode errar porque livro de Secretaria não é coisa que a gente ande rabiscando nem raspando. Depois: ainda não estava bem enfronhado do serviço, que barafunda! nunca imaginei que fôsse tão difícil!...

O engraçado é que ali mesmo, diante de Nízia, sem se lembrar dela, seu Lemos estava lendo os decretos da cabeça. E não pensa que lia todos em voz alta que nem estou fazendo, não! Parava de falar às vêzes, e lia só consigo. E que diferença agora a cabeça de seu Lemos! Antigamente era vazia, grande sem nada, só de três em cinco palitões um decretinho curto. Agora? era ver página do «Correio Paulistano», «que barafunda», como ele dizia... Foi-se embora remendo decreto sem parada.

Nízia ficou na porta, metade do corpo na noite, metade dentro de casa, partida pelo meio. Bem sentiu que seu Lemos, coitado! não era por querer, porém, estava escapando dela. Voltou para dentro, e custava se lembrar do que seu Lemos falara. Quis sossegar-se. Coitado! tanta ocupação. Sossegou-se, mas num sossêgo sôzinho, de morte e desagregação. Quando ficou bem só, não sofreu mais. Dormiu.

Seu Lemos só apareceu vinte dias depois. Vinha magro, passando. Viu Nízia no portão, parou pra saudar. Tinha que ir ver o protetor, por causa duns emburlos na Repartição. Ela meia que ficou até espantada com a rigura do estrangeiro. Teve uma dor horrível.

— Na volta o senhor entra sempre, seu Lemos?

— Pra falar verdade, dona Nízia, não sei se posso parar, se puder, paro. Mas não se incomode por minha causa não. Passe bem.

— Passe bem.

Seu Lemos tinha revidado nela uma infelicidade pesada. Mas não desejou que seu Lemos não voltasse, como seria melhor pra ela e foi. Seu Lemos não voltou. Padrinho deu estrilo com ele, por causa da tal encrenca, seu Lemos zangou com o padrinho, seu Lemos saiu da Secretaria, seu Lemos bançou sem decretos uma porção de dias, seu Lemos arranjou emprêgo numa loja de fazendas. O coitado não queria riqueza, queria sossêgo... Arranjou u'a mulata gorda pra cozinhar, dormiu uma noite no quarto de Sebastiana e depois tôdas as noites a Sebastiana no quarto dele, que era mais espaçoso. Sebastiana cozinhou, porém não era cozinheira mais: dona de casa, sempre querendo chinela nova no pé côr de sapota.

Nízia... Teve um homem que veio morar bem perto da chacinha dela. Não durou muito uma família vizinhos com o tal. E aos poucos foi-se fazendo a rua Guaicurus, foi-se fazendo mais um bairro desta cidade ilustre. Uns se davam com os outros; uns não se davam com os outros, ninguém não se dava com Nízia; prima Rufina vendia, sempre as mesmas. Trintonas, quarentononua, esquecida no mundo.

Deu mas é pra beber. Banzando pela casa, foi matar uma barata e encontrou debaixo da cama de prima Rufina a garrafa que servia pra de noite. Roubou um pouco por curiosidade. Muito pouquinho, de medo da outra. A primeira sensação é ruim, porém o calor que vem depois é bom.

Não levou um mês, prima Rufina percebeu. Não falou nada, só que trouxe um garrafão de pinga, e principiaram bebendo juntas. Cada mona!... Não digo que fôsse todo dia, pelo contrário. Nízia trabalhava, prima Rufina vendia, sempre as mesmas. Trintonas, quarentonas, isto é, prima Rufina, sempre muito mais velha que a outra. Dera para envelhecer rápido, essa sim, uma coitada que não o mundo porém a vida esquecera, quase senil, arrastando corpo sofrido, cada né destamano no tornozelo, por causa do atritismo. Quando a dor era demais, lá vinha o garrafão pesado:

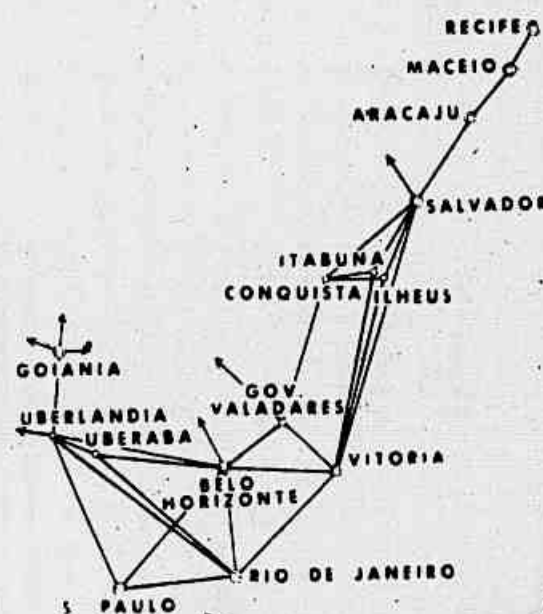
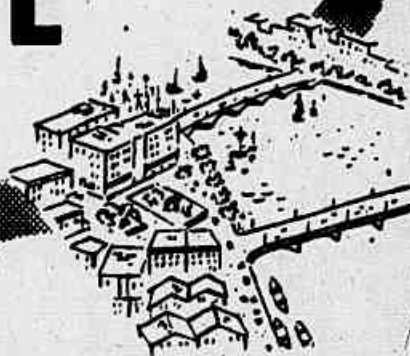
— Mecê também qué, mia fia?

— Me dá um bocadinho pra esquentar.

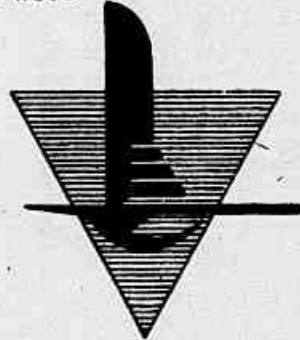
(Cont. na página 46)



Uns viajam a **SALVADOR** outros a **RECIFE**



mas todos
seguem
o mesmo
caminho:



NACIONAL

TRANSPORTES AÉREOS

Rua Santa Luzia, 685-B - Tels. 32-7399 e 32-6119 - Rio

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Altiates

A Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»
Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sobre o ensino de
«Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME

RUA

CIDADE

Nº

ESTADO

“Mil” lhe oferece:



BUZINAS Sonoras
TIMPANOS Bim-Bam
ELETRICAS - AVACUM A AR
Colocação imediata

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98 A

52-1066 - 22-6144

RIO DE JANEIRO

Só na
Mil



Nascido do interesse de um voluntarioso grupo de jovens da melhor sociedade joinvillense, o pitoresco time futebolístico «ÊLES SÃO DE FAMÍLIA» diverte os habitantes da progressista cidade de Joinville, e das localidades circunvizinhas.

ÊLES JOGAM FUTEBOL DE "BLACK TIE" E PIJAMA LISTRADO

Reportagem de HYNENNY GOMES FERREIRA

JOVENS DA SOCIEDADE EM JOINVILLE ORGANIZARAM O MAIS GOZADO TIME PEBO-LÍSTICO DO BRASIL ★ OS «SOCIETY BOYS»

DO «ÊLES SÃO DE FAMÍLIA», DIVERTEM UMA CIDADE CEM POR CENTO INDUSTRIAL E FAZEM «MISÉRIAS» DENTRO DO CAMPO

NA progressista cidade industrial de Joinville, no Estado de Santa Catarina, onde os esportes têm grande aceitação e prática no seio da laboriosa população, surgiu, recentemente, uma nova sociedade esportivo-recreativa — talvez única no gênero em todo o Brasil — cuja finalidade primordial, a par daquelas inerentes às organizações similares, no campo social, é divertir cômicamente, a exemplo do que fazem os negros americanos dos «Globetrotters», os aficionados do futebol naquelas paragens. Trata-se, nada menos, que da Sociedade Esportivo-Recreativa «ÊLES SÃO DE FAMÍLIA», a qual, pela sua interessante organização e finalidade, pelo muito que tem realizado em tão pouco tempo de existência, já desfruta de invejável posição nos meios desportivos e sociais da «Manchester» catarinense.

ESPORTE E VIDA

Joinville, também conhecida como a «Terra dos Príncipes», é uma cidade 100% industrial — onde o qualificativo de «Manchester Catarinense» — é a maior do Estado, com seus 50 mil habitantes e suas 25 mil bicicletas, que num espetáculo magnífico desfilam diariamente pelas amplas e bem calçadas ruas da moderna cidade. Como cidade nº 1 do Estado, possui outros vastos empreendimentos, fixando-se este repórter, no ensejo, de preferência no seu setor esportivo, por ser esta reportagem essencialmente específica, já que noutra oportunidade faremos uma incursão nos demais domínios das atividades da progressista cidade. Joinville está provida de magníficas praças de esportes, em nada devendo às dos grandes centros; majes-

tosos estádios dentre eles o do América F.C.; o ginásio coberto para a prática de volei e de basquete, denominado «Palácio dos Esportes», sendo de notar, de um modo especial, dentre as agremiações desportivas dali, a quase centenária «Sociedade Ginástica de Joinville», fundada em 1858, talvez a mais antiga na América do Sul. Nessa cidade, onde os esportes são os mais variados, tais como: volei, basquete, remo, atletismo, ginástica, punho-bol, tênis, esgrima, ciclismo (é a cidade de maior número de bicicletas no Brasil, em proporção ao seu número de habitantes), motociclismo, automobilismo, natação, tênis de mesa, bolão, etc., — destaca-se de um modo todo especial o futebol, através os seus clubes principais: o Caxias F.C. e o América F.C., os quais detêm a hegemonia em Santa Catarina, com a conquista dos pomposos tí-

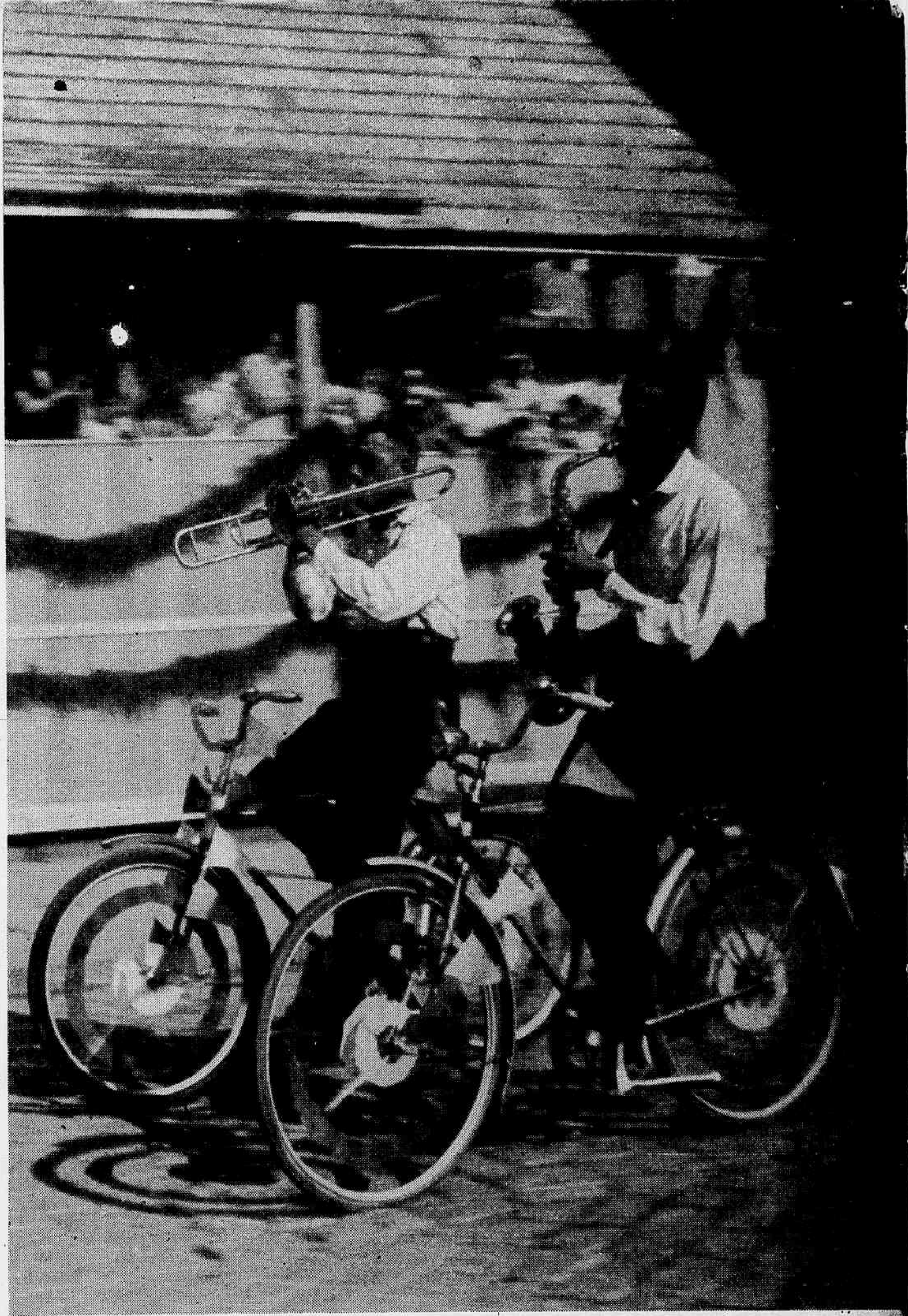
Cidade das bicicletas, Joinville proporciona, diariamente, um espetáculo de encantamento para a vista quando elementos como estes, nas atividades cotidianas, sobre seus singelos veículos, praticam verdadeiros malabarismos em meio a outras 25 mil bicicletas.

tulos de Campeão Estadual de 1954 e Campeão do «Torneio dos Clássicos Catarinenses», respectivamente, fazendo-se notar, sobretudo a enorme quantidade de clubes pebolísticos existentes, que exige separação de três divisões para disputa do campeonato local; além desses, outros numerosos clubes amadores que a título essencialmente recreativo praticam futebol, a eles se juntando, especialmente, os que praticam o chamado futebol pitoresco, que inicialmente se fazia representar pelo conjunto altruístico do Bloco do Chimarrão F.C. (hoje Cuia F.C.), depois aumentado com o Curriola Independente F.C. e que por último se viu acrescido de mais um: a Sociedade Esportivo-Recreativo «Eles são de Família».

1 UM TIME ORIGINAL

Nascendo do interesse de um voluntarioso grupo de jovens da melhor sociedade joinvilense, impulsionados pelo desejo de encontrar bom e sadio recreio nas suas horas de lazer, na prática do futebol — o esporte rei dos brasileiros — e, lado a essa atividade física, completar a sua recreação, realizando atraentes festas sociais com a participação numerosa da mocidade local, a novel agremiação, isso efetivando, conseguiu se impor destacadamente, sendo hoje cercada da admiração e simpatia gerais, o que já se estendeu além-município, com a excursão que realizou há pouco tempo à vizinha cidade de Itajaí. Foi então correspondida com a visita do tradicional Bloco dos XX e sua Miss, a distinta senhorita **Ana Maria Heusi Siqueira** — atual «Miss Santa Catarina» — acontecimento altamente relevante nos fastos sociais joinvilenses, sendo de notar que com esse intercâmbio ficou iniciada em Santa Catarina — e quiçá no Brasil — a prática do «society football».

Grandioso e brilhante é o programa social-desportivo que a vitoriosa S.E.R. «Eles são de Família» se propõe a realizar, levando a efeito festas sociais e desportivas em Joinville e efetuando excursões dos seus «society boys» a outras cidades do interior catarinense, num intercâmbio social-desportivo realmente interessante. A todas elas leva o seu simpático conjunto de futebol, com curioso uniforme, talvez «sui generis» no cenário pebolístico brasileiro, sendo de se observar o uso da elegante gravata borboleta («black tie») e no seu escudo representativo o distintivo da «high society»: a cartola simbólica e o clássico bastão dos elegantes,

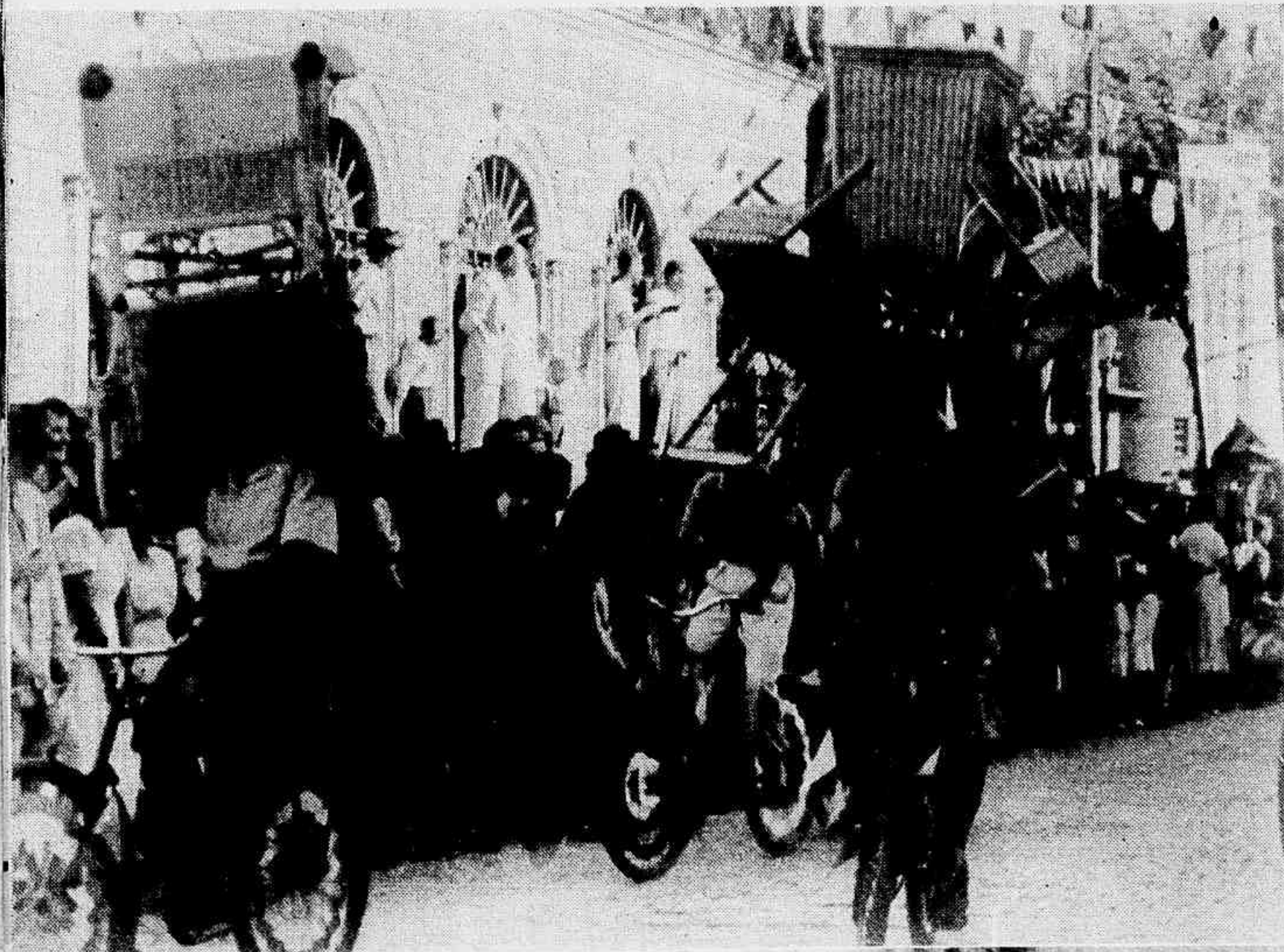


além de um vistoso pijama listrado, a título de macacão.

2 UM AVISO AO LEITOR

Uma vez em campo esse time, tudo de inesperado pode acontecer para o espectador, pois a qualquer momento — e a um sinal conveniado do capitão do quadro o jogo se transforma numa partida de volei ou basquete, cada jogador fazendo os maiores e mais engraçados malabarismos possíveis, quedas espetaculares e outras coisitas mais; fazer da bola travesseiro ou nela sentar-se e ler um jornal que traz escondido no calção ou ainda, quando o time está vencendo por um escore elevado, voltarem-se todos os atacantes contra a sua própria defesa e consignarem um ou mais tentos de sopetão, via de regra bem recebidos pela numerosa assistência, mórmente pelo quadro inferiorizado (em gols) em campo. E com o seu futebol pitoresco, esses rapazes, ao tempo em que se divertem, trazem alegria à laboriosa gente daquela cidade.

Em Joinville não existe o problema dos transportes. Ágeis ciclistas, verdadeiros ases do guidão, conduzem em suas bicicletas e sobre a cabeça, as mais estranhas coisas, seja uma cadeira, seja uma poltrona, e não é de causar espanto se algum dia vários ciclistas transportarem, cadenciadamente, um enorme piano.



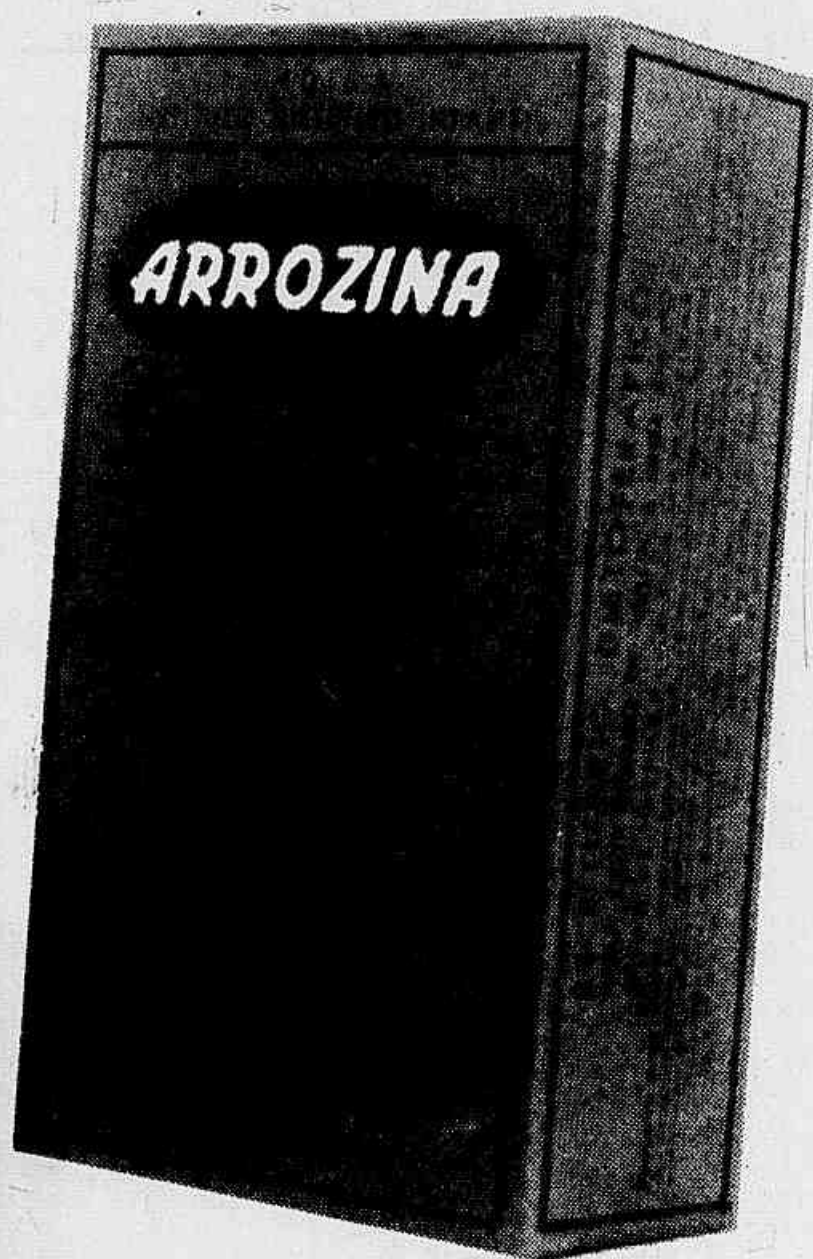
É hora do "RANCHO"



seu filho
cresce com

O alimento
que levanta
o peso
do bebê

A venda em
armazéns,
mercearias
e
farmácias



*Experimente Arrozina em
mingaus, cremes, recheios e bolos*

UM PRODUTO



**Instituto Dietético
Infantil S.L.**

CAIXA POSTAL 4334 — SÃO PAULO

Representantes em Todo o País

REVISTA DA SEMANA — 38

O MACHADO DE PRATA

(Conclusão do número anterior)



O processo que se seguiu foi dos mais estranhos jamais debatidos em tôda a longa história da jurisprudência. Em vão alegou o conselho a improbabilidade da explicação apresentada pelos indiciados, recusando-se a admitir, na discussão de um caso ocorrido em pleno século XX, um fator como a magia; em suma: por falta de maior clareza, os prisioneiros foram absolvidos por unanimidade, tão intrincados eram os fatos.

— Esse machado de prata — observou o juiz em seu arrazoado — ficou cêrca de duzentos anos na mansão dos condes von Schulling, sem ter sido tocado. A morte súbita do último conde, atribuída ao seu mais devotado serviçal, é ainda recente, e deve estar presente em vossas recordações. Ficou posteriormente provado que, alguns dias antes do crime, êsse serviçal examinara e limpava as velhas armas. Isso fazendo, deve ter segurado por algum tempo o machado, e imediatamente após, assassinou o patrão, após haver servido, fielmente, à sua casa, por mais de vinte anos. A arma foi, segundo as vontades do conde von Schulling enviada a Budapeste, e foi na própria Gare, no momento de sua chegada, que Wilhelm Schlessinger, tendo tomado o machado nas mãos, dêle se serviu, nas duas horas que se seguiram, para matar o professor Hopstein. A pessoa que a seguir utilizou a arma foi o porteiro Reinmal, o qual ajudou a carregá-la da carruagem que a tinha trazido para a sala de depósito da Universidade. Na primeira oportunidade, enterrou-a no corpo de seu amigo Schiffer. Depois, assistimos ao atentado de Schlegel, contra Strauss, e à tentativa de homicídio do inspetor Baumgarten, na pessoa do sub-inspetor Winkel, todos transcorridos logo após que sôbre o cabo do machado pousasse u'a mão. Finalmente, aconteceu a descoberta providencial dêsse extraordinário documento, que acaba de ser lido pelo meirinho. Convido-vos pois, senhores jurados, a considerar com cuidado todos êsses fatos, certo de que encontrareis em vossas consciências um veredicto imparcial, não ditado pelo medo do ridículo.

A mais interessante prova testemunhal para o leitor inglês, muito embora não tenha conhecido sucesso entre os húngaros, é certamente o laudo do doutor Langemann, eminente médico legista que escreveu manuais sôbre a metalurgia e a toxicologia. Eis o que rezava:

— Senhores, não estou seguro de que seja preciso voltar aos tempos da necromancia ou da magia negra para explicar os acontecimentos que acabam de se produzir. O que aqui vos exponho não passa de uma hipótese, sem nenhuma base experimental. Contudo, em caso tão extraordinário, tôda inspiração deve possuir valor. Os Rosacruz, aos quais se faz alusão no documento, eram os mais peritos químicos da idade média, e entre êles é que podemos descobrir os maiores alquimistas, cujos nomes chegaram até nós. Malgrado os progressos da ciência, há certos pontos em que os antigos nos eram superiores, por exemplo: na fabricação de venenos sutis e mortais. Este homem, chamado Bodeck, possuía sem dúvida, Rosacruz que era, receitas de estranhas misturas, das quais algumas, como a *agua tofana*, dos Medicis, tinham o dom de envenenar pela simples absorção dos tecidos da epiderme. E' bem possível que o cabo da machadinha em questão tenha sido impregnado de uma poção que, ao diluir-se, torne-se perigosa, causando acessos súbitos e violentos de loucura homicida. Em crises de tal espécie, é notório que o ódio do alienado se volta contra os séres a quem mais estima, quando em perfeita lucidez. Repito-vos: não possui nenhuma prova a dar-vos, em apoio à minha teoria, e deixo-vos o repeli-la, ou aceitá-la.

Podemos encerrar essa narrativa do afanoso processo, com êsse resumo do laudo do eminente e engenhoso legista.

Os pedaços do machado de prata foram lançados em uma fossa bastante funda, e um grande cão de rara inteligência foi incumbido de levá-los entre seus dentes, de vez que ninguém os queria tocar, de medo de se ver possuído pela loucura assassina.

Quanto ao pergaminho, foi conservado no museu da Universidade. Strauss e Schlegel, Winkel e Baumgarten, tornaram a ser, como outrora, os melhores amigos do mundo, e o são ainda hoje.

— F I M —

PROGRAMAÇÃO

O telespectador que deixa de sair à noite, para ir a um cinema ou teatro, pensando em se distrair em casa, assistindo aos programas de televisão, joga com a sorte. Em alguns dias da semana a programação é tão monótona que o tendo que pensava passar algumas horas tranquilamente, divertindo-se sem deixar a sua poltrona favorita, acaba indo para a cama mais cedo do que imaginava. Em ambas as emissoras, duas ou três noites por semana programas interessantes sucedem-se, prendendo a todos junto aos aparelhos receptores. Por que não dosar de maneira igual as apresentações, para evitar que em determinados dias os espectadores relutem em ligar seus aparelhos?

As peças e novelas representadas são geralmente boas, com ótimas interpretações e têm mesmo numeroso público para assisti-las. Seria necessário pois que essas exhibições fossem feitas em dias alternados e não se sucedessem, como acontece às segundas-feiras na TV-Tupi: três teatros são apresentados consecutivamente, embora em gêneros diferentes.

❶ O mesmo acontece com os programas esportivos. As transmissões dos domingos feitas diretamente dos campos de futebol, têm grande número de fãs e os comentários finais também são ouvidos com atenção pelos torcedores, mas, durante a semana, duas e até três vezes, sucedem-se os programas esportivos que acabam por cansar aos espectadores que não se interessam pelo assunto. Por que não evitar tratar somente de futebol, como quase sempre acontece e procurarem os comentaristas entrevistar ou transmitir outras competições esportivas?

E' necessário dosar melhor as programações, desde as apresentações para crianças aos documentários, teatros ou programas humorísticos. Deve-se levar em consideração que o espectador, em qualquer noite da semana, tem o direito de ligar o seu aparelho e encontrar pelo menos um programa que trate de assuntos do seu agrado. E' preciso pois variar ao máximo os temas tratados, a fim de satisfazer à maioria do público.

❷ Porque um determinado programa agrada mais do que outros e tem um número elevado de espectadores, deve cada vez ser melhor cuidado e não se repetir, definitivamente, para que não decaia no interesse do público. Naturalmente não é fácil apresentar diariamente uma programação perfeita e de interesse geral, programação que tem que variar de dia para dia, no entanto, é necessário cuidá-la e melhorá-la sempre.

VAMOS MELHORAR?

CONSTANTEMENTE causa grande irritação aos espectadores a sucessão interminável de anúncios, apresentados entre um programa e outro. O aborrecimento leva a que se desligue o aparelho e, não raro, isso faz que seja perdido o programa seguinte que interessava assistir.

Seria ótimo que os programas, sempre que possível, fossem apresentados no horário regulamentar, para evitar que a propaganda comercial se prolongue por demasiado tempo.

A TV-TUPI, com urgência, precisa mandar retificar a sua aparelhagem de refrigeração. Soubemos que dias atrás o sistema foi pôsto em funcionamento mas apresentou sérios defeitos e, por isso, resolveram deixá-lo de lado.

Os artistas sofrem tremendamente com o calor sufocante dos estúdios e os convidados que ali são levados para entrevistas, durante as palestras não podem deixar de se referir à canícula.

Não haverá recurso para essa desagradável situação?

Para as apresentações de Carequinha e Fred. Os dois artistas continuam encantando as crianças e procuram levar para o seu circo atrações de destaque. O público tem assistido a alguns números de equilíbrio e trapézio, realmente notáveis. A perfeição com que são acompanhados pelas câmaras todos os movimentos dos artistas que se exibem, em seus mínimos detalhes, concorre bastante para que os espectadores acompanhem com agrado essas apresentações.

GRAU DEZ

Para «Encontro com o Ari». Composições novas e antigas são executadas durante o programa, algumas ainda inéditas. Como disse Ari em uma das suas últimas conversas, se não tivesse o recurso de apresentar-se ao público através da TV, mostrando-lhe novas criações, os seus fãs poderiam pensar que ele havia deixado de compor, pois, há um verdadeiro boicote das suas músicas inéditas, logo depois que são gravadas, por parte de elementos interessados em que o festejado compositor não lhes faça concorrência.

Tudo isso é muito lamentável... E estranho!

★

Para Lídia Matos em «E' proibido falar». A animadora, com muito espírito e vivacidade, conduz os candidatos, sempre atenta para que as regras estabelecidas para a brincadeira sejam rigorosamente cumpridas, e fazendo ela mesma as mímicas que um ou outro candidato não consegue transmitir ao seu grupo.

Muitos dos espectadores já adquiriram o hábito de brincar de mímica e, durante os programas, estabelecem verdadeiros concursos para verificar quem é capaz de acertar ao maior número de frases.

★

Para os contos de Natal, apresentados com êxito pelo Teatro de Comédias, da TV-Tupi, às segundas-feiras. As interpretações e os temas escolhidos têm agrado plenamente.

Para «Passeio na Floresta», programa infantil da TV-Rio. Essa emissora tem grande número de apresentações destinadas às crianças e que são feitas de maneira muito cuidada.

«Passeio na Floresta» é representado exclusivamente por crianças que, caracterizadas nos mais diversos animais ou vestidas como gênios e fadas, cantam e dançam de maneira muito simples, procurando distrair aos seus amiguinhos de casa.



Jair Alves, cantor de baiões, elemento de destaque da TV-Tupi.



O «Clube do Guri» tem em Zaira Cruz uma de suas «estrelas».



AS BOMBAS voadoras constituíram, para os ingleses, um terrível e duradouro pesadelo, na última guerra. A V-1 aparece na foto acima, vendo-se sua turbina desmontável, na parte superior, dotada de asas estabilizadoras. As V-1 permitiram que a navegação inter-sideral tomasse um novo alento.

IREMOS À LUA EM 1956?

NÃO É MUITO PROVÁVEL MAS NÃO É IMPOSSÍVEL

REVOLUÇÃO NA AERONÁUTICA COM A APLICAÇÃO DO «JATO» ★ OS PRIMEIROS AVIÕES A REAÇÃO DIRETA ★ A MORTE NA «BARREIRA DO SOM» ★ AS BOMBAS VOADORAS ABRIRAM CAMINHO ★ O «LÁPIS VOADOR», DE TURBINA MOVIDA A ENERGIA ATÔMICA ★ ATÉ ONDE HÁ DE CHEGAR A JATO PROPULSAO?

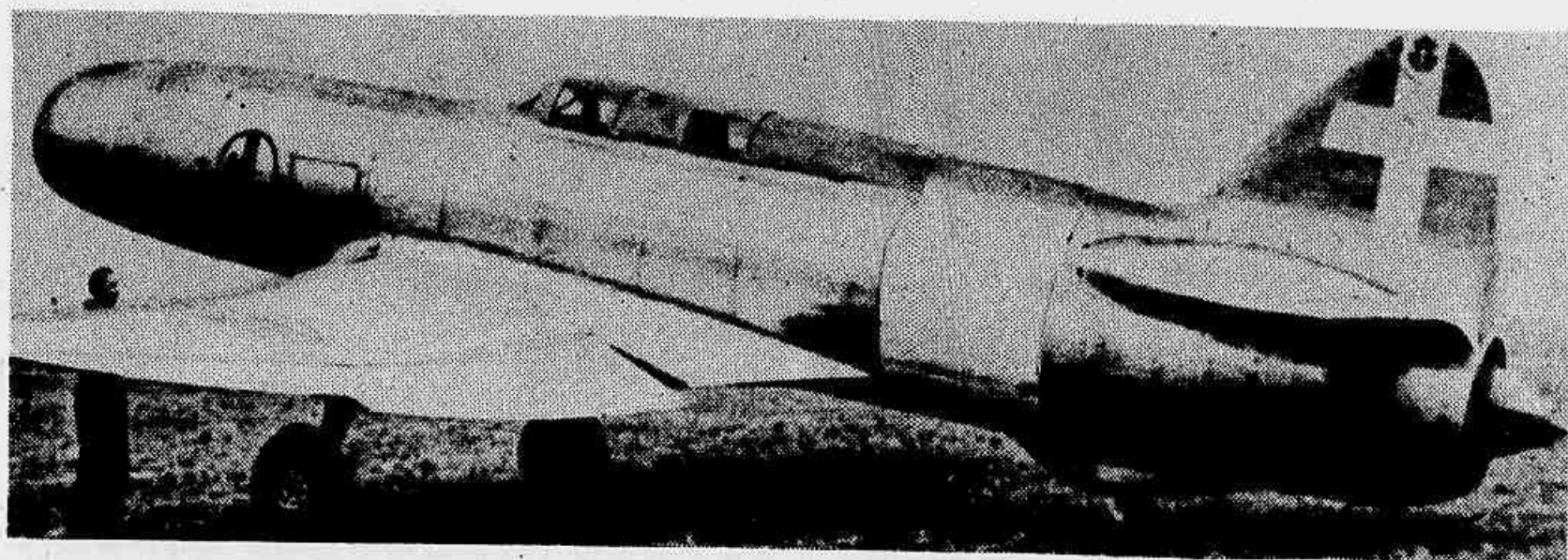
Reportagem de ÁLVARO RAYMUNDO S. NETO

SEM dúvida alguma a humanidade evoluiu técnica-cientificamente neste último século, mais do que nos oito mil anos precedentes que datam do nascimento dos primeiros povos civilizados, conforme estimativa dos estudiosos. Principalmente nos últimos cinquenta anos, atingimos a um grau de evolução, em todos os setores, verdadeiramente espantoso. Os sonhos dos «lunáticos» da antiguidade e dos fantasistas estão sendo pouco a pouco postos em prática. Leonardo da Vinci foi acusado de feiticeiro por ter projetado e desenhado numerosos e complicados engenhos, tais como o tear, a máquina de voar, o «tank» de guerra e dezenas de outras máquinas que são hoje realidade. Júlio Verne se destaca entre os fantasistas que descreveram futuras verdades, designadas por seus contemporâneos de alucinações. Este último, homem genial, previu até as viagens interplanetárias por meio de naves-foguetes. Bem verdade é que ainda não atingimos a esse objetivo, mas, segundo os engenheiros aeronautas, não estamos longe do dia em que o homem aterrissará na lua.

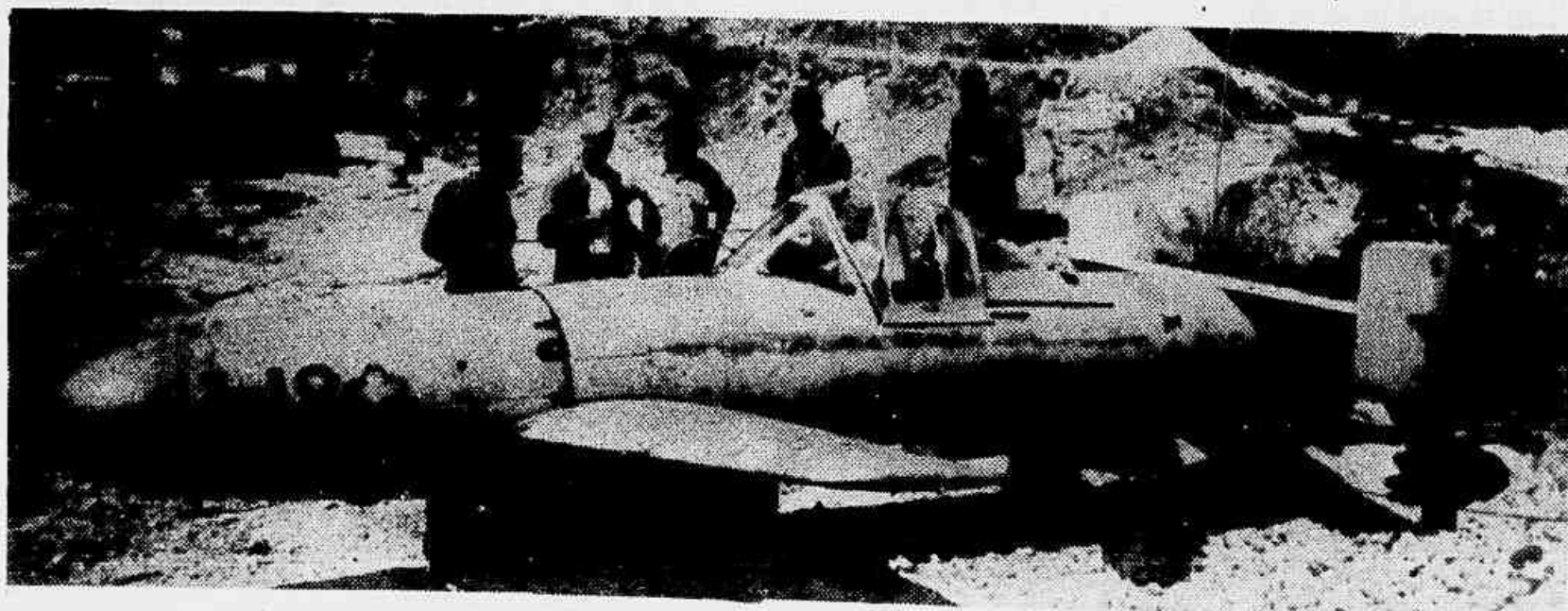
A presente reportagem é um pequeno histórico da evolução dessa idéia fixa do homem, de conquistar o espaço, através de possantes aviões, de reação direta.

OS FOGUETES

Para chegarmos ao moderno avião de propul-



ACIMA, O PRIMEIRO avião a voar sem hélices Italiano, de 1940, era acionado a ar quente comprimido, expelido por um tubo ao longo da fuselagem; abaixo, um dos famosos aparelhos-suicidas nipônicos («kamikase») capturado intacto numa ilha do Pacífico, em fins do ano de 1945.



são a jacto, temos de nos reportar à antiquíssima China do século 2 A.C. Naquela época surgiu a pólvora; o elemento básico que serviu para a deflagração das conclusões humanas de conquista do espaço por meio de foguetes.

No princípio da era Cristã os chineses começaram a empregar a pólvora, em larga escala, surgindo assim os primeiros fogos de artifício. Em meados do século VII, os gregos do Baixo Império utilizaram pela primeira vez a pólvora, como agente de propulsão, sob forma de foguete incendiário (Fogos gregos). Somente no século XIV a Europa começou a usar esse tipo de arma. Mais tarde, quase duzentos anos depois surgiu a bomba.

O foguete comum compreende um tubo cheio de pólvora, cuja combustão determina o desenvolvimento de grandes quantidades de gases, que, expulsos pela retaguarda do tubo, provocam em virtude da reação, a propulsão. Baseados nisso, vários homens do passado sonharam com a propulsão a jacto, hoje uma realidade.

O NASCIMENTO DA «ERA JACTO»

Foi no início da Grande Guerra que se começaram a fazer as primeiras pesquisas para a utilização do foguete como meio de locomoção. Por ser o avião um invento recente, os engenheiros não se aventuraram a tentar, praticamente, projetar aeroplanos movidos por foguetes. Como era natural, a escolha recaiu sobre o automóvel. Entretanto, foram precisos 14 anos para tal realização. Somente em 1928, o alemão Fritz von Opel, herdeiro dos Opel, conseguiu construir e fazer demonstrações positivas na auto estrada de Avus Bahn, na Alemanha, com um possante carro impulsionado por 24 «rockets» instalado na traseira do veículo. O carro denominava-se «Sander Rak Opel-2», e atingiu a velocidade de 256 quilômetros P/H. Seguiram-se novas experiências, mas todas de consequências funestas, porque a técnica automobilística ainda não atingira o aperfeiçoamento necessário. Por outro lado, muitas vezes os tubos carregados de dezenas de quilos de pólvora explo-

ESSA SEQUÊNCIA fotográfica, que mostra as primeiras experiências efetuadas pelos alemães com a bomba voadora V-2, maior e mais possante que a V-1, foi capturada pelas forças aliadas logo após o término da segunda conflagração mundial, nas ilhas Pennemunde. Veja-se a jacto-propulsão.

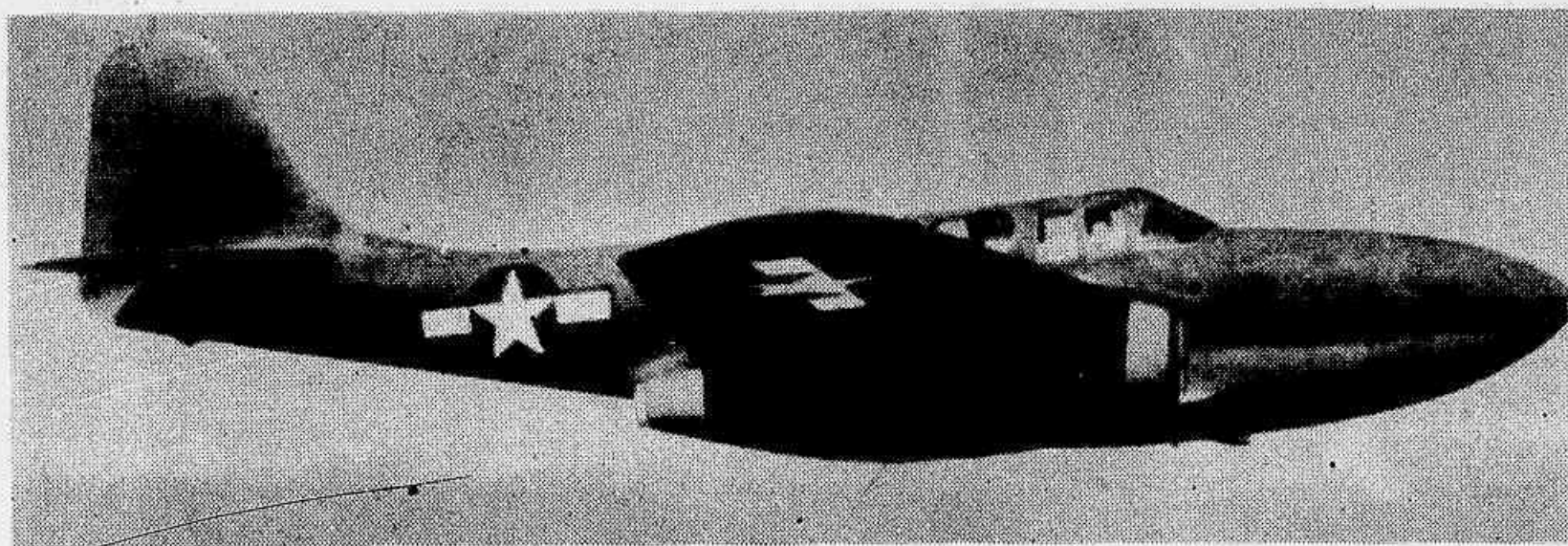
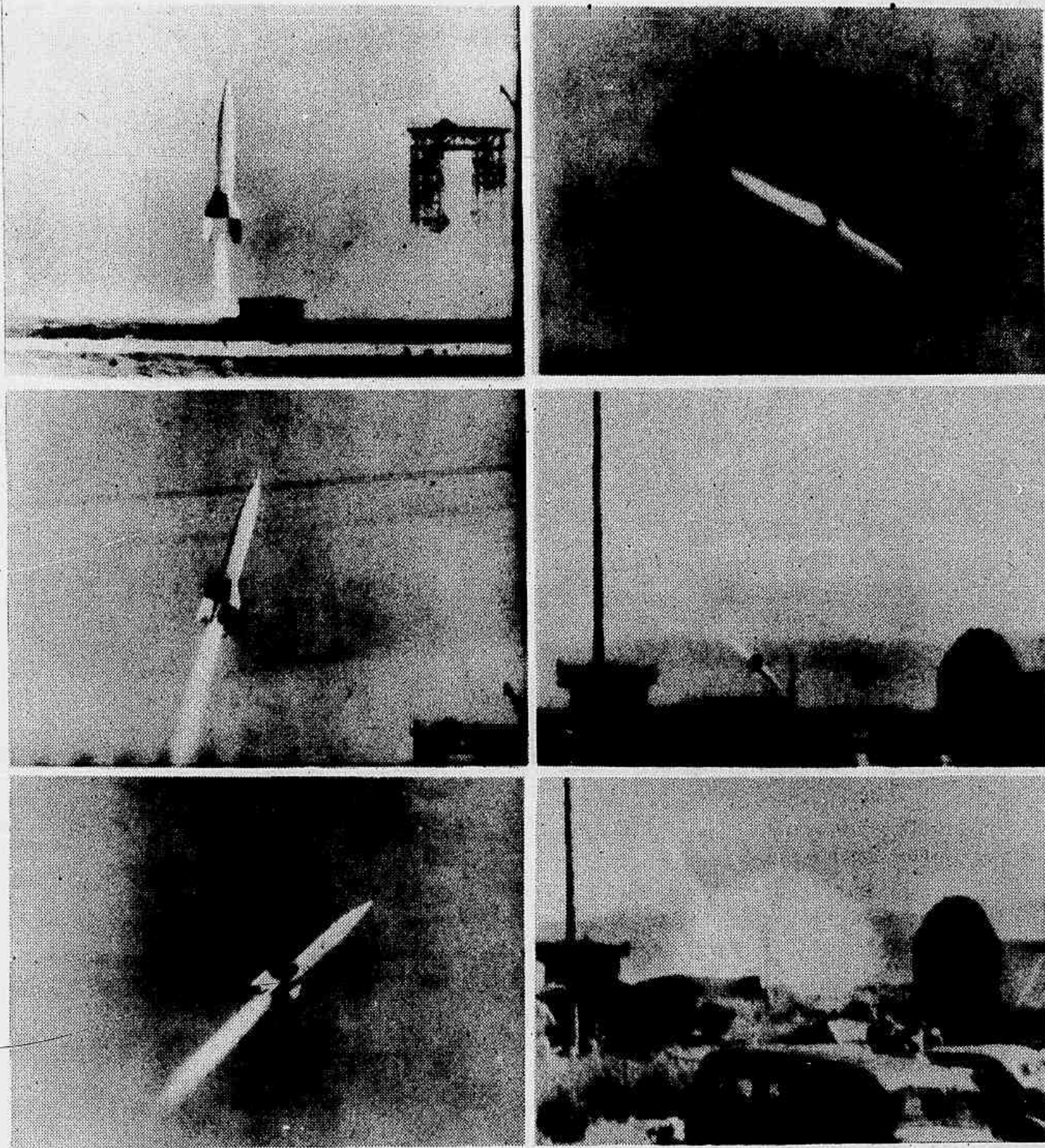
diam inopinadamente. Grande número de desastres marcou o período dessas experiências.

Enquanto von Opel apresentava ao mundo seu Rak-2, outros engenheiros alemães ultimavam a construção do avião a jacto.

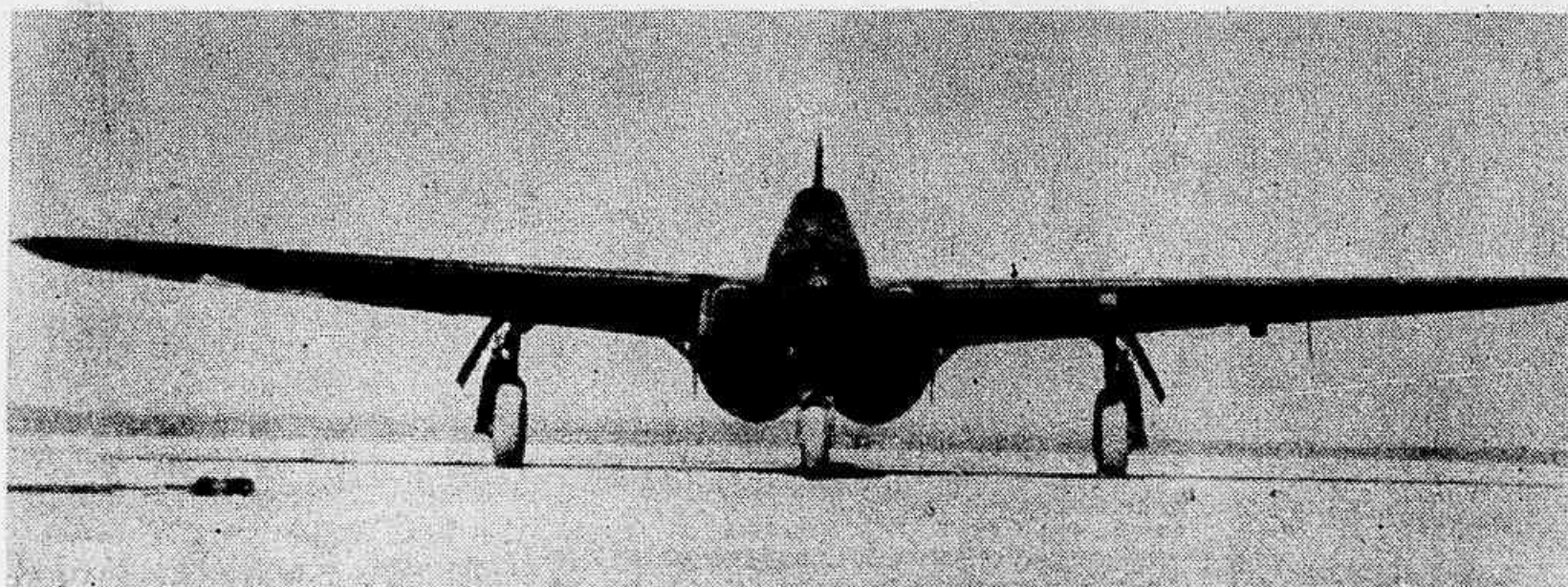
Russos, franceses, ingleses e alemães atiraram-se ao grande problema. A Ilha de Pennemunde desempenhou importante papel nos acontecimentos daquela época. Ali, os alemães construíram seus primeiros foguetes. Em 1931, sob o nome de «reação direta», a aplicação do princípio do foguete foi posta em prática num avião especialmente construído para esse fim. Seis cargas de pólvora foram colocadas na retaguarda do aparelho, e a experiência logrou fabuloso êxito. Estava inaugurada definitivamente a «era do jacto».

AS BOMBAS VOADORAS

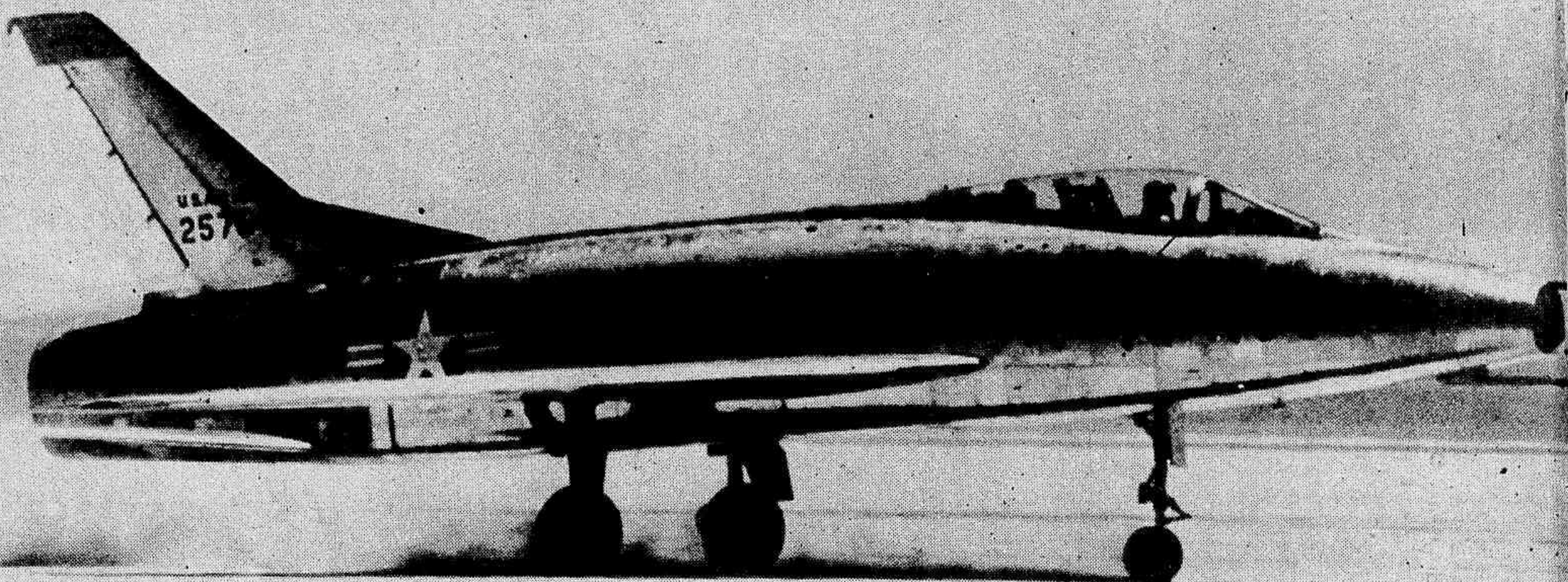
Dai por diante houve rápido progresso. Em 1934, na cidade de Thale, Alemanha, foi lançado um foguete dotado de asas, a uma cidade vizinha. Os resultados dessa experiência foram concretos e abriram as portas para o estudo de projéteis dirigidos. Na citada Ilha de Pennemunde o governo nazista instalou fábricas e um grupo de eminentes cientistas para a preparação de novos modelos de foguetes destinados à guerra. E assim, depois de cerca de oito anos de trabalhosas pesquisas, surgiu a temível bomba voadora, denominada pelos germânicos de «Vergeltunwaffe I» (arma de represália); nome que deu origem a denominação de V-1, V-2 e etc.



NESSAS FOTOS aparece o «Air Comet», em dois ângulos distintos, de perfil e de frente. O «Air Comet» foi o 1º avião à reação saído das fábricas e oficinas norte-americanas, em 1944. Já está totalmente ultrapassado, porém. Em sua época, não conheceu rival e estabeleceu vários recordes.



IREMOS À LUA EM 1956?



O MAIS RÁPIDO avião a jacto da aviação dos Estados Unidos é atualmente o Sabre F-100, que foi o 1º avião a ultrapassar a barreira sônica. Tudo indica, porém, que será por sua vez ultrapassado, dentro de alguns anos, por modelos ainda mais velozes e de raio de ação mais e mais extenso.

Entretanto, a precursora da célebre V-1 foi a bomba controlada pelo rádio, que era prês sob a fuselagem dos aviões Dornier 217, e lançadas à curta distância sobre os objetivos.

As primeiras bombas voadoras que caíram na Inglaterra eram lançadas de catapultas, direcionalmente, e controladas pelo piloto giroscópico. Desenvolviam 350 milhas por hora, voando a três mil metros de altura. Eram relativamente pequenas em relação a sua sucessora V-2, que atingia a velocidade do som. A V-1 possuía cerca de 25 pés de comprimento, enquanto que a V-2, 46 pés e várias vezes o diâmetro da outra.

OS PRIMEIROS AVIÕES A JACTO

O primeiro aeroplano a voar sem o emprêgo de hélices, depois do modelo alemão de 1931, foi o aparelho italiano construído nos fins de 1940, impulsionado a ar quente comprimido, expelido por um tubo ao longo de sua fuselagem.

Os americanos, nêle baseados, construíram seu primeiro «rocket». Mas os primeiros aviões propriamente impulsionados a jacto foram: o avião suicida japonês, largamente empregado contra a esquadra norte-americana do Pacífico, no final da 2ª Grande Guerra, e ainda o protótipo alemão, que era lançado de uma plataforma, equipado com 24 projéteis no «nariz». Este último possibilitava ao piloto saltar de pára-quedas, mas o tipo nipônico, não.

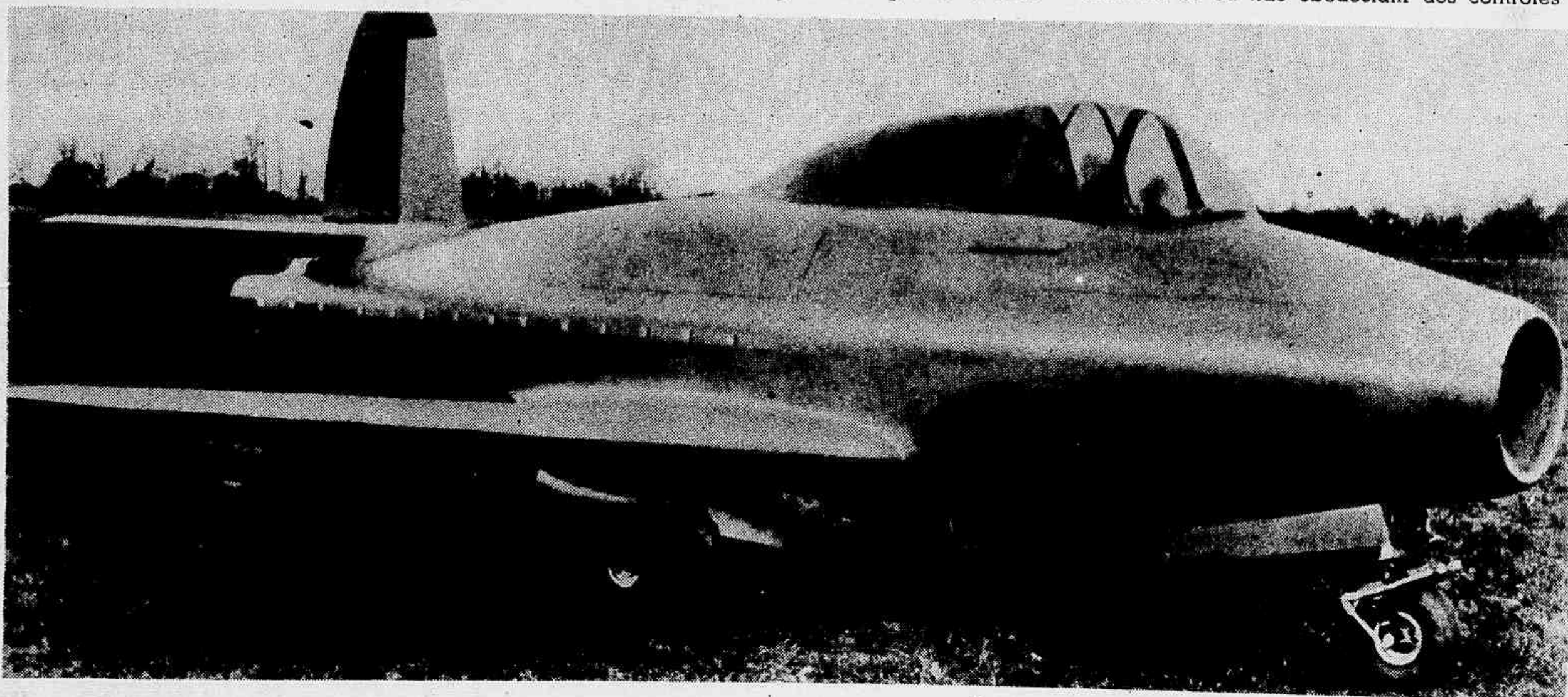
Logo depois do desembarque aliado no continente europeu, a Alemanha lançou com relativo êxito os primeiros aviões a jacto de combate, os quais desenvolviam 900 quilômetros horários. Dêsses aparelhos, os que mais se generalizaram foram os do tipo Messerschmit 262 e 263, cognominados «Andorinhas». Também os russos empregaram no fim da guerra, contra a Luftwaffe um caça a propulsão, o YAK-15, que desenvolvia a velocidade de 579 milhas por hora.

Os americanos e ingleses chegaram a cons-

truir «jactos», em 1944, mas não foram postos em combate. O modelo estadunidense foi o Aircomet P-59, e o britânico D.H.

A BARREIRA DO SOM

Finda a 2ª grande conflagração mundial, as principais potências aliadas, Estados Unidos, Rússia, Inglaterra e França, iniciaram a batalha pela supremacia do ar. As indústrias especializadas dos respectivos países empregaram esforços gigantescos na luta pela conquista do aperfeiçoamento da nova forma de voo. O problema inicial foi encontrar material leve e resistente para cobertura, capaz de suportar o grande atrito do ar produzido pela alta velocidade. Ultrapassada essa etapa, engenheiros e cientistas empenharam-se em solucionar o «fantasma» da barreira do som. Alguns pilotos de provas pereceram tentando ultrapassar êsse limite. Inexplicavelmente seus aparelhos explodiam no ar ou não obedeciam aos controles.



MUITO MENOS VELOZ que seu colega norte-americano, eis o jacto britânico. Foi o 1º construído na Inglaterra, ainda no ano, em aviação já tremendamente arcaico, de 1944. Não chegou sequer a ser experimentado nas linhas de combate, porque a guerra terminou antes de sua construção.

se espatifavam contra o solo. O famoso De Havilland, herdeiro de uma das maiores indústrias aeronáuticas britânicas, faleceu num acidente dessa natureza. Finalmente em 1947, os ingleses conseguiram romper a barreira do som. Desvendando o segredo das inversões de controles que possibilitou o ultrapassamento dos 1.300 quilômetros horários, imediatamente teve início a corrida para a produção de grandes bombardeiros super-sônicos. Hoje, verdadeiros monstros do ar são produzidos em série pelas indústrias russa, americana e inglesa.

Naquele mesmo ano de 1947 os Estados Unidos lançaram a mais arrojada concepção aeronáutica: a asa voadora, equipada com oito turbinas, denominada «Northrop Y B-29». Os russos por sua vez replicaram com o gigantesco bombardeiro TU, a jacto, de grande raio de ação, e com o modelo aperfeiçoado do caça alemão DF S-346 super-sônico. (Não terminado pelos nazistas em virtude do colapso alemão). Em 1953, novamente a indústria americana ganhou um triunfo com o sensacional vôo horizontal super-sônico de seu caça Sabre F-100, sucessor do famoso Sabre Jet F-86, que atuou nos céus da Coreia contra o Mig-15.

Recentemente, telegramas de fontes oficiais russas informaram que pretendem construir o «Lápis Voador», de turbina movida pela energia atômica, que comportará em seu bojo centenas de passageiros, além de carros e algumas toneladas de outras cargas. Essa é a notícia mais recente sobre a evolução do transporte aéreo a jacto.

DESTINO A LUA

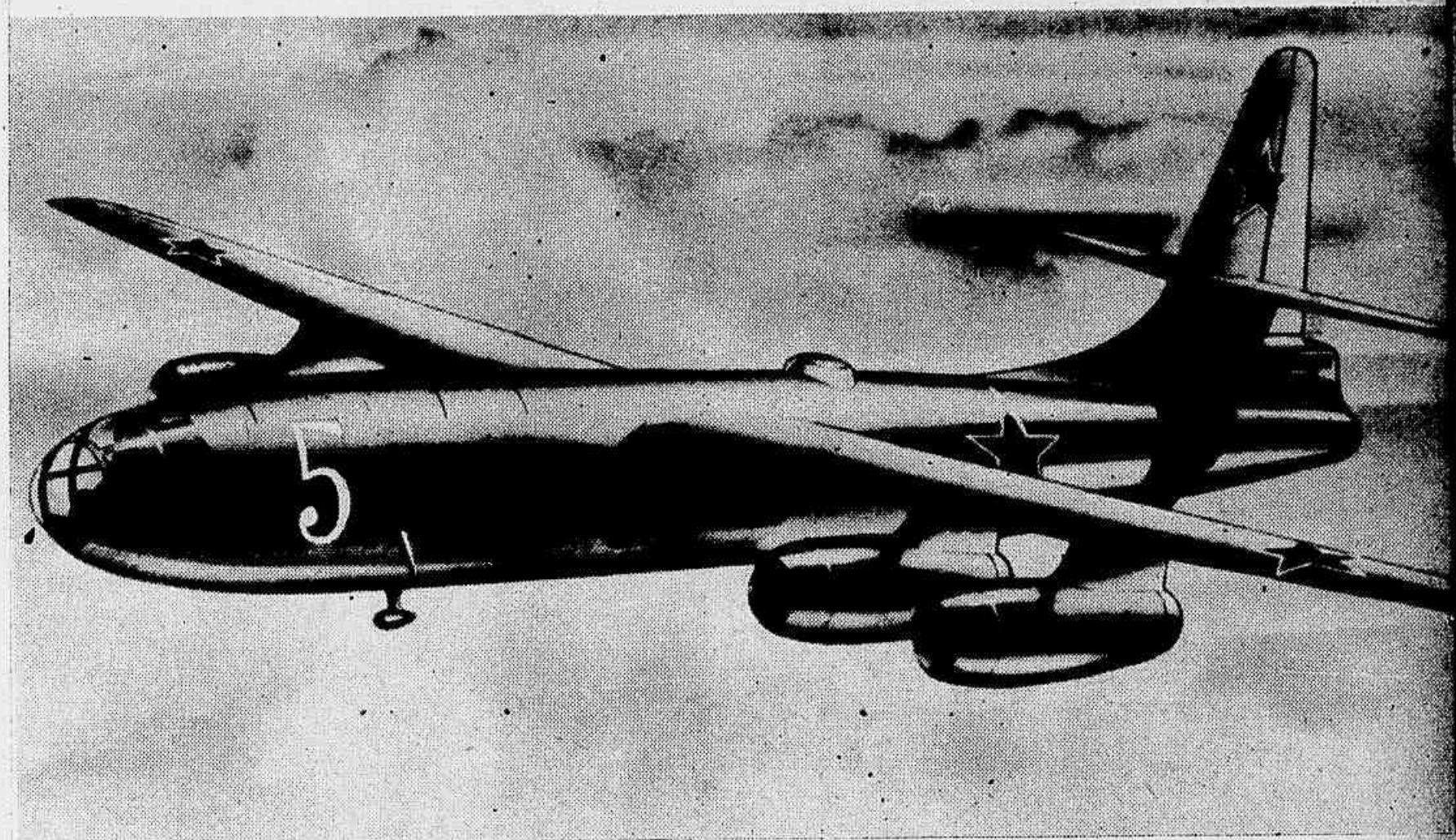
E' de se prever, portanto, com a utilização da energia atômica, que o homem venha a pisar na lua, em futuro bastante próximo. Para tanto, já existe nos E.E.U.U. um departamento especializado em astronáutica, onde estão sendo testados todos os eventuais materiais que futuramente poderão ser empregados na construção de um espaço plano capaz de deslocar-se a 11 mil metros por segundo (velocidade calculada pelos cientistas, para romper tôdas as barreiras do espaço). Grande parte dos problemas que envolvem uma viagem interplanetária já estão solucionados. Em tese, os cientistas afirmam que a viagem à nossa mais próxima vizinha, a lua, é perfeitamente realizável. Alguns, até, determinam essa aventura para o ano de 1965. E diga-se de passagem que na terra de Tio Sam, a relação dos voluntários para o primeiro vôo à lua é numerosa.

A construção de satélites artificiais que possam servir de plataforma às naves interplanetárias, está na ordem do dia do programa aeronáutico das principais potências do mundo. Isso porque, a nação que primeiro atingir a lua, dominará, praticamente, a terra, por se tratar de uma base de ilimitada importância, caso o mundo siga o caminho da guerra. Daquele satélite poderão ser lançados «robots» dirigidos, e por isso constitui uma das principais preocupações dos governos, sua conquista. Mas, quando o homem puder realizar esse intento, não haverá mais perigo, porque a ciência bélica terá evoluído de forma tal, que seria o fim da humanidade uma guerra entre os povos. E a humanidade não é louca, porque é a custa de sangue e suor que está evoluindo.

A viagem à lua é provável para breve. Pelo menos, possível. Se vamos ou não realizá-lo dentro do ano que amanhã começará, eis o que vamos saber em breve.



PARA os porta-aviões, são necessários aparelhos a jacto especiais, diferentes dos utilizados nos aeroportos comuns. Aí vemos na gravura o modelo F-7 U, com dois motores calados, ao decolar da cobertura de um porta-aviões. Qualquer erro ou imperícia do piloto, em tais situações, é fatal.



ACIMA, o super-bombardeiro russo T-U, a jacto. Os russos estão em pé de igualdade com os americanos, no que se refere à aviação a jacto; em baixo, o caça francês «Mystère», também capaz de atravessar a barreira sônica. Os franceses caminham à testa das pesquisas aeronáuticas.



Semana Astrológica

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 17 E 13 DE JANEIRO DE 1956 (HEMISFÉRIO SUL)

SE O LEITOR NASCEU SOB O SIGNO DO:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 30/10) — Dê procuração em todos os casos, durante a semana. Pessoal ou diretamente nada obterá. Procure a solução dos seus problemas por meio de interposta pessoa. De outro modo agirá em pura perda.
- ★ TOURO (21/10 — 30/11) — Não lhe aconselhamos qualquer novo empreendimento no curso da semana. Fique nas ocupações habituais e não fuja dos hábitos que lhe são comuns. As inovações estarão mal amparadas.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O leitor terá no novo período, uma semana propícia aos seus negócios e ao que empreender no terreno social ou sentimental. Há igualmente, a possibilidade de novos e mui proveitosos conhecimentos.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — Com a mente povoada de sonhos, poderá querer orientar-se pelas impressões por eles deixadas. Não o faça, pois, do contrário, verá que mesmo na prática os sonhos são quimera. Com o espírito algo fantástico, o leitor nada conseguirá.
- ★ LEÃO (21/1 — 20/2) — Os três últimos dias da semana lhe darão excelente oportunidade para formular seus pedidos e para requerer na justiça ou nas repartições de governo. O setor dos concursos, no seu horóscopo, estará muito bem influenciado. Os dias restantes da semana serão fracos.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — O ambiente dos astros lhe proporcionará lucros nos negócios, paz doméstica, êxito no que empreender e uma boa «entourage». Fazemos votos para que saiba aproveitar essa tão favorável situação, tirando o máximo de rendimento da posição excepcional a ocupar na semana entrante.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Bons ventos soprarão de todos os quadrantes enchendo bem as velas do barco que lhe conduz o destino. Os casos em andamento terão solução pronta e favorável. A ocasião será ótima para a liquidação de velhas contas.
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Ótima produção e melhores proventos, eis o lema que o leitor deverá adotar na semana em pauta. Os negócios iniciados serão desenvolvidos satisfatoriamente e deixarão pingues lucros. Os melhores dias da semana serão os quatro primeiros.
- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — O leitor vai ter um período de efêvios planetários relativamente fraco, não lhe cabendo esperar grandes coisas no curso da semana. Contudo, a vida social intensificada como vai ser, poderá proporcionar-lhe novas e úteis amizades, relações as mais proveitosas.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/5 — 22/7) — Como diz o adágio, é melhor um pássaro na mão do que dois voando. Contenta-se com o que lhe chegar ao alcance. Não dê crédito às promessas e procure ver, em todos os casos, se a pillula oferecida não foi dourada.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Não haverá modificações substanciais na sua posição em face dos astros, no decorrer da semana. Em tais condições as coisas continuarão bem distantes ainda. Movimente-se, avance, corra mesmo, se quiser apanhá-las.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — A época não será propícia às sementeiras. O que nascer no novo período não vingará e o que se fizer não terá o fim previsto. Fique o leitor de sobreaviso para tirar partido da situação, explorando não as suas mas as idéias dos outros. Será melhor assim.

OS NOMES DA SEMANA

Janeiro, 7	—	Edson	—	Edméa.
" 8	—	Jaques	—	Olindina.
" 9	—	Floriano	—	Florisia.
" 10	—	Disran	—	Corina.
" 11	—	Eduardo	—	Argénia.
" 12	—	Maurício	—	Sandra.
" 13	—	Ricardo	—	Ricardina.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Janeiro, 7	16° 10' 3"	(Signo do Capricórnio)
" 8	17° 11' 13"	(" " ")
" 9	18° 12' 23"	(" " ")
" 10	19° 13' 33"	(" " ")
" 11	20° 14' 42"	(" " ")
" 12	21° 15' 52"	(" " ")
" 13	22° 17' 1"	(" " ")

BOAS FESTAS

Agradecemos e retribuimos as mensagens de Natal e Ano Novo que nos enviaram: Mensageiro do Carmelo (Convento do Carmo) — Danilo Ramires, assistente técnico do Serviço Social do Comércio — Federação Metropolitana do Remo — M. Gérard de La Villesbrunne, secretário de embaixada e do Bureau de Informações à Imprensa, da Embaixada de França — Marita Lima, — Metro-Goldwyn-Mayer — 20th Century-Fox — Café União do Brasil — Cid Lopes — Klimsch Co. Frankfurt (Alemanha) — Luso Filmes — «Mil» (automóveis e acessórios) — Instituto de Cultura Hispânica — atriz Cirene Tostes — King Features Syndicate — P. Saporiti (Time, Life e Fortune) — Clube de Regatas Vasco da Gama — Arnaldo Garai — Voga Publicidade Ltda. — Cia. T. Janér Comércio e Indústria — Antonio Sá — RKO Rádio Filmes S.A. — Radriel Cavalcanti — Banco Aliança do Rio de Janeiro S.A. — Nemaza S.A. — L. Esteves & Cia. Ltda. — Tte. Cel. Umberto Pelegrino, oficiais, praças e funcionários da Biblioteca do Exército — Diretoria do Banco de Crédito Mercantil — Alfredo Hiller, Metais Ltda. — Santos & Santos Publicidade S.A. — Agência Johnson Limitada — Filial no Rio, do Banco Mineiro da Produção S.A. — Cia. Tieté de Papéis e Grepaco Indústria Manufatura de Papéis S.A. — Cantor Morgado Maurício — Proquímica — Livraria AGIR Editora — Labortex Indústria e Comércio de Artefatos de Borracha e Latex — Organização Victor Costa — Club Municipal — Sociedade Auxiliares da Imprensa — Turano Santo Salvatore (Presidente) — General Motors do Brasil — Poligráfica Lambert Ltda. — Cal Abraham (The Coca-Cola Exp. Corp.) — Olivinha Carvalho — Srta. Aurora Lisboa — Karl Heinz Better — Pokorny Imp. S.A. — Waldir Amaral — Transportes D. Campos — Cia. Rádio-Internacional do Brasil — Shell do Brasil Ltda. — Esso Standard do Brasil — Churrascaria Lindo Parque Moacir Ferreira de Matos — Universal Filmes S.A. — Legião Portuguesa 28 de Maio — Srta. Agnes Fontoura — Tintas Supercor Ltda. — Instituto de Organização e Revisão de Contabilidade S.A. — National Paper & Type Comp. — Banco Holandês Unido — Jorge Alves — Emissora Nacional (Lisboa) — Banco Mineiro da Produção S.A. — Lino Star Importadora Ltda. — Minnesota Manufatureira e Mercantil Ltda. — Albino Mesquita & Cia. — Livraria Agir Ltda. — Organização Rubens Berardo — Jairo Machado — Roberto Gonzaga — Serviço de Informações dos EE.UU. (USIS) — Varig Navegação Aérea — Telefilmes do Brasil S.A. — Carlos G. Rio Branco Dailly — Atriz Vera Nunes — Allied Artists do Brasil, Inc. — Atriz Alma Flora — Ator Salu de Carvalho — Claudiano Filho — Pedro Bloch e Senhora — Luiz Gonzaga e Família — Champion Paper Corp., S.A. — Michel C. Etlin, vice-presidente da Dutch-American Mercantile Corp. — Nova-York e Rio — H. Schneider & Cia., Curitiba — Comp. Importadora Gráfica Arthur Sievers — Agências Alvimar, turismo, passagens e carga — Nacional Transportes Aéreos S.A. — Geyer-Molas Ltda. — Casal Stella e Carlos Moura — Indústrias Reunidas Irmãos Spina, S.A. — Nilton Filgueiras de Lacerda (RKO Rádio-Filmes) — Cecília Loureiro — Flaminio Antonio Pires e Família — Rev. Texaco — Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria — Comércio e Indústria Tuffy Habib S.A. — Francisco J. de Souza (Corumbá, Mato Grosso) — Editors Press Service, Inc. — Ten. Jasson, Serviço de Relações Públicas da Polícia do Distrito Federal — Corporação e Comando Geral da Polícia Militar do Distrito Federal — Floriano Moreira, gerente do Banco Português do Brasil S.A. — Anísio Alegria, chefe da Agência de Estatística de Santo Antônio — Sra. Lígia Junqueira Begossi — Dr. João Soares da Silveira, diretor do Hospital Geral Miguel Couto — Dr. Derly de Cunto — Diretoria do Centro Santacruzense — Associação Brasileira de Rádio — Casa dos Artistas — Dias Garcia Importadora S.A. — Atriz Lídia Bastiani — Casa Bruno, Mandarino — Grande Othelo e esposa — Sr. Américo Ayres — Roberto Ruiz — Tecidos Tapeçarias Rodrigues S.A. — Bardahl Lubrificantes do Rio de Janeiro S.A. — Emissoras Unidas, Sucursal-Rio, Sr. Pedro de Alcântara Worme — Revista de Cinema — Papelaria Progresso (Sant'Anna, Ribeirão Papéis S.A.) — McCann-Erickson Publicidade S.A. — Agência Polano (São Paulo) — Sr. Governador do Estado Livre Associado de Porto Rico e Sra. Muñoz Marin — Petrarca Maranhão.

A TENTACÃO

(Continuação da pág. 53)

E a cozinheira, triunfante, alça um pouco o busto e olha irônica e a pobre Zoska esmagada em seu catre.

Ela continua a leitura, uma dessas histórias enternecedoras, simples, indiscutíveis, feitas para moralizar, encantar, dominar as almas ingênuas, enquanto Zoska, os grandes olhos abertos e respirando forte, murmura, mudando a cada instante de lugar, a fim de estar mais à vontade:

Será possível? Será possível?

O livrinho acabara de fazer um milagre. Zoska o ouviu até ao fim, e durante a noite toda pensou nessa criadinha que era santa, e que foi cumulada de graças. Para ela, as pedras se mudavam em rosas, a água em vinho. Os anjos ajudavam-na nos seus mistérios, e, durante uma chuva, quando rezava ante uma capela, suas roupas não se haviam molhado. Zoska sentara-se em seu leito, e com a cabeça entre as mãos, sonhava. Acaso não era, como Santa Zita, descendente de camponeses? Não era como ela uma pobre serviçal? Mas, em compensação, que grande pecadora que era! Em quase trinta anos de vida, que fizera já pelo eternidade? Estava decidido! Zoska mudaria. Penteou-se á duas vezes por semana, tomará banhos aos sábados, falará delicadamente com o cozinheiro, e rezará, com fervor, como faz uma santa. E, para começar, ajoelha-se sobre o leito em que sua preguiça por tanto tempo reinou... Pelos vitrais embaciados, os campos alvos de neve, brilhando sob o luar. E o sono das noites de inverno a invade em seu mudo encantamento. Seus olhos enchem-se de lágrimas, ela junta as mãos, está quase bela.

(Cont. no próximo número)

NO LIMIAR DE 1956

● Mais um ano se esvai na ampulheta infinita do Tempo. E novo ano volta a se iniciar, trazendo consigo toda a trama de ilusões, esperanças, enganos e a eterna e infundável fileira de sugestões que a cada novo marco assalta o cérebro infatigável do Homem, na sua busca ansiosa e na sua escalada asseverante à procura daquilo que é todo o seu sonho e toda a sua invencível aspiração: — a Felicidade. Mas que é a Ventura? Que é a Felicidade senão o ideal impossivelmente realizável de se manter o bem-estar permanente, a alegria de um doce momento de amor ou de perfeita alegria, por toda a eternidade? Está em desacordo com a natureza humana, esse «bem que sempre dure e mal que se não acabe». Tudo tem seu fim, como acacianamente haveria de repetir o conhecido conselheiro. Mas as verdades de La Palisse têm de ser sempre repetidas, porque são fatos quotidianamente verificados, que não podem escapar à nossa percepção diária e ao nosso indistigável reconhecimento. O ano de 1956 surge apresentando ao mundo, felizmente, uma perspectiva de paz. Claro está que não deixará de haver durante o seu transcurso, como

sempre, cataclismos, enchentes, incêndios, desastres, choques diplomáticos, desentendimentos, questões familiares, revoluções, temporais, eleições na Academia, traumatismos morais e outras fatalidades e acidentes outros... Nem é preciso se ser iniciado em ciências ocultas, para se prever todos esses triviais acontecimentos. Todo o ano os há. Todos os períodos de 365 (ou 366) dias os trazem... O Brasil deverá ingressar em novo período de governo, no 3º quinquênio da República instituída pela Constituição de 18 de setembro de 1946. O 1º decorreu normal, sem maiores incidentes. Já o 2º foi cheio de vicissitudes, cheio de incertezas. Vejamos o que vai suceder a esse terceiro período. Oxalá as bênçãos de Deus iluminem os cérebros e os corações de nossos homens públicos, para que possamos ver o Brasil marchar na trilha dos seus verdadeiros e gloriosos destinos. Sem literatura, antes com íntima convicção, fazemos esses votos, na esperança de dias melhores, no limiar de 1956.

BIBLIOTECA

«TRANSFIGURAÇÃO», de Paulo Bomfim (XXV sonetos) em 2ª edição. O jovem poeta paulista, que tantos livros de boa poesia moderna nos tem dado numa sequência elogiável pela qualidade sempre digna de destaque, envia-nos agora esta série de poemas em forma de soneto inglês, encontrando-se trabalhos que honrariam qualquer bem organizada antologia poética. Destacamos o primeiro deles, que é verdadeiramente primoroso. Também o soneto com que encerra o volume é de altíssimo teor. Só temos razões para nos congratularmos com o autor de «Sinfonia branca», pelos seus sucessivos

triumfos, justos e que ainda desejamos maiores, apesar da cortina de silêncio que se lhe faz como a outros jovens valores da novíssima geração, que vencerão, porém, mais cedo ou mais tarde, impondo-se por si mesmos.

LIVROS RECEBIDOS:

«Do campo e da cidade», de Ivan Pedro de Martins — Edit. Lux.
«Um pouco além do mundo», de Nivaldo Reis — Edit. Pongetti, Rio.

NOTICIÁRIO

● NOITE FOLCLÓRICA — Na sede da União Nacional dos Estudantes, realizou-se mais uma festa em benefício da Associação de Cantadores do Nordeste, promovida pelas escritoras Maura de Senna Pereira, Edna Savaget e Zora Braga, sra. Léa Luna e dra. Ieda Meneses. A «Noite Folclórica» teve a direção de Almirante e a participação de várias duplas dos festejados cantadores nordestinos e de numerosos poetas regionais. Tomaram parte, ainda, Domingos Fonseca, Almeida Coutinho e Manoel Brandão, que abrilhantaram também a festa, com seus números justamente apreciados.

● Através da Editora «A Noite», sairá breve o livro «Encantamentos» do poeta Nabor Fernandes.

● A Associação de Intercâmbio Cultural, que edita o jornal «Novo Mundo», anuncia que aumentou o seu quadro social, estando agora com mais de dois mil sócios, possuindo, também, uma biblioteca que já conta com número superior a cinco mil e quinhentos volumes.

● O Instituto Histórico de Petrópolis realizou sessão comemorativa solene, homenageando o Imperador D. Pedro II, no auditório do Museu Imperial. Falou o Dr. Herbert Canabarro Reichardt sobre o tema «O Conde d'Eu no panorama imperial». Discursou também o orador-oficial Lourenço Luís Lacombe, que fez o retrospecto do ano.

ENTREVISTA-RELAMPAGO



(Com Oliveira e Silva, autor de «A verdade fantástica», «Uma estrela no amanhecer», «Orquídeas» e outras obras literárias e jurídicas.)

1ª pergunta: — A literatura pode ser uma profissão no Brasil?

Resposta: — Mais tarde. Decerto, dentro de vinte anos. Quando tivermos uma associação de escritores que defenda, a rigor, o direito autoral. Alguma coisa como na França em que nada é gratuito: nem a entrevista a um jornal ou a conferência.

2ª: — Algum projeto literário para 1956?

R.: — No momento, dou os últimos retoques ao romance «A raiva de viver», de lançamento programado para abril próximo. Escrevi-o em dois planos: o da ficção e o da realidade. Enquanto a personagem principal do livro constrói um romance, para demonstrar uma tese, acontece-lhe um romance.

3ª: — Nenhum livro de poemas na torja?

R.: — Acredito que, com mais dois anos, possa ultimar o que estou escrevendo e que se intitula «Serenidade e Abismo». Talvez o livro de adeus, em que nos traímos com as melhores e maduras emoções.

4ª: — Por que esse título?

R.: — A primeira parte contém uma espécie de lirismo resignado, tranqüilo. A segunda reflete o pensamento goethiano: «Tenho de subir cada vez mais alto! Tenho de olhar cada vez mais longe!»

5ª: — Ouvimos falar que está preparando um livro original, em que o juiz se mistura ao homem de letras...

R.: — É verdade. Imaginei fazer um de «julgamentos fictícios». Como juiz criminal, durante quase cinco anos, julguei seres humanos na sua liberdade. Agora, resolvi julgar personagens de teatro e romance à luz da psicologia criminal. Por exemplo, o Hamleto. Criminoso louco ou passionai? Ainda Hedda Gabler, de Ibsen, Madame Bovary, de Flaubert e o negro Tiago d'Almeida de grande romancista Ferreira de Castro. É uma figura de epopéia, que incendeia o barracão de seringueira «Paraisópolis» para matar o patrão. Outros ainda como Roberto Groszou, d'«O discípulo», de Bourget.

6ª: — Considera feliz a sua carreira literária?

R.: — O essencial numa carreira, não é ser feliz ou infeliz. O essencial para cada um de nós é realizar-se, dar uma voz aos pensamentos mais secretos.

EXCERPTOS

De Mário de Andrade:

«Te goso...
E bem humanamente, rapazmente.
Mas agora esta insistência em fazer versos
sobre ti...»
(Das Poesias Completas)

De Carlos Queiroz:

«Cantam ao longe. Anotice.
Faz friso pensar na vida.
E a Natureza parece
Dizer em voz comovida,
Que o Homem não a merece».
(Inédito)

De Alvaro Moreyra:

«Pensar! Eis uma distração! Deviam andar muito aborrecidos aqueles catedráticos da Universidade espanhola, que declararam a Felipe V: — «Longe de nós a funesta mania de pensar». Na fala da França, pensamento é amor-perfeito. Vamos cultivar essa flor. Plantando, dá».

«Supersticioso? Claro! Que é que eu sei? Que é que é real? Que é que é suposto? Acredito em tudo».

«Confiar, desconfiando». Um disse. Muitos repetem. E' assim que se estraga a vida...

(De «As amargas, não»)

O QUE ELES DIZEM

De GAUTHIER: «O acaso é, talvez, o pseudônimo de Deus, quando não quer assinar...»

De HEPPEL: «A imaginação é o pulso da alma...»

De PASCAL: «Eis o que é a fé: Deus sensível ao coração.»

De JOURDAN: «A Paz é o mais precioso de todos os bens.»

De FARIAS BRITO: «O dever é o princípio dos princípios.»

De GETÚLIO VARGAS: «É preferível perder a vida a perder as razões de viver.»

★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★
 RADIO ★ TEATRO ★ HUMORISMO ★
 A qualquer hora
 do dia
 ou da noite
 RÁDIO RECORD
 de São Paulo
 tem um PROGRAMA
 que VOCÊ ouvirá
 perfeitamente
 em qualquer
 ponto do país
 EXPERIMENTE!
 ondas médias — 1.500 kcs. 50.000 watts
 ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros
 NOTICIÁRIO ★ CONCURSOS ★ CARTAZES ★

A "REVISTA" HÁ 50 ANOS

Domingo, 7 de janeiro de 1906

POR AQUI E POR ALLI

● O acontecimento que actualmente mais preocupa a attenção do mundo politico é sem duvida alguma, após a escolha do novo rei da Noruega, que já é um facto consumado, a proxima eleição do presidente da Republica franceza. Os altos interesses quer politicos quer comerciais, de todas as nações do mundo, que tem relações mais ou menos directas com o grande paiz europeu, determinam em todos os povos uma certa ansiedade neste momento. E isto comprehende-se facilmente. A França é um dos paizes cujas relações internacionaes são das mais extensas e cuja politica internacional pode determinar um equilibrio ou desequilibrio no modus-vivendi de diferentes paizes. Ora, a eleição do primeiro magistrado da Republica Franceza é, portanto, um facto que deve forçosamente preoccupar a attenção dos governos. Dividida como está a politica franceza, em diferentes partidos politicos, é da maior necessidade o saber-se de antemão qual dos partidos pode ter forças sufficientes para dominar uma eleição: como esta.

● Os diversos partidos politicos debatem-se actualmente em uma luta encarnizada para conseguir a cadeira presidencial e os nomes apresentados são, sem duvida alguma, de importancia, mas por isso mesmo que representam idéas e programmas completamente divergentes, a difficuldade está em se procurar um homem cujo passado politico seja pelo menos uma garantia moral de sua futura gestão. Quanto á politica internacional, não é menor a gravidade da situação. O governo que succumbiu com o ministerio Combes implantou na França uma completa e profunda divergencia com as classes sociais. A luta essencialmente anti-popular que aquelle ministro sustentou para obter a separação

da Igreja do Estado, si deu em resultado a victoria politica de um partido, teve tambem como consequencia a queda do mesmo ministerio e a profunda divergencia de opinião que hoje em dia se nota no seio da sociedade franceza.

Os interesses de toda a especie, que não foram presados por aquelle ministerio, assim como as violencias de que foram victimas as comunidades religiosas, levantaram em França uma polemica nevissima e os vencidos de hontem, agora, mais do que nunca, se debatem pela victoria de amanhã. Ora, esta victoria terá certamente como consequencia uma nova balburdia na gestão interna da França e pode facilmente determinar um periodo de seria reacção.

● A posição actual da França é das mais serias e não será para extranhar si presenciarmos mais dia menos dia a uma completa mudança na feição politica dos partidos, no sentido de accordarem na eleição de um presidente por completo afastado das luctas partidarias. O perigo porem deste accordo é tambem de facil percepção, pois, si por um lado a França tiver como seu chefe um homem afastado dos extremos partidos politicos, ella terá de lutar com as mesmas difficuldades de toda a especie, que estes mesmos partidos levantarão no seio do parlamento, para determinar a balança do governo a pender para um dos lados. Isto será fatal. Ora, neste dilema se acha actualmente a Republica Franceza, com grande gaudio da Alemanha, que é a que mais aproveita destas situações, afim de enfraquecer, de qualquer modo o prestigio de sua poderosa rival. A situação, portanto, é melindrosa, e é por isto que, com justa razão, todos os governos voltam curiosos a sua attenção sobre os nomes indicados para solver tão grave problema.

MEENDES JUNIOR

NIZIA FIGUEIRA SUA CRIADA

(Continuação)

— Pois é, mia fia, beba memo! Mundo tá ruim, cachaça dêxa mundo bunito pra nós.

Era dia de bebedeira. Prima Rufina dava pra falar e chorar alto. Nízia bebia devagar, serenamente. Não perdia a calma, nem os traços se descompunham. A boca ficava mais aberta um pouco, e vinha uma filigrana vermelha debruçar a fímbria das narinas e dos olhos embaçados. Punha a mão na cabeça e o bandó do lado esquerdo se arrepiava. Ficava na cadeira, meio encurvada, com as mãos nos joelhos, balanceando o corpo instável, olhar fixo numa visão fora do mundo. Prima Rufina, se encostando em quanta parede achava, dando embigada nos móveis, puxava Nízia. Nízia se erguia, agarrava o garrafão em meio, e as duas, se encostando uma na outra, iam pro quarto.

Prima Rufina quase que deixou cair a companheira. Rolou na cama, boba duma vez chorando, perna pendente, um dos pés arrastando no assoalho. Nízia sentava no chão e recostava a cabeça na perna de prima Rufina. Bebia. Dava de beber pra outra. Prima Rufina punha a mão sem tato na cabeça de Nízia e consolava-a serena:

— E' isso mesmo, mia fia... Num chore mais não! A gente toma pifão, pifão dá gôsto e bota desgraça pra fora... Mecê pensa que pifão num é bão... é bão sim! pifão... pifãozinho... pra esquentá desgraça dêsse mundo duro... O fio de mecê, num sei qua-dê êle não. Fio de mecê, deve de andá pur aí, rapaiz, de certo home feito... De certo mecê já isbarrô cum êle, mecê num cunheceu seu fio, seu fio num conheceu mecê... Num chore mais ansim não!... Pifão fai mecê esquecê seu fio, pifão... pifão... pifãozinho...

Nízia piscava os olhos secos, embaçados, entredormindo. Escorregava. Ia babar num beijo mole sobre o pesão de prima Rufina. Esta queria passar a mão na outra pra consolar, vinha até a borda da cama e caía sobre Nízia, as duas se misturando num corpo só. Garrafão, largado, rojava um pouco, parava no meio do quarto. Prima Rufina inda se mexia, incomodando Nízia. Acabava se aconchegando entre as pernas desta e fazendo daquela barriga estufada um cabeceiro cômodo. Falava «pifão» não sei quantas vêzes e dormia. Dormia com o corpo todo engruvinhado de tanta vida que passara nêle, gasta, olhos entreabertos, chorando.

Nízia ficava piscando, piscando devagar, mansamente. Que calma no quarto sem voz, na casa... Que calma na terra inexistente pra ela... Piscava mais. Os cabelos meio soltos se confundiam com o assoalho na escuriza da noitinha. Mas inda restava bastante luz na terra, pra riscar sobre o chão aquêlo rosto claro. Muito sereno, um reflexo leve de baba no queixo, rubor mais acentuado na face conservada, sem uma ruga, bonito. Os beijos entreabriam pro suspiro do sono sair. Adormecia calma, sem nenhum sono e sem gestos.

Nízia era muito feliz.

O LUGAR DO BRASIL

Nas entrevistas que concedeu à imprensa carioca, por ocasião de sua volta ao Brasil, o embaixador Gilberto Amado — nosso delegado na Assembleia Geral das Nações Unidas — pôs «logo na canção...» como ele mesmo afirma.

O eminente publicista e diplomata, falando com o desassombro dos homens sinceros, atento a realidade brasileira e a conjuntura política mundial, quis mostrar aos seus compatriotas que o verdadeiro lugar do Brasil, no concerto dos povos, ainda não está conquistado. Focaliza, principalmente, o papel reservado ao nosso país nessa encruzilhada de dois mundos — duas civilizações — em confronto com a correlação de forças de alguns países asiáticos, cuja infra estrutura política vem sendo subvertida pela ascensão da inteligência moça e de idéias novas, despertadas para o plano das realizações objetivas pelo fenômeno da emancipação política que recentemente alcançaram.

«Não há nenhum lugar reservado para nós na história. Nós é que devemos conquistar esse lugar para o Brasil». E essa conquista depende do ritmo com que nossos esforços nesse sentido se desenvolverem — levando-se em conta o ritmo dos esforços empregados por esses jovens países da Ásia, que estão mostrando ter uma inteligência muito mais aguda.

No convívio de meses, com «homens novos que governam países novos e velhos que se renovam no Oriente», conforme confessa — volta aquele ilustre embaixador deveras impressionado com o que viu e ouviu lá por fora.

E falou. Falou muito até. Disse muitas coisas aproveitáveis (no conceito de alguns) e muitas outras inoportunas (no conceito de outros).

Mas Gilberto Amado é assim mesmo. Desassombrado. Corajoso. Irrequieto.

Não é dado a confissões, mas ao repórter, confidenciou, com a satisfação aflorando a pele:

— «Meu jovem... o Brasil ainda é o melhor país para a gente viver... Não tem Paris, não tem nada... E' isso aqui mesmo...»

«NUM MUNDO revolvido pelos mais poderosos deslocamentos de forças de que há memória, a corrida para os grandes objetivos históricos de cada povo exige muita velocidade. E' o nosso caso. E' o caso do Brasil. No interregno da primeira guerra havia tempo. Hoje não há mais».



GILBERTO AMADO COM DESASSOMBRO:

— O EXEMPLO VEM DA CHINA

Texto e fotos de W. GUARNIERI

NÃO HÁ NENHUM LUGAR «RESERVADO» PARA NÓS, NA HISTÓRIA ★ PRECISAMOS CONQUISTÁ-LO, AINDA ★ A CHINA, A ÍNDIA E A BIRMANIA PREOCUPAM NOSSO REPRESENTANTE NA O.N.U. ★ «COMUNISMO COISA

NENHUMA... NÃO TOMO PARTIDOS NO «ALVORÇO DA MODA»...» ★ «É LÁ QUE ENCONTRAMOS PROBLEMAS IGUAIS AOS NOSSOS, E NÃO NA EUROPA PRÓSPERA OU NOS ESTADOS UNIDOS MILIONÁRIOS»

GILBERTO AMADO, CATEGÓRICO: "NÃO HÁ NENHUM LUGAR RESERVADO PARA NÓS"

O Brasil precisa ser sacudido de norte a sul...

«A indiferença com que os dirigentes brasileiros deixam acumular-se os problemas, que gritam pedindo solução, é apavorante... em nossa época, não se pode estar esperando pelo evoluir natural desses problemas, pela dádiva dos acasos e favorecimento de circunstâncias excepcionais».

«Por isso, digo e repito:

— O caminho da China moderna é o melhor exemplo para o Brasil de hoje».

Foram essas as palavras de saudação com que o embaixador Gilberto Amado falou aos jornalistas que o foram receber ao desembarcar no Rio, recém-chegado da Assembléia Geral das Nações Unidas, onde defende os interesses do Brasil na comunhão dos países.

«COMUNISMO COISA NENHUMA...»

O desassombro do embaixador calou fundo na opinião pública do país. Muitas vozes discordantes se fizeram ouvir, receiosas, tentando uma justificativa para a explosão do escritor:

— Isso é comunismo...

O repórter, que aguardava oportunidade de uma entrevista, no espaçoso apartamento das Laranjeiras, onde reside, nas férias regulamentares, o escritor, poeta, embaixador e político, repetiu, quase sem querer a frase, ao saudá-lo.

Sua excelência — entre explosões de aborrecimento contra o clima tropical de que há muito se desacostumara — vocifera, apoplético, abotoando o paletó do pijama:

— E' comunismo coisa nenhuma... Isso é coragem; muita coragem! Coragem de dizer coisas que precisam de ser conhecidas, custe o que custar, haja o que houver.

Caminhando, atarantado, pelo aposento à procura de uma ventarola que se perdera no ardor das primeiras palavras, acrescenta, num gesto de desânimo:

— Aliás, eu estou abrindo porta aberta...

Pois, quer queiramos, quer não, a realidade se imporá. Ou enfrentamos essa realidade a tempo, ou ela nos envolverá num redemoinho que dificilmente poderemos controlar.

Tira o palitô de pijama, passa uma toalha pelo busto nu e retorna ao fio da conversa, jogando o corpo por sobre a poltrona macia:

— Olha, ó jovem... Eu sei que essas minhas declarações a respeito dos novos desenvolvimentos políticos, sociais e econômicos dos países novos do Oriente, recentemente libertados do jugo do imperialismo e arcando com a responsabilidade da independência vêm despertando interesse em diversas camadas da opinião pública brasileira. Eu mesmo aqui em casa estou cansado de receber cartas, telegramas e telefonemas. Tenho um montão delas ali em cima de minha mesa.

Gilberto Amado, agora, parece mais calmo. Chama a empregada e manda trazer água gelada. Sua fisionomia assume uma expressão de desdém:

— Sei que infelizmente, já procuram descobrir nessas minhas declarações tendências inteiramente ausentes ao espírito do observador imparcial que sou, e que deseja somente transmitir aos seus compatriotas as impressões da realidade existente.

A empregada retorna para servir dois copos d'água:

— A mim, não! Eu sou de casa... A ele, a ele... — corrige, nervoso, chamando a atenção da doméstica.

Fica nos mirando, enquanto sorvemos o líquido. Ajusta os óculos e fala com ar doutoral:

«NÃO TOMO PARTIDO»

— E' fato conhecido que não tomo partido com facilidade e que não abandono posições conhecidas no alvoreço da moda. Refiro-me, apenas, à impressão que recebi na Assembléia Geral das Nações Unidas, no convívio de meses, com homens novos que governam países novos e velhos que se renovam no Oriente.

Remexe-se na poltrona, procura a ventarola que novamente desapareceu de suas vistas e retira os óculos, para falar com os olhos pregados no teto:

— Os grandes inimigos daqueles países — a fome, a falta de habitação, as deficiências de transporte, as endemias, as epidemias, o analfabetismo — estão sendo subjugados, não com discursos — mas com esforço científico e aplicação técnica adequada.

ONDE OS PROBLEMAS EXISTEM

Levanta-se. Caminha contando os passos, dispensando as chinelas. Subitamente volta-se para nós, apontando com o dedo:

— E esses problemas são os nossos! Não são os das sociedades prósperas da Europa e dos Estados Unidos, que os grã-finos da política e da sociedade refletem.

Assume um ar pensativo:

— Quisera que os nossos homens, ao menos uns poucos deles, estivessem aparelhados para as tarefas que assumem com um mínimo de conhecimento que estes novos estadistas revelam.

Senta-se, outra vez. Estira as pernas, num canapé:

— Nossos olhos devem voltar-se, pois, para os países onde estes problemas existem e onde estão sendo resolvidos — problemas que são os nossos, volto a repetir.

Assume uma atitude agressiva, como se fôssemos nós os seus acusadores:

— Eu queria que o patriotismo de nossos homens tivesse mais coração do que bôca. Por isso é que falo com esta franqueza.

Tratando desses assuntos, não mostro desrespeito nenhum pelas vinculações tradicionais e históricas do Brasil. Preocupo-me, apenas, em acentuar a similitude de condições e o apêlo conseqüente para os remédios parecidos.

CHINA, ÍNDIA E BIRMANIA

Cala-se por uns momentos. Fica a nos mirar por longo tempo.

— Veja o que se tem feito na China, na Índia, na Birmânia! Lá se resolve tudo com planejamento e trabalho. Não são problemas de brancos e louros: mas problemas de amarelos, de mulatos, de pobres, de opilados de miseráveis. Como os nossos.

Mas, tudo lá é planificação.

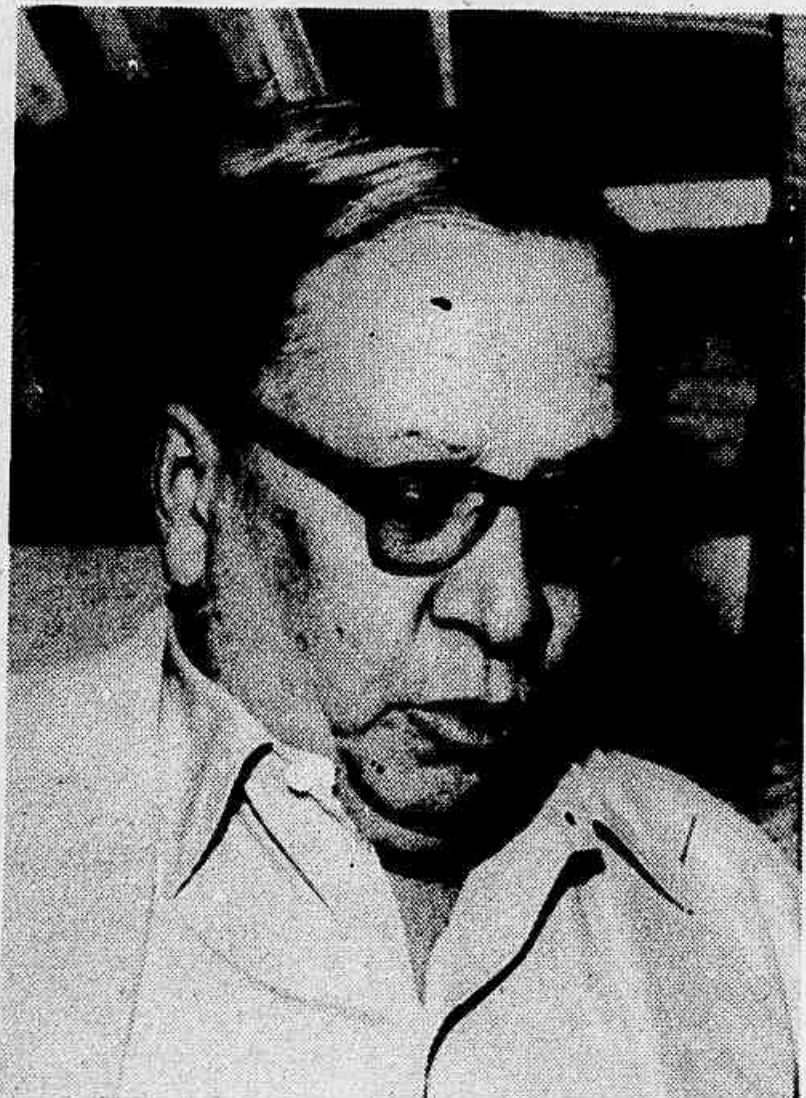
Levanta-se e nos convida a passar para a sua biblioteca.

Senta-se à sua mesa de trabalho e insiste em rever nossas anotações

POR ONDE A DIFICULDADE COMEÇA...

Faz emendas. A uma observação nossa, ergue as duas mãos, espalmadas:

— Naturalmente, naturalmente... é muito fácil falar de assuntos de maneira geral.



«QUISERA que o patriotismo de nossos dirigentes tivesse mais coração do que bôca. Por isso, falo com essa franqueza. A verdade dói».



«COMUNISMO, coisa nenhuma: coragem de dizer a verdade. Na China, Índia e Birmânia encontramos problemas iguais aos nossos».



«OS GRANDES inimigos daqueles países — a miséria, entre outros — estão sendo subjugados com trabalho organizado, e não com discursos».

NA HISTÓRIA. NÓS É QUE DEVEMOS CONQUISTAR ESSE LUGAR PARA O BRASIL."



A dificuldade começa, quando entramos a pensar nos processos de realização. Será possível que somente nós tenhamos olhos para ver a realidade que nos circunda? Venho escrevendo e falando sobre esta deficiência de transporte, por exemplo, no Rio de Janeiro. Nesses bondes superlotados, nesses trens assassinos de subúrbios, perdurados de gente, que vem ou volta do trabalho. Espanta-me que não se veja e sofra desta realidade.

O primeiro dever do Estado é favorecer o acesso do trabalhador ao lugar onde trabalha.

Os meios de execução apareceriam desde que a vontade de executar se manifestasse.

REMÉDIO PARA MORIBUNDO

O embaixador levanta-se para atender a um chamado telefônico. De volta, previne que vai sair imediatamente. Mas, assim mesmo, ainda disporá de algum tempo.

— O capital para melhoramento e eficácia do sistema de transporte é, neste nosso caso, remédio para moribundo. E um remédio urgente para moribundo, vai-se buscar de todas as maneiras. E' preciso ir buscá-lo, custe o que custar, esteja onde estiver. Empréstimos externos, internos, levantamentos de recursos por meio de apêlo direto ao investimento de qualquer categoria nacional ou estrangeira. Mas, para isso é preciso a planificação, em bases técnicas.

Rememora fases de administrações passadas.

— Procedemos a extinção da febre amarela, renovamos a Capital Federal em menos de 4 anos. Nesses novos países a que me refiro, a coisa está sendo feita braçalmente: chefe de governo, agentes de administração, especialistas provados e sujeitos a contrôl de responsabilidade, estão no campo de ação, pondo em prática, enérgica e intensamente, as soluções concertadas no gabinete.

FECHAR OS OLHOS É CRUELDADE

— O Brasil não se encontra no século XIX, no período de experimentação industrial: está no meado do século XX, em que aquela experimentação já deu resultados gerais, que precisam somente de ser aplicados, ou nunca o foram.

Faz um gesto de desalento e prossegue:

— Fechar os olhos somente — e limito-me a considerar, apenas, esse

aspecto dos meios de comunicações da cidade do tumulto, que é o Rio — fechar os olhos, é uma insensatez e uma crueldade.

«DETALHE, NÃO É COMIGO...»

Voltamos a insistir em saber se algum plano especial está nas cogitações de sua excelência, mas Gilberto Amado excusa-se, com dignidade:

— Quanto aos detalhes, isto não é comigo... Mas com os responsáveis imediatos, a quem incumbe ouvir o que o povo murmura e sofre, e nós, os homens de observação e sensibilidade, formulamos.

PROBLEMAS IGUAIS

Preparando-se para sair, e enquanto ajeita a gravata, confessa o diplomata-economista:

— O problema dos transportes é igual ao problema da água, que por sua vez é igual ao problema do petróleo e... por aí adiante. Os nossos dirigentes sabem de tudo em todos os detalhes. Não há, por exemplo, quem ignore que um trabalhador na cidade perde, no transporte, metade do dia, na ida e volta para o trabalho — que dormem, alguns, 3 horas por noite, e só conseguem ver os filhos aos domingos e feriados... e que filhos!... magricelas, mal nutridos, tristes... na terra da alegria!

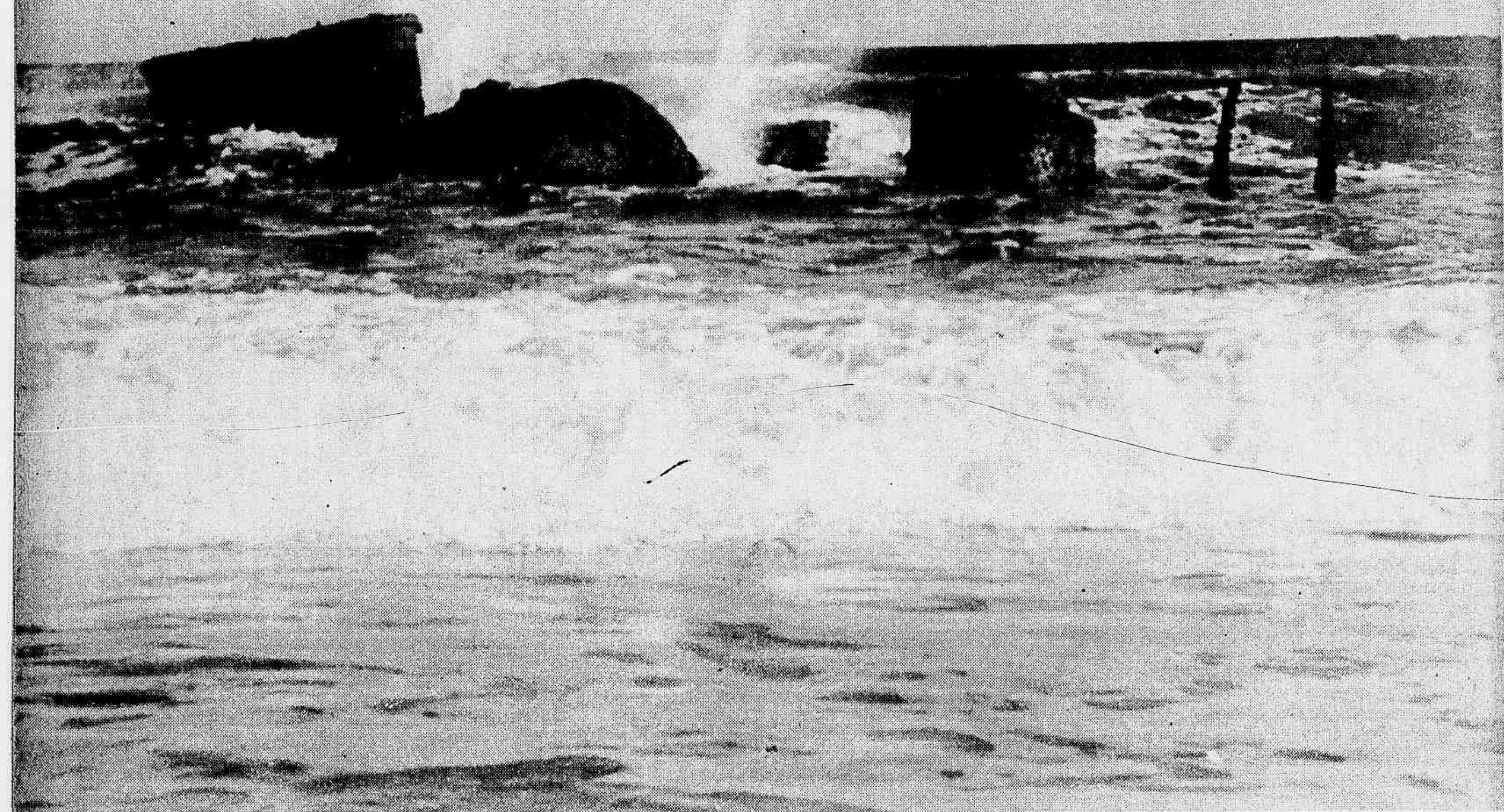
VELOCIDADE PARA O BRASIL

— Mas, na China a coisa era muito pior, seu moço... E, no entanto, veja como hoje enfrentam o problema... No interregno da primeira guerra mundial, o Brasil teve tempo de sobra para realizar seu progresso de modo paulatino e sereno. Mas, agora, a coisa é muito outra... Num mundo revolvido pelos mais poderosos deslocamentos de forças de que há memória, a corrida para os grandes objetivos históricos de cada povo exige muito mais velocidade. E' o nosso caso. E' o caso do Brasil.

— E' preciso acelerar?...

— E'. E' isso mesmo. Não! — Corrige, prontamente. Acelerar o Brasil é «slogan» de propaganda política.

«E' preciso dar velocidade ao Brasil para que ele não perca a corrida histórica» — conclui, encabulado Gilberto Amado, com a «gaffe» que ia cometendo.



A notícia correu célere pela cidade inteira: um submarino nazista, afundado pela aviação brasileira em tempos de guerra, fôra arrastado pelas correntes marítimas e encalhara em um êrmo local da costa baiana. Seus destroços, varridos pelas ondas, já tinham sido fotografados, e o Ministério da Marinha examinava com cuidado as fotos, batidas de bordo de um avião de reconhecimento. Por alguns dias esperou-se com ansiedade o resultado, que viria confirmar, ou destruir, a hipótese primeiro difundida. Entrementes, jornais enviavam para o local fotógrafos e repórteres. Enfim, pronunciou-se a Marinha: não era um submarino,

mas sim as caldeiras, carcomidas pelo sal do mar, e enegrecidas pela fumaça, de um velho cargueiro brasileiro, o «Fagundes Varella», naufragado há vários anos próximo ao litoral baiano. Pela fotografia acima, poderão os leitores verificar que havia de fato motivos para se acreditar tratar-se de um submersível. A disposição das caldeiras, o bojo cilíndrico das tubulações, até mesmo dois ferros proeminentes, à superfície da água, tudo fazia supor que se tratava, de fato, de um dos perigosos barcos de guerra que, até 1945, infestavam os mares do Atlântico. (Foto «Tribuna da Imprensa»).

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO:
AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — Nº 1 — Rio de Janeiro — 7-1-1956

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente.....Gratuliano Brito
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade.....J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores.....S. L. Guimarães A. Mendes,
S. Sant'Anna e A. Nóbrega
ENDERECO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 18
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

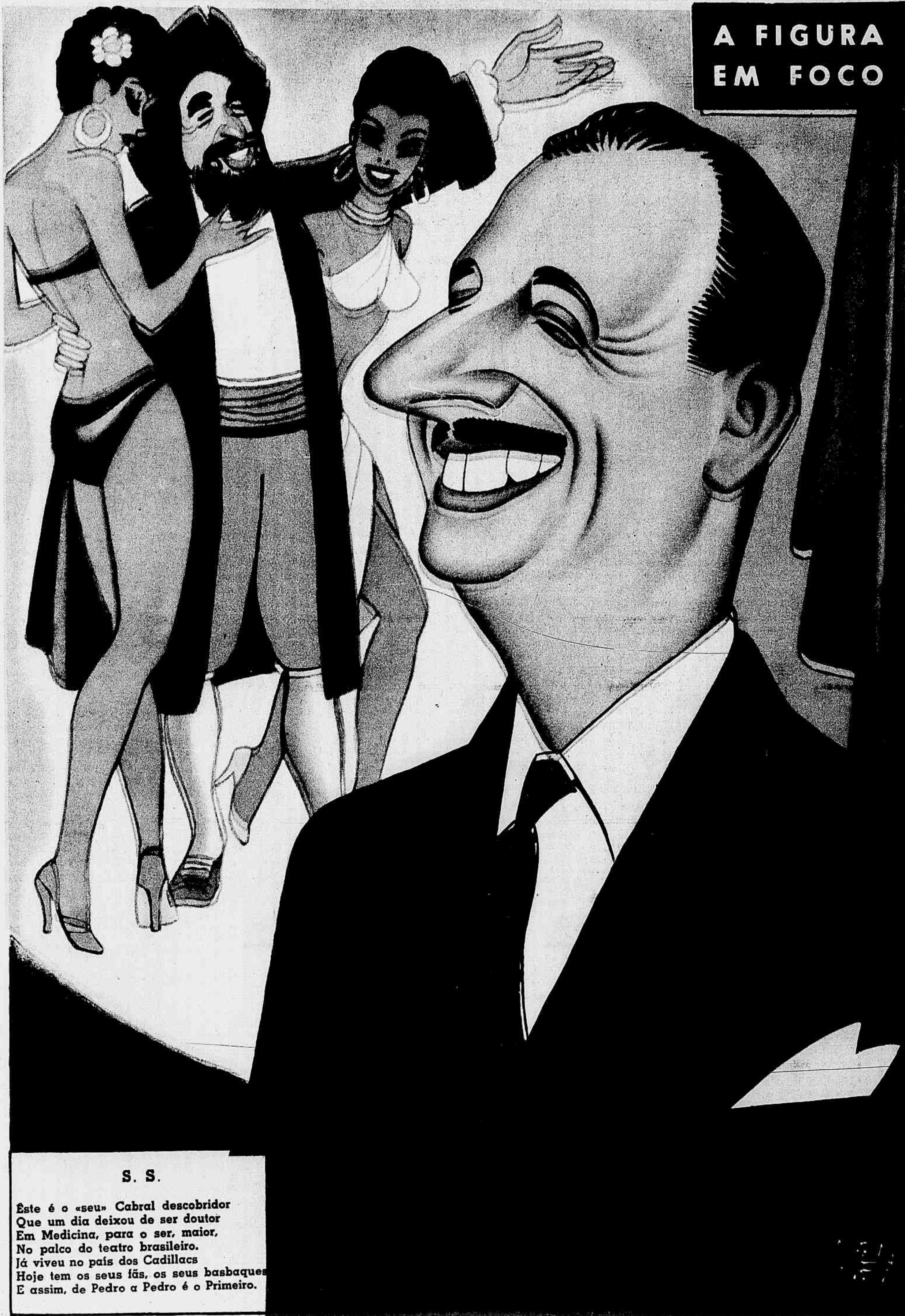
Porte simples — Um ano..... Cr\$ 350,00
Seis meses..... Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano..... Cr\$ 380,00
Seis meses..... Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano..... Cr\$ 500,00
Seis meses..... Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 9,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Se publicarmos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A FIGURA EM FOCO



S. S.

Este é o «seu» Cabral descobridor
Que um dia deixou de ser doutor
Em Medicina, para o ser, maior,
No palco do teatro brasileiro.
Já viveu no país dos Cadillacs
Hoje tem os seus fãs, os seus basbaques
E assim, de Pedro a Pedro é o Primeiro.



De GABRIELA ZAPOLSKA

Ilustração de RAMÓN

ZOSKA LUDWINKA era uma moça pobre. Tudo o que possuía carregava sobre seu corpo: alguns trapos e roupas, numa valise. Ganhara-os quando trabalhava, muito criança ainda, no campo. Uma criada de campo, que pouco pode fazer, não ganha muito: trinta florins por ano, e casa. E, para ganhá-los, levanta-se às quatro da manhã, limpa dez pares de calçados, arruma oito quartos e, no entretempo, prepara o almoço, para os empregados. Em seguida, dirige-se ao campo, levando a comida dos trabalhadores; se havia algo que fazer na cidade, dez quilômetros distante, enfia seu casaco e parte, o vento no rosto, a pé, pelas estradas. Era preciso vê-la, durante o verão, arar a terra como um verdadeiro tatu; e, no inverno, quando os lenhadores comercializavam com o patrão, ela se indignava com suas exigências, empunhava o machado, e cortava ramos, e empilhava montões de troncos! Tinha uma verdadeira febre de trabalho. Depois, subitamente, tudo passou. Ela caía, a primeira, na cama, e não se via mais que dois pés, dois pés negros, pois que Zoska apenas utilizava o sabão para lavar as mãos. E já lhes disse acaso de como falava? Por Deus! e que língua! uma verdadeira comadre.

Por isso, haviam-na remetido de um lado para o outro, e Zoska não reunira senão penosamente seu pequenino patrimônio. Contudo, que riquezas em sua valise! Quatro combinações, uma blusa de florinhas, um lenquinho de bolso, roubado, outro encontrado, uma velha caixa de papel achada sob uma janela, quatro rolhas de estanho e sobretudo quatro blusas de seda, que Zoska contemplava orgulhosamente, e que trajava sempre que desejava matar de inveja suas companheiras, nas procissões.

à noite. Compraram-lhe uma cama de seis florins, e um colchão. Ela logo arruma, rapidamente, suas roupas de cama, e sua maior felicidade é de sobre o leito, cabriolar, espichar-se, ou, com os dedos nos cabelos, arranjar uma boa intriga com a cozinheira.

A casa tem um cão, um grande buldogue de cauda aparada. Os patrões chamam-no «Dick», porém Zoska o apelidou de «Dickon», e o bicho passa momentos difíceis em suas mãos. Não se pode imaginar como um animal tão sem vergonha possa ter tantos tratos!

Zoska não tem admiração senão pela sua patroa. Porque raciocina que, mais uma patroa é grande dama, menos deve entender de cozinha; ora, a sua patroa nem sabe preparar ao menos batatas; logo, deve ser uma ilustre senhora da sociedade.

Preguiçosa, Zoska é-o agora ultrajosamente. Uma vez metida em seu leito, nem uma parelha de bois conseguiriam dali arrancá-la. E é assim que, por causa desse ótimo emprego; seus vícios crescem como erva daninha, e Zoska está arriscada a tornar-se, para o futuro, um monstro de perversidade.

A cozinheira tinha por amiga a criada do abade. Elos estreitos uniam as duas solteironas. Possuíam as mesmas dores de dente, e o mesmo amor pelas leituras interessantes, e emprestavam-se reciprocamente seus livros.

Numa tarde de domingo, a cozinheira voltava com um livrinho de capa branca: era a vida de S. Zita, padroeira das empregadas. Mal havia ela lido algumas páginas, não pôde esconder sua alegria. Num canto da cozinha, dois pés emergiam das sombras, e um ruído característico de respiração denunciava a presença de um ser humano. Esquecida em seu

A TENTACÃO

Porque, apesar de sua feiúra, de seus olhos tortos, de seus poucos cabelos, Zoska era faceira, e provocava de boa vontade os rapazes...

Por causa disso, chegara mesmo a pagar caro, outrora. Tudo, porém, se arranjava bem: durante o inverno, um recém-nascido morre depressa, e, dos túmulos cobertos de neve, já nada mais resta na primavera. Não era isso acaso a felicidade, no fim das contas? Um infeliz de menos sobre a terra, e um cuidado poupado a uma jovem! Poderia acaso Zoska comprar, algum dia, valises, travesseiros, colchas? Só Deus sabe, porém, a consideração que têm os patrões para com os empregados que possuem essas coisas! Assim, Zoska era orgulhosa, arrogante, apesar de sua feiúra e de sua falta de asseio.

Um belo dia, Zoska veio ter a uma excelente propriedade. Já não dorme em estábulos, não mais conduz vaquinhas ao campo: fica na casa para manter o fogo, auxiliando a nova cozinheira que os patrões trouxeram de Leopold. A cozinheira é uma solteirona que vive a gemer e que leva plumas em seu chapéu... Mata de rir os camponeses, durante a missa. Madame e Monsieur jamais bisbilhoteiam o que se desenrola na cozinha. Zoska não encera mais, não arruma, e come da manhãzinha até

travesseiro de penas, o camisolão balançando em seu corpo. Zoska olhava, com seus olhos vesgos, Dickon adormecido sobre um caixote de madeira.

— Zoska! chamou a cozinheira, furiosa por ter de interromper sua leitura.

Um grunido foi a única resposta.

— Dormes?

— Porque achas tu que durmo?

— Bem, ouve.

— O que?

— Sabes quem foi santa Zita?

— Não.

— Era uma criada, como tu e eu.

— Sim?... disse Zoska, incrédula, sorrindo. Como se os santos andassem de camisolão, como eu e tu, dona Marynia, e não em um halo de luz, com coroas sobre a cabeça, lírios nas mãos e no meio dos anjos!...

Marynia mostrou o pequenino livro.



— Aqui está escrito. Santa Zita era uma criada; serviu por trinta anos em uma mesma casa, e, por sua boa conduta, mereceu ser santa.

Zoska, impaciente, bate com o pé na borda do leito.

— Não é possível! Uma santa não ordenhava vacas, não descascava batatas!

— É o que está escrito.

Porém, Zoska, por tudo o que está escrito, professa um fundo desprezo.

— Quem é o doido que escreveu tantas tolices? Tantas mentiras?

— Tolices! Mentiras! respondeu a cozinheira; foi o abade quem me emprestou o volume.

Zoska fôra vencida. Se o próprio abade emprestara o livrinho, então... A perturbação revolve sua alma simples. Uma santa, criada! Criada, percebendo trinta florins por ano!... E tôda a vida economizando para comprar um catre... Ah! como imaginara as santas diferente, outrora! Sentou-se no leito, seus olhos se dilatam na ânsia de compreender, e após, um desejo louco de convencer-se dela se apossa. Sabe ler, como não? mas muito devagar; prefere mais ouvir. E se dona Marynia lesse para que ela escutasse? — Pronuncia o «dona» em tom tão respeitoso, que a

cozinheira, que não esperava senão por essa oportunidade, logo principia a ler. E no silêncio da cozinha, entrecortada pelo tic-tac do relógio e pelo resfolegar do cão, sua voz se eleva, titubeante, contando como era pura Santa Zita, humilde, laboriosa, paciente e devotada aos patrões.

Aqui a cozinheira levanta a mão.

— Ela não discutia!

— Não discutia, porque não a provocavam!

— Mas, claro que a provocavam!

— A cozinheira?

— A cozinheira e todo o mundo. Mas ela, a santa, oferecia tudo a Deus... e até fazia o serviço dos outros.

— Até o da cozinheira?

— Até o dela. O que muito agradava a Deus. E até à morte conservou-se virgem, pois Deus assim prefere, e põe as Virgens bem junto ao seu trono.

— As camponesas?

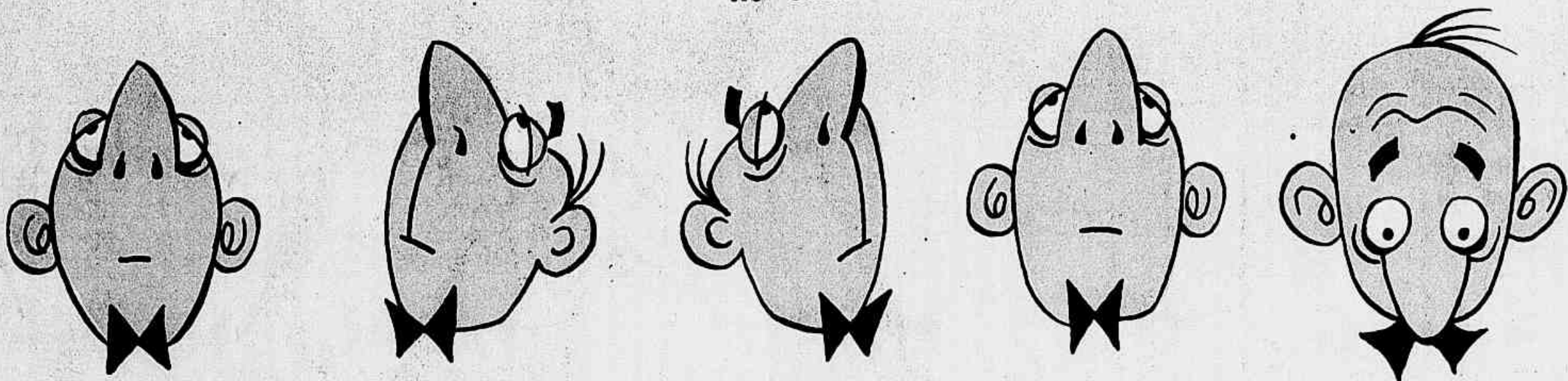
— Sim, mas só as que nunca pecaram...

(Continua na página 44)

FORTUNA (limpando os óculos) **APRESENTA**

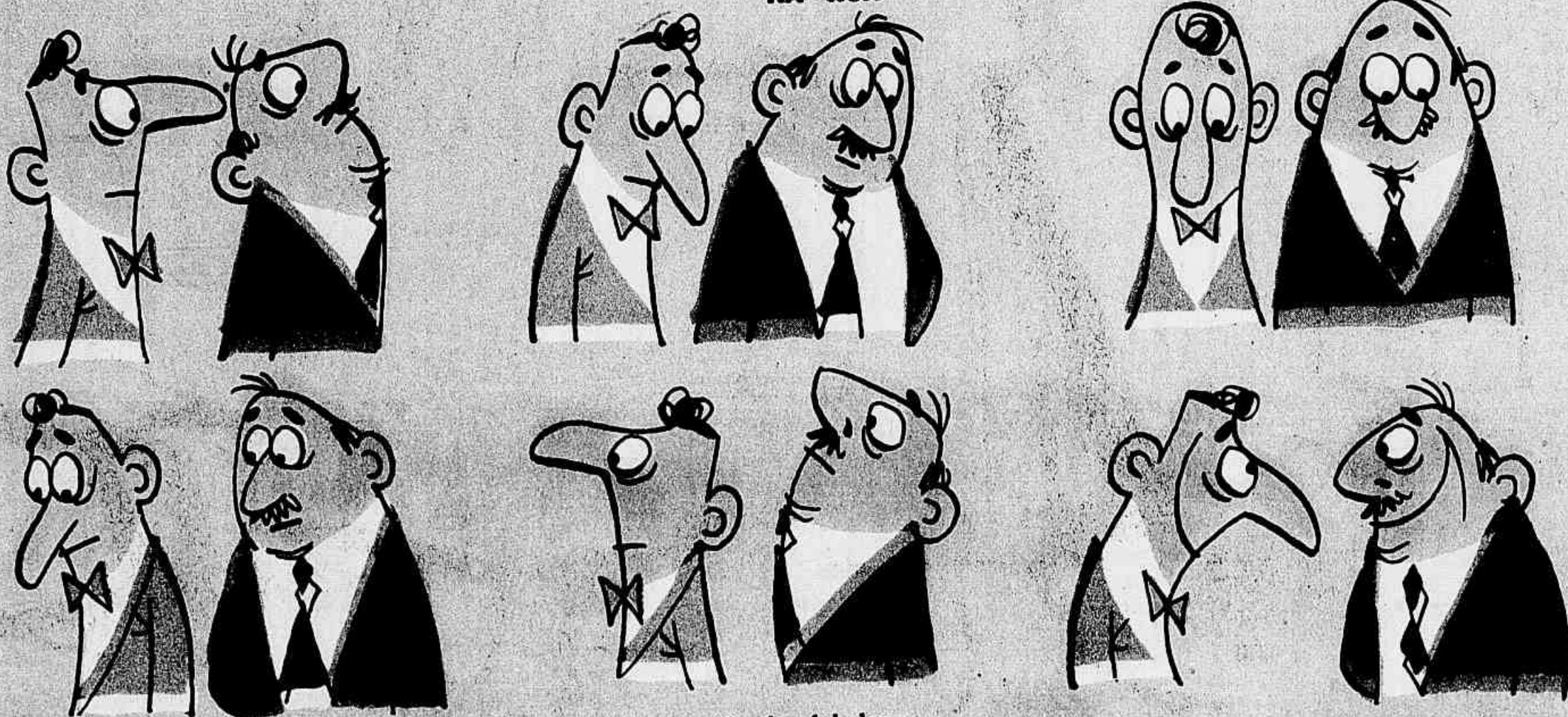
Vejam os que vêem

NO CIRCO



A queda do trapezista.

NA RUA



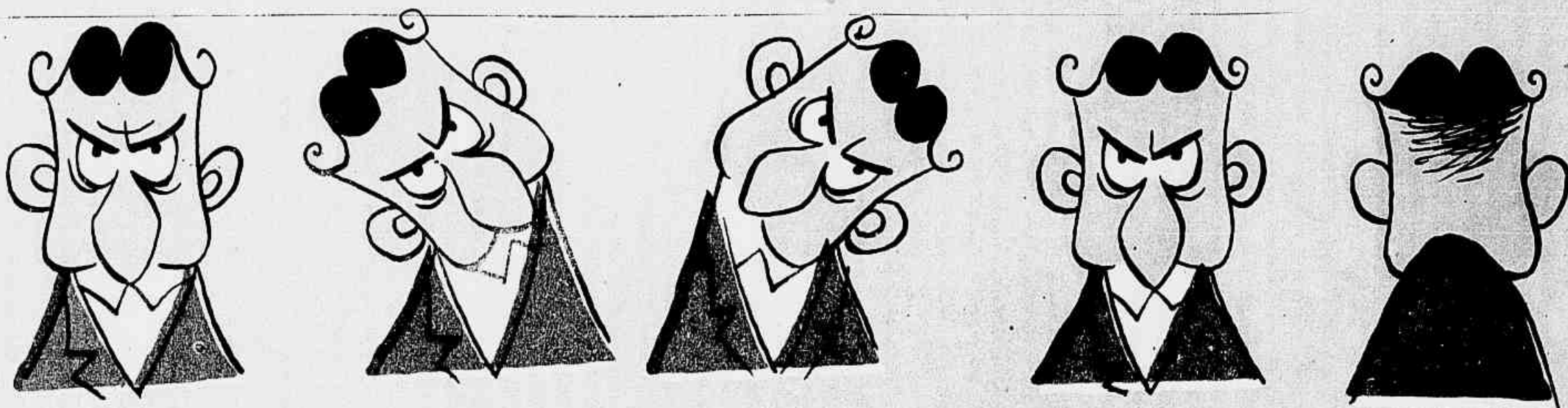
Garôta fabulosa.

DIANTE DA VITRINA



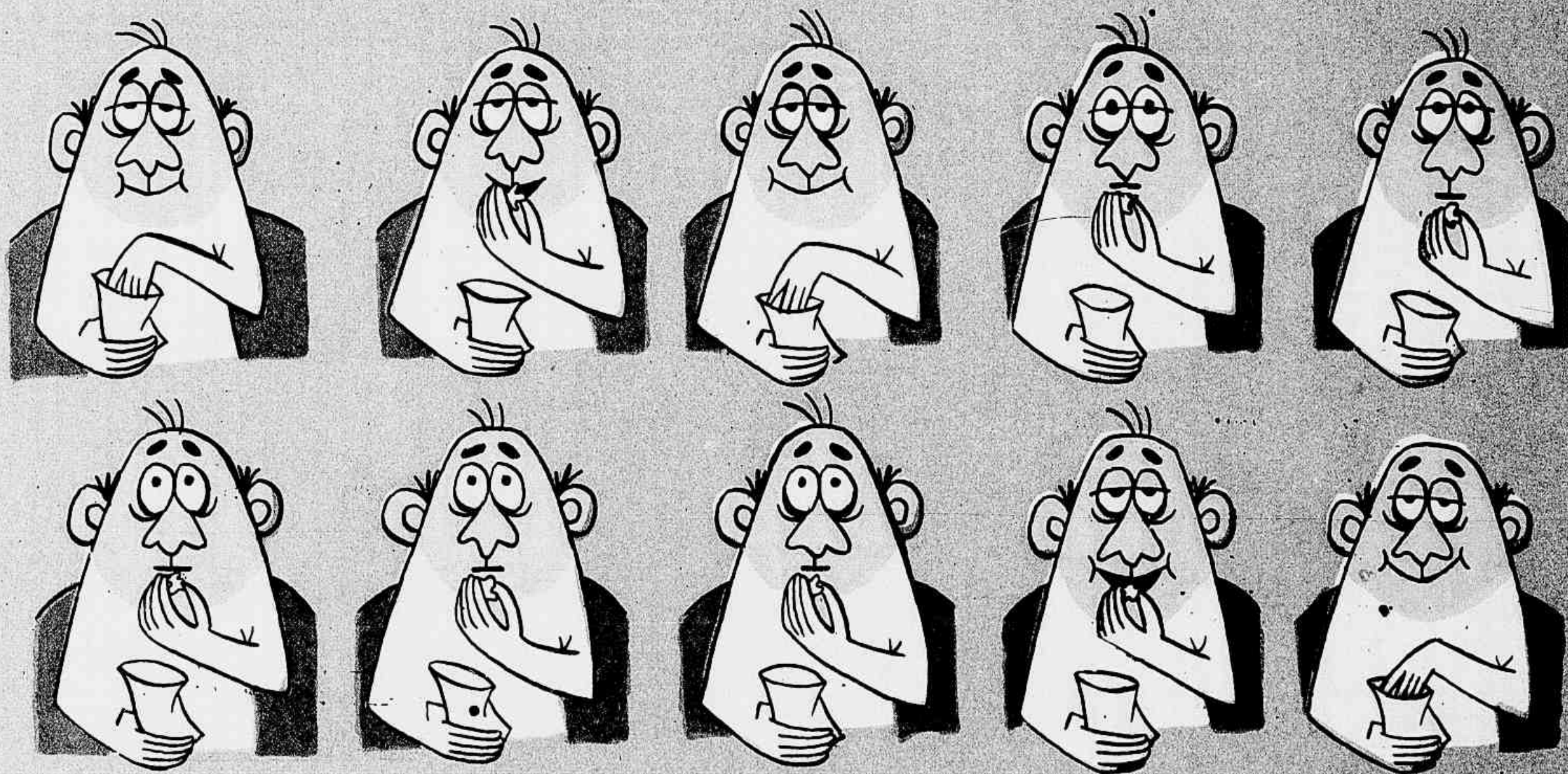
Os vestidos e os preços.

NA EXPOSIÇÃO



Pintura abstrata.

NO CINEMA



"Suspense" e "happy end".

NO CORREDOR



O quarto da vizinha.

ASSINATURA DO

Diário de Notícias

Faça uma assinatura do «DIÁRIO DE NOTÍCIAS» e receba em sua casa o matutino mais moderno, mais bem informado e independente do Distrito Federal.

SOLICITE, ainda hoje, a inclusão de seu nome entre os nossos assinantes, e terá

- * o melhor noticiário internacional
- * o magnífico suplemento literário e feminino
- * as histórias infantis, em 4 cores
- * informações precisas sobre o movimento da Prefeitura e Ministérios e
- * todos os assuntos de interesse dos seus negócios e de sua família

Para sua Comodidade
Procure a Nossa
Agência à
Av. Rio Branco
133, em frente à Galeria
dos Empregados
no Comércio

A «S. A. DIÁRIO DE NOTÍCIAS»
Rua da Constituição, 11 —
Rio de Janeiro

Solicito inscrever-me entre os assinantes do «Diário de Notícias».
A importância da assinatura será remetida através de cheque,
vale postal ou dinheiro, no valor de Cr\$ 300,00 para 1 ano e Cr\$
150 para 6 meses.

NOME

RUA

CIDADE ESTADO